

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONALIZANTE EM  
PATRIMÔNIO CULTURAL**

**JOGOS E ENSINO DE HISTÓRIA: UMA PROPOSTA  
DE RECONHECIMENTO DO PATRIMÔNIO  
CULTURAL ATRAVÉS DOS 7 POVOS DAS MISSÕES**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**Tainá Severo Valenzuela**

**Santa Maria, RS, Brasil  
2013**

# **JOGOS E ENSINO DE HISTÓRIA: UMA PROPOSTA DE RECONHECIMENTO DO PATRIMÔNIO CULTURAL ATRAVÉS DOS 7 POVOS DAS MISSÕES**

**Tainá Severo Valenzuela**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
Profissionalizante em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de  
Santa Maria, como requisito parcial para a obtenção do grau de **Mestre  
em Patrimônio Cultural**

**Orientador: Prof. Dr. Júlio Ricardo Quevedo dos Santos**

**Santa Maria, RS, Brasil  
2013**

**Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Ciências Sociais e Humanas  
Programa de Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio  
Cultural**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,  
aprova a Dissertação

**JOGOS E ENSINO DE HISTÓRIA: UMA PROPOSTA DE  
RECONHECIMENTO DO PATRIMÔNIO CULTURAL ATRAVÉS DOS 7  
POVOS DAS MISSÕES**

elaborado por  
**Tainá Severo Valenzuela**

como requisito parcial para obtenção do grau de  
**Mestre em Patrimônio Cultural**

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

**Júlio Ricardo Quevedo dos Santos, Dr. (UFSM)  
(Orientador/Presidente)**

**André Ramos Soares, Dr. (UFSM)**

**Aristeu Castilhos da Rocha, Dr. (IFFarroupilha/JC)**

**Maria Medianeira Padoin, Dr. (UFSM)**

Santa Maria, 30 de julho de 2013

*Dedico este trabalho a todas as Prendas que, como eu, não foram 1<sup>as</sup> Prendas do Rio Grande do Sul. Mas foram muito mais do que isso.*

## **Agradecimentos**

À bela e majestosa Universidade Federal de Santa Maria, por abrigar meus sonhos e me apresentar um universo de possibilidades que eu não ousaria imaginar.

Ao professor Júlio Ricardo Quevedo dos Santos, pela confiança, carinho e respeito, por me orientar neste trabalho e conduzir a minha trilha para que eu pudesse ser digna do título de mestre. Por ter acreditado em mim quando poucos teriam feito isso. Muito obrigada.

Aos professores que integraram esta banca, por tamanho brilhantismo em suas carreiras e por terem colocado seu tempo e conhecimento à disposição para a conclusão deste mestrado: André Ramos Soares, Aristeu Castilhos da Rocha e Maria Medianeira Padoin.

Minha mãe, Greici, por me fazer acreditar que eu posso ser o que eu quiser. Meu alento, meu sossego, meu colo, meu sustento, minha vida.

Meu pai, José Carlos, por dar guarida às minhas lutas, por querer me mostrar o mundo mesmo quando eu já o conhecia. Pela sobriedade pra me conduzir.

Vó Leisa, por tamanha grandeza e pela bondade de permitir-se viver em mim.

Meu namorado, Marlon Hilgert Arenhardt, por ser muito mais que eu ousaria desejar. Por estar comigo, me fazer sentir viva, me fazer sentir segura, me fazer feliz. Por não temer meus medos, por rir das minhas manias. Por, além de me amar, me provar isso todos os dias. Que eu sempre saiba te retribuir. Eu te amo muito.

Meus primos e meus tios da família Valenzuela, pelo orgulho que demonstram sentir por mim. Saibam que penso em vocês quando preciso me sentir capaz. Vocês estão em mim todos os dias da minha vida, não me canso de amá-los.

Meu irmão, Guilherme, por me deixar saber que sempre estará por mim. Pela mão pra lutar e viver lado a lado.

Minha família Severo, por serem o elo com o que há de mais verdadeiro na minha história.

Luciano Pes, palanque de força e caráter a quem devoto, incondicionalmente, toda minha amizade. Nem uma dissertação ou tese teriam páginas suficientes para expressar o quanto te quero bem e o quanto és importante na minha vida. Obrigada por me oferecer um exemplo o qual não tenho medo de seguir.

Anicéli de Matos Lautenchleger e Ivan Leonardo Machado, por não terem pensado duas vezes aos nos oferecer guarida, ajuda e a vossa amizade.

Luciane Pagliarini, por ser a minha “luzinha” e Indira Cáceres. Pela amizade, pelo respeito, pelo companheirismo, pela presença de vocês a me fazer forte.

Mauri Hilgert Arenhardt, por me aceitar na casa que também é tua sem nunca me questionar nada. Teria sido bem mais difícil sem a tua consideração.

Marcos Oliveira Júnior, por ter sido um amigo muito presente nas horas em que mais precisei. Pela cumplicidade nascida entre nós que simboliza a amizade e o respeito mútuos (quase sempre!). Pelas ajudas técnicas e pelas dicas econômicas.

Aos integrantes do meu querido DTG Noel Guarany, por serem aqueles que se fazem presentes em cada um dos melhores momentos que vivo. Cada olhar de vocês a demonstrar que confiam em mim é o que me dá segurança pra cada novo passo. Eu quero sempre orgulhar vocês. E um beijo especial aos meus “Faladores”.

À Aristela Andrade, por ter optado em ser uma profissional de qualidade e, através disto, ter me dado a chance de eu ser quem eu sou.

Ao Francisco Giraldi e à Sibebe Righi Scaramussa, por terem emprestado sua competência no desenvolvimento do meu trabalho, aliado à amizade.

Anna Lúcia Marquezan e Vanessa Simas, aquelas a quem a vida me fez tão igual. Obrigada por termos criado laços mais fortes que o tempo e a distância, por termos enfrentado juntas todas as provações que nos deram medo da vida e da morte. Obrigada por serem minhas mães e minhas filhas, por serem as minhas amigas, por serem as minhas irmãs.

Aos amigos que a vida me deu há cerca de 20 anos e, por ainda se fazerem presentes, me permitem a benção de saber nunca estar sozinha: Anna Lúcia, Bim, Carol, Delano, Fredy, Geruza, Laura N., Laura S., Vanessa e Yuri. São meu passado, meu presente e meu futuro mais seguro.

Ao Centro de Ciências Rurais, que preencheu todas as minhas horas sendo o esteio dos meus projetos mais fortes (e mais bonitos), abrigando o DTG Noel Guarany. E por me acolher como se eu fosse uma de suas alunas.

A cada um dos meus alunos do Colégio Coração de Maria, por tanto que vocês me ensinaram ao longo destes dois anos, por vocês exigirem de mim ao extremo, fazendo com que eu me conheça ainda mais. Por cada gesto de carinho de vocês e por cada momento vivido em sala de aula. Vocês me fizeram crescer demais.

*“Esta terra, este sangue  
Este grito dos que lutam:  
Afluentes do meu coração”*

*Autor desconhecido, em “7 vezes”*

## **RESUMO**

Dissertação de Mestrado  
Programa de Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural  
Universidade Federal de Santa Maria

### **JOGOS E ENSINO DE HISTÓRIA: UMA PROPOSTA DE RECONHECIMENTO DO PATRIMÔNIO CULTURAL ATRAVÉS DOS 7 POVOS DAS MISSÕES**

AUTORA: Tainá Severo Valenzuela  
ORIENTADOR: Dr. Júlio Ricardo Quevedo dos Santos  
Santa Maria, 30 de julho de 2013.

Este trabalho apresenta a estrutura e desenvolvimento de um jogo online que visa ser utilizado como suporte didático para professores, alunos e interessados nas questões referentes à História das Missões no Rio Grande do Sul. O jogo transcorre instigando uma avaliação crítica do seu jogador, em um processo onde possa compreender a história através de sua sociedade e de suas relações culturais. Este trabalho surgiu em função de uma investigação feita em livros didáticos de diversas editoras que circulam pelo Brasil e em provas de concursos de prendas e peões promovidos pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho, que nos fizeram concluir que a história das Missões Jesuíticas que se desenrolou no território onde hoje é o Rio Grande do Sul (conhecida como a história dos “7 Povos das Missões”) tem sido ensinada e reproduzida de forma vulgar e sem explorar os trâmites culturais e sociais do qual a história dispõe. Demonstramos a forma como compreendemos o período missionário, dentro das relações sociais desenvolvidas, das especificidades culturais que se fizeram características do período e das condições humanas que permeiam este e qualquer momento histórico.

Palavras-Chaves: Rio Grande do Sul, História, 7 Povos das Missões, Educação, Livro Didático, Movimento Tradicionalista Gaúcho, Jogo Didático.



## **ABSTRACT**

Master's Dissertation  
Graduate Vocacional Program in Cultural Heritage  
Universidade Federal de Santa Maria

### **GAMES AND TEACHING OF HISTORY: A PROPOSAL FOR RECOGNITION OF CULTURAL HERITAGE THROUGH THE 7 MISSIONAIRE PEOPLE**

Author: Tainá Severo Valenzuela  
Leader: Dr. Júlio Ricardo Quevedo dos Santos  
Santa Maria, July 30, 2013.

This paper presents the structure and development of an online game that aims to be used as an educational support for teachers, students and other people interested in themes related to the History of Missions in Rio Grande do Sul. The game takes place inciting a critical assessment of their player, in a process where they can understand the history through its society and its cultural relations. This work was triggered by an investigation made in textbooks published by different editors in Brazil and in tests applied in competition of "Prendas" and "Peões" promoted by Gaucho Traditionalist Movement (MTG) that made us conclude that the history of the Jesuit Missions that unfolded in the territory where today is the Rio Grande do Sul (known as the history of "7 Missionarie People ") has been taught and played in a vulgar way, without exploring the cultural and social procedures which the history has. We demonstrate how we understand the missionary period, within the social relations developed, the specific cultural characteristics of the period, the human condition that pervade it and any historical moment.

Word-Keys: Rio Grande do Sul, history, 7 Missionarie People, Education, Textbook, Movimento Tradicionalista Gaúcho, Didactic Game.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>2. CONSIDERAÇÕES ACERCA DA HISTÓRIA DAS MISSÕES JESUÍTICAS NO RIO GRANDE DO SUL E REVISÃO BIBLIOGRÁFICA</b> .....	20
<b>2.1 A Europa ao término da Idade Média</b> .....	20
<b>2.2 América, no mesmo período, sem se chamar América</b> .....	22
<b>2.3 Os 7 Povos das Missões, hoje</b> .....	27
2.3.1 Santo Ângelo Custódio.....	28
2.3.2 São João Batista.....	30
2.3.3 São Miguel Arcanjo.....	32
2.3.4 São Lourenço Mártir.....	35
2.3.5 São Nicolau.....	37
2.3.6 São Francisco de Borja.....	39
2.3.7 São Luiz Gonzaga.....	42
<b>2.4. Revisão bibliográfica e comentários</b> .....	44
<b>3. O ENSINO DA HISTÓRIA DOS 7 POVOS DAS MISSÕES: UMA ANÁLISE DE LIVROS DIDÁTICOS UTILIZADAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA E DO MODELO ADOTADO E REPRODUZIDO PELO MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO</b> .....	65
<b>3.1 Análise do conteúdo sobre os 7 Povos das Missões em livros didáticos utilizados na educação básica</b> .....	66
3.1.1. Coleção “Eu gosto m@is”.....	67
3.1.2 Coleção História – Sociedade e Cidadania.....	69
3.1.3. Coleção Radix.....	74
3.1.4. Projeto Télaris.....	78
3.1.5. Coleção Para Viver Juntos.....	81
3.1.6. Coleção Araribá.....	85
3.1.7. Análise final sobre as obras estudadas.....	90
<b>3.2. Análise questões de provas de concursos de prendas e peões do MTG sobre os 7 Povos das Missões</b> .....	91
3.2.1. Ano de 2003.....	93
3.2.1.1. Concurso de Prendas – Fase Estadual, categoria Adulta.....	93
3.2.1.2. Concurso de Prendas – Fase Regional, categoria Adulta.....	95
3.2.2. Ano de 2004 – Concurso de Prendas – Fase Regional, categoria Adulta.	96
3.2.3. Ano de 2005.....	97
3.2.3.1. Concurso de Prendas – Fase Regional, categoria Juvenil.....	97
3.2.3.2. Concurso de Peões – Fase Regional, categoria Adulto.....	98
3.2.4. Ano de 2007 – Concurso de Prendas – Fase Estadual, categoria Juvenil.	99
3.2.5. Ano de 2008 – Concurso de Prendas – Fase Regional, categoria Juvenil	100
3.2.6. Ano de 2009 – Concurso de Prendas – Fase Regional, categoria Adulta.	101
3.2.7. Ano de 2010 – Concurso de Prendas – Fase Estadual, categoria Adulta..	102
3.2.8. Ano de 2012 – Concurso de Peões – Fase Regional, categoria Adulto.....	103

3.2.9. Ano de 2013.....	104
3.2.9.1. Concurso de Prendas – Fase Estadual, categoria Juvenil.....	104
3.2.9.2. Concurso de Prendas – Fase Regional, categoria Mirim.....	105
3.2.9.3. Concurso de Prendas – Fase Regional, categoria Adulta.....	105
3.2.10. Considerações gerais sobre as provas observadas.....	107
<b>3.3. Transformar a forma de ensinar a história das Missões: reconhecendo o Patrimônio Cultural.....</b>	<b>107</b>
<b>4 – PATRIMÔNIO, HISTÓRIA, LÚDICA E INTERNET: AS CHAVES DE UMA FERRAMENTA DE ENSINO SOBRE AS MISSÕES NO RS.....</b>	<b>109</b>
<b>4.1. Ensinar e aprender: as possibilidades da lúdica e da internet na educação.....</b>	<b>109</b>
<b>4.2. O jogo: nossa ferramenta propondo uma forma de ensino crítica e humanizada das Missões Jesuíticas no Rio Grande do Sul.....</b>	<b>111</b>
4.2.1. Acesso e boas-vindas à página.....	112
4.2.2. Orientações.....	113
4.2.3. 1ª fase – A chegada do Guarani no atual RS.....	114
4.2.4. Contextualização.....	116
4.2.5. Recebendo a missão.....	117
4.2.6. 2ª fase – Negociando com os indígenas.....	118
4.2.7. 3ª fase – Construção da Igreja.....	120
4.2.8. 4ª fase – Implantação da lavoura.....	122
4.2.9. 5ª fase – Colocação da cruz.....	123
4.2.10. 6ª fase – Construção da casa dos indígenas.....	124
4.2.11. 7ª fase – O auge.....	125
4.2.12. 8ª fase – Contexto Histórico.....	126
4.2.13. 9ª fase – O Tratado de Madrid.....	127
4.2.14. 10ª fase – A Guerra Guaranítica.....	129
4.2.16. Reflexão – O indígena hoje.....	132
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>134</b>
<b>6. LITERATURA CITADA – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>139</b>

# 1 – INTRODUÇÃO

Esta dissertação é fruto das opções que fiz para minha própria vida, em uma trajetória que eu emoldurei a partir da dança. Não é a dança objeto deste trabalho, mas os caminhos pelos quais me conduzi foram através dela. O ballet que me acompanhava desde os 4 anos foi abandonado assim que mudamos de Porto Alegre, onde vivi os primeiros 7 anos da minha vida, para minha cidade natal, Rosário do Sul. Não havia esta modalidade de dança no interior (não naquele interior). A busca por espaços onde eu pudesse dançar me levaram às academias de jazz e ritmos, até que eu chegasse aos Centros de Tradições Gaúchas. Ingressei em um CTG, o “CTG Querência do General Abreu” com 12 anos. Lentamente passei a notar que alguns refrões me provocavam arrepios, me comoviam além daquilo que eu já apreciava, o gosto pelo ato de dançar.

Em 2 anos o grupo do CTG acabou sendo extinto e troquei de entidade, indo para o “Grupo Raízes de Arte e Tradição”. Meu desejo já era o de saber mais um pouco sobre aquilo que eu fazia, e por que aquilo que emocionava. A palavra “cultura” me instigava cada vez mais. Nesta nova entidade, me perguntaram<sup>1</sup> se eu queria estudar para ser prenda. Gostei da ideia. Concorri e ganhei. Descobri a passo algumas das milhares de coisas interessantes sobre história e o quanto eu não sabia nada sobre elas. Comecei a ver que a tal de cultura não era apenas “tomar mate”. E decidi que eu queria falar às pessoas sobre isso, sobre estas coisas todas tão fascinantes. Dançando, me tornei prenda, ao ser prenda, me cobrei aprender a “cartilha” de ensinamentos tal qual propunha o Movimento Tradicionalista Gaúcho, órgão norteador das entidades tradicionalistas. Livros, história, tradicionalismo, folclore, cultura: tudo tinha uma forma de aprender, e uma fonte que parecia muito segura, inquestionável.

Eu lia e aprendia um pouco mais a cada livro, e eu queria vivê-los de uma forma mais concreta. Inseri-me na Associação Gauderiada da Canção Gaúcha, a associação responsável pela promoção de um festival de música nativista que acontece em Rosário desde 1983. Trabalhei em diversos setores

---

<sup>1</sup> Márcia Gomes é o nome da amiga que me fez o precioso questionamento.

do festival, e queria saber sobre o que tratavam todas aquelas músicas, que vinham com letras rebuscadas e cheias de conhecimento. O Grupo Raízes acabou se desintegrando, não apenas o grupo, mas a entidade inteira. Foi quando fui para o CTG Adaga Velha, CTG que me abrigou depois de muita resistência, até que acabou tendo tanto orgulho de mim quanto eu dele. O “Adaga” acabou sendo o solo onde amadureci e me fiz ainda mais Prenda.

Segui lendo, estudando, querendo entender mais, e comecei a colocar em dúvida algumas lições que eu já tinha assimilado como verdadeiras e imutáveis. Mas meus estudos tinham o compromisso de estarem dentro da ideia norteadora do MTG, e eu nem imaginava que existissem ideias diferentes! Segui concorrendo, e segui vencendo estes concursos. Representando o Adaga, fui 1ª Prenda do Município em Rosário do Sul, no ano de 2004, concorrendo com outras 15 prendas, representantes da maioria das entidades da cidade.

A diferença primordial deste para o meu primeiro concurso foi a de que, dentro do meu escasso conhecimento, comecei a questionar... Continuei a dançar, continuei nos espaços culturais, e comecei a fazer perguntas, para mim mesma e para os outros. E também para os livros que eu lia. Tomar mate era comum, preservar a cultura era outra coisa, e eu ainda não sabia o que era. A palavra “patrimônio” era, pra mim, associável apenas à prédios e lugares considerados históricos. Expressava um pouco destas reflexões no “O Pealo”, fui redatora de um jornal com este nome que falava somente sobre o Rio Grande do Sul (história, cultura, eventos...). Então não foi de repente que o desejo de cursar história nasceu em mim. Foi uma semente plantada e regada, a qual ainda não terminei de colher os frutos. E nem terminarei. Há de ser uma planta em constante germinação.

Parti a morar em Santa Maria, em agosto de 2005 (passei no vestibular para História no ano de 2006) e antes mesmo de descobrir o prédio onde eu iria estudar eu procurei uma entidade tradicionalista onde eu pudesse me inserir. Descobri que existia um departamento recém-fundado dentro da UFSM. O nome: Departamento de Tradições Gaúchas Noel Guarany. Antes de ser “bixo”, eu já havia me informado sobre outras entidades da cidade, famosas, mas os custos eram inviáveis para as minhas condições. E acabou sendo ali, naquele DTG, que encontrei pessoas que pareciam interessadas no que eu já

havia aprendido e também no curso que eu iria começar. E pareciam compartilhar das minhas dúvidas também. Eles me ajudaram a ampliar meus recém nascentes conceitos, como o de cultura. E assim, fazer história acabou sendo uma das partes fundamentais da minha história, com o perdão desta redundância tão clichê.

No início do curso, me deparei com alguns questionamentos que me fizeram perceber que as perguntas que eu fazia a mim e aos outros, tinham motivos de ser. Descobri que existiam correntes históricas, e a corrente em que eu estava imersa não fazia sentido pra mim. Descobri que existia mais de uma forma de ver e compreender a história, e eu estava no espaço metodológico errado pra mim. Foi assim que compreendi o que eram aqueles meus anseios e criei, para mim mesma, um norte que iria me guiar em tudo que eu pudesse fazer no tocante à História. Entendi o que eu pensava e concluí: A HISTÓRIA NÃO É FEITA DE FATOS. A HISTÓRIA É FEITA DE PESSOAS. E decidi que eram as pessoas que eu queria ver fazendo a História ter vida e se entrelaçar nos seus âmbitos culturais, sociais, políticos e econômicos, dentro de toda a sua complexidade.

Somando o que eu estava aprendendo dentro do curso com as vivências que minha nova entidade me trazia, passei a me preocupar a investigar um pouco mais sobre essas “pessoas”, as que estavam ocultas nos fatos. Os ditos “heróis” nunca me fascinaram. Contrariando muitos do meio em que eu vivia, eu, por exemplo, sempre entendi Anita Garibaldi como um símbolo da produção intelectual machista, que seleciona uma única mulher entre milhares para “heroificá-la” como se fosse um prêmio de consolação. E assim esta “heroína” é enaltecida, glorificada e se destaca. Tudo isso com um sobrenome herdado de um homem, de um “herói”, e que já era herói muito antes dela. Pra mim, um paradoxo onde o patriarcalismo e o machismo vinham disfarçados na figura de uma mulher.

Consegui me tornar crítica frente o meu minúsculo conhecimento. Um dos “conteúdos” que sempre me comoveu era a história dos chamados “7 Povos das Missões” e percebi, por exemplo, que saber de cór que o Povoado de São Borja fora o primeiro desses “7 Povos” e havia sido fundado em 1682 era muito pouco pra mim. Saber que havia existido uma guerra dos luso-espanhóis contra os missioneiros era simplório. Eu queria saber o que fazia

com que o patrono da entidade que eu havia escolhido pra mim tivesse optado por se assinar como Guarany. Quem eram eles, os Guaranis, afinal? Achar que eu sabia muito por saber que eles foram indígenas de um dos primeiros grupos que habitaram o Rio Grande do Sul (quando ele ainda nem existia) era ingênuo demais.

Entre saber o que eu queria fazer e fazê-lo, o caminho foi longo. No Trabalho de Conclusão de Graduação, consegui expressar um pouco destes anseios, misturando quase todas as bases que formaram a minha identidade (nativismo, tradicionalismo, música, dança – nunca esquecendo os refrões aqueles que já haviam me causado arrepios enquanto eu desenhava alguns passos coreografados...). No meu recorte da monografia, trabalhei com história e música, remontando o meu apego pela questão da musicalidade desde os tempos da Gauderiada, e busquei onde estava, nas composições nativistas do Rio Grande do Sul, o reflexo das pessoas que eu acreditava serem a história. Chamei-os de “anônimos”. Foi assim que foi elaborado o trabalho “Personagens anônimos da história Rio-Grandense e seu reflexo no contexto musical nativista do Rio Grande do Sul”, onde dez composições foram analisadas, escolhidas conforme o momento histórico que retratavam. Descobri e demonstrei que muitos indivíduos entendiam a história como eu, feita de pessoas, mesmo que estas pessoas não tenham tido suas identidades salvas pela historiografia. A diferença destes indivíduos para mim (percebo hoje) é o talento deles para a área da música, já que se valeram brilhantemente dela e dos espaços que ela dispõe para expressar as formas como entendiam o transcorrer de sua própria história.

A grande parte dos meus anseios desde o início do curso até o ingresso do mestrado<sup>2</sup> visava um “mudar” (um instinto – pseudo – revolucionário que alguns sinalizam em mim): mudar o entendimento das pessoas acerca do “ver” a história, mudar os formatos estáticos de compreensão, mudar as “cartilhas” que falam de história dentro do tradicionalismo, mudar as bibliografias utilizadas em concursos de prendas e peões, mudar os próprios concursos de prendas e peões, mudar o jeito de olhar para história, enfim, mudar alguma

---

<sup>2</sup> Período em que se estendeu entre os anos de 2006 e 2011, em que continuei dançando e também, realizando pesquisas históricas para grupos de danças elaborarem seus contextos de coreografia.

coisa que pudesse trazer as pessoas (do antes e do hoje) pra dentro da história. Em algumas ocasiões foi possível fazermos isso, mostrar estas pessoas, como com os Desfiles Temáticos de Santa Maria do dia 20 de Setembro. Com o DTG, utilizamos o tema que anualmente é indicado pelo MTG e o trabalhamos da forma que achamos mais adequada com nossa linha de raciocínio. Em 2009, o tema era “Os Farroupinhas e suas Façanhas”. Trabalhamos todos os “fatos” orientados pelo Movimento, mas mudamos todos os personagens indicados por ele. Utilizamos soldados, lanceiros, vivandeiros, mascates... E vencemos o desfile, com os cumprimentos de muitos que diziam “história é isso daí”.

Com o mestrado em andamento, bem em sua fase inicial, comecei a dar aula. Professora, quem diria. Formei-me para isso, eu sei, mas chegar ao momento em que me tornei professora efetivamente foi quase um choque (mesmo que não devesse ser). Então o leque das minhas reflexões se ampliou imensamente.

Mudar os concursos de prendas ou peões seria apenas o fim de um longo processo. O problema se encontra no cerne da educação. O modelo de ensino de história que vem sendo reproduzido em diversos lugares reflete a ótica dos fatos, não a das pessoas. Eis que encontrei o elo perdido dos meus anseios: a educação. Existe uma grande parcela de elementos (desde os professores até os recursos didáticos – como o livro –, e midiáticos) que ainda produz e reproduz um modelo de ensino de história a priorizar os fatos e seus ditos heróis. Percebi que o formato de história que me acompanhou por toda a vida (e que me deixava tão insatisfeita) é o modelo que ainda vigora em muitos espaços. Não adianta mudar bibliografias se as pessoas não as compreenderem, ainda mais se não forem ensinadas na Escola que existem outras possibilidades na compreensão da história. O MTG não vai mudar se as crianças ainda aprendem história como alguns aprenderam 50 anos atrás.

Diante desta trajetória fiz a minha obra de arte. Nesta tela, o pano de fundo é um pé de bailarina. A moldura é um gosto inenarrável pelas coisas do Rio Grande do Sul. A principal parte da tela não tem nome, mas ali se destacam guaranis, guaranis missioneiros, jesuítas e outros europeus. A apreciá-la, espero que estejam todos aqueles que tiverem interesse em conhecer a história destas pessoas, e que se permitam à criticidade e à



reflexão (permitir-se a crítica e a reflexão é correr o risco de ferir seus próprios dogmas. Complicado, já passei por isso, contei a vocês). O resultado final: uma exposição que esteja cuidando do patrimônio das Missões, do Rio Grande do Sul, do Brasil, da América, da Humanidade.

Foi assim que readaptamos meu projeto inicial. O mestrado que seria uma nova investigação musical, só que mais complexa e mais profunda, passou a ser um projeto voltado à educação, através do ensino de uma passagem da história do Rio Grande do Sul: as missões jesuíticas, as mesmas que sempre me encantaram e que tanto diziam sobre o Patrono da entidade que desejei integrar na busca inicial de dançar e falar sobre as dúvidas que eu tinha. Falando em entidade, hoje, eu sou “Patroa” do DTG Noel Guarany, um departamento que é uma entidade plena frente o Movimento Tradicionalista e um programa de extensão frente a UFSM.

Nasceu então este trabalho. Resolvemos demonstrar que a história, muito vezes, é mal escrita e mal ensinada, vazia de pessoas, estática dentro dos fatos e acomodada com alguns poucos personagens. Evidentemente que não se poderiam demonstrar todas as passagens e situações onde isso ocorre, por isso escolhemos, como recorte temático, a história das Missões Jesuíticas que transcorreu na região onde hoje está o Rio Grande do Sul, ou seja, nós escolhemos a história dos conhecidos “7 Povos das Missões”. Investigamos e viemos demonstrar situações que comprovam que os “7 Povos” vem sendo repassados de uma forma onde não se contempla a complexidade e os diversos contornos sociais e culturais desta história. Estas investigações se deram em dois eixos, cada um deles focado em um dos problemas que pontuei como cruciais para que este problema: a educação básica e o modelo de história adotado e reproduzido pelo MTG. Os apontamentos realizados acerca da educação básica se dão através da investigação em livros didáticos, publicados entre os anos de 2011 e 2012, e que circulam atualmente pelo Brasil<sup>3</sup>. Os apontamentos acerca do modelo que é difundido pelo MTG se fizeram na investigação de questões que foram aplicadas em provas dos concursos de prendas e peões elaboradas pelo Movimento para tal fim, e sua

---

<sup>3</sup> Todos os livros que foram utilizados eu ganhei das editoras, em função de trabalhar em uma escola particular. É comum que as editoras distribuam coleções de livros voltados para os professores, na expectativa de sua coleção ser adotada por um professor e, logo, comprada pelos alunos de uma escola.

circulação se faz em nível estadual e para pessoas diretamente envolvidas com o tradicionalismo.

O fruto destas investigações e das conclusões a que chegamos foi uma página da internet que possa ser utilizada como auxílio aos professores no ensino da história dos 7 Povos das Missões (e a todos que tenham interesse no assunto) a partir do nosso entendimento de como foi o desenrolar da história missioneira no (atual) Rio Grande do Sul. Uma página com um jogo que visa estimular a criticidade o aluno na sua compreensão de história e sem citar personagens históricos específicos. Eis a nossa forma de cuidar do Patrimônio Cultural das Missões.

No primeiro capítulo traçamos o nosso entendimento sobre o desenrolar da história missioneira, partindo tanto do momento europeu quanto do americano, até que ambos eixos se encontram e se fundem. A revisão bibliográfica que dá a base à este trabalho se encontra também neste 1º capítulo, afinal, encontrei o sustento teórico aos anseios que eu tinha.

No segundo capítulo, apresentamos os elementos da nossa investigação e trazemos a análise do que detectados como “problemas” no tocante ao ensino básico e ao modelo adotado e difundido pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho no ensino da história das Missões.

No terceiro capítulo, demonstramos o produto gerado neste mestrado: um game online acessível a partir dos 12 anos de idade, que permite ao jogador assumir o papel de um padre jesuíta cuja missão é, justamente, construir uma Missão no Novo Mundo. Durante o game, diversos quizz são propostos, estimulando o raciocínio crítico.

Ter especificado momentos da minha vida nesta introdução foi totalmente pertinente para explicar os motivos que levaram à execução de um projeto com este fim: o de apresentar a história missioneira no Rio Grande do Sul. Um assunto já bastante trabalhado por diversos competentes autores, mas desta vez, profundamente focado em estimular um raciocínio crítico que quebre uma história possivelmente congelada, estática. Explicar o que aprendi – e por quais motivos acabei induzida a aprender desta forma – é determinante na expectativa de falar sobre uma história cheia de pessoas e de promover um recurso didático que auxilie neste entendimento.

A minha história é o espelho que reflete a história que quero falar aqui.  
Cheia de pessoas.

## **2 – CONSIDERAÇÕES ACERCA DA HISTÓRIA DAS MISSÕES JESUÍTICAS NO RIO GRANDE DO SUL E REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

Antes, muito antes de chegarmos ao momento histórico em que os Guaranis se tornaram Missioneiros, será necessário tratarmos de dois espaços diferentes: a Europa ao término da Idade Média e a América, no mesmo período, sem se chamar América, sem saber sobre o feudalismo.

### **2.1. A Europa ao término da Idade Média.**

Convencionalmente, ou seja, segundo a divisão clássica da história, a Idade Média compreende o período que percorre os anos entre 476 e 1453, cujas datas são significativas conforme o transcorrer da história eurocêntrica (queda do Império Romano do Ocidente – Tomada de Constantinopla, respectivamente). Ao longo destes quase 10 séculos, se organizou, se firmou e se desfez o feudalismo no continente europeu, um modo de vida onde a unidade produtiva era o feudo, e nele se desenvolvia a economia, a cultura e a sociedade em quase toda a Europa. Os feudos, independentes um dos outros, tinham suas regras próprias, porém características muito comuns entre si. O proprietário da terra era quem organizava o seu feudo, amparado em suas relações de vassalagem (estimuladas com Carlos Magno, rei Franco, povo que dominou grande parte da Europa feudal).

O surgimento dos burgos no século XI reflete o nascimento de uma classe vinculada ao comércio que começava a ascender economicamente. Era o sinal mais evidente que o sistema em vigor entraria em desintegração. Sem a servidão, o feudalismo não poderia existir, e as possibilidades de enriquecimento passaram a ser sedutoras para grande parcela serva da população.

As crises enfrentadas pelos europeus que se seguiram nos séculos seguintes (como a fome e a peste negra) não tinham consonância com a burguesia nem com as pretensões dos Reis Absolutistas que nasciam junto aos seus Estados Nacionais. Os feudos perdiam consistência, e alguns nobres

souberam se valer do prestígio e da riqueza que ainda dispunham para colocar aqueles que vinham perdendo os mesmos requisitos sobre seu domínio. Portugal, Espanha, Inglaterra e França nascem sobre o declínio do sistema feudal e o enfraquecimento de seus senhores. O Estado passa a ditar as regras sobre as terras que possui e quem vive nelas. Quem o comanda é o Rei e o poder se centraliza na sua figura.

A saliência dos Renascentistas fazia com que a razão passasse a predominar no pensamento humano, onde o homem passa a se entender como centro de seu próprio universo. Além disso, a Reforma Protestante também feria com golpes ideológicos a Igreja Católica, questionando seus dogmas e seus atos que eram justificados em nome de Deus. As Igrejas Protestantes nascidas roubavam da Católica milhares de fieis. Não surpreende ter vindo de lá a criação de uma instituição como a Companhia de Jesus, nascida na França em 1534, visando o ensino religioso da fé católica de forma organizada, atingindo desde os próprios integrantes do clero até os povos não católicos.

O Papa teve que reunir seus homens de confiança em Trento para um Concílio que durou de 1545 até 1563, em busca de medidas que recuperassem a credibilidade da Igreja e que reorganizasse sua própria estrutura. Um movimento que acabou ficando conhecido como contrarreforma.

Foi ainda no final do século XV que os europeus se aventuraram nos mares, ousadia iniciada por Portugal, que fez frente não apenas às navegações como também à unificação de seu território. As coroas Ibéricas, navegadoras, intermediadas pela Igreja Católica, assinam em 1494 o Tratado de Tordesilhas, que dividia e organizava a posse dos possíveis territórios conquistados.

Na turbulência europeia, buscar por alternativas em outras terras era uma opção bastante plausível, mesmo que não se soubesse ao certo sobre a existência e condições delas. A organização das Monarquias Nacionais a financiar seus navegadores permitiu que os europeus descobrissem não estarem sozinhos no mundo ou acompanhados apenas das Índias e da porção norte da África. As grandes navegações foram geradas por uma soma de fatores: a crise enfrentada com a fome e a peste negra, a centralização política e o nascimento das Monarquias Nacionais, as inovações na tecnologia amplamente impulsionada com o cientificismo dos Renascentistas, o enriquecimento de uma burguesia muito vinculada com o comércio e o fervor

religioso católico em busca de reafirmação são os pontos mais influentes à gerar estas navegações.

Havia mais terras, havia gente diferente morando nelas.

## **2.2. América, no mesmo período, sem se chamar América.**

Havia estas terras, havia gente diferente chegando nelas.

Não com estas palavras e nem com este entendimento, mas pode ter sido neste sentido o pensamento dos indígenas que habitavam o local que hoje é conhecido como “América” assim que aportaram no litoral as embarcações europeias.

O local onde se organizou o atual Estado brasileiro do Rio Grande do Sul fora habitado, antes da chegada do europeu, por povos chamados de indígenas. Nos meados de 1500, 3 grupos nativos americanos habitavam o espaço geográfico onde o RS se constitui: Gés, Pampeanos e Guaranis. Deles, os guaranis foram os últimos a adentrar no território, vindos da região posteriormente conhecida como Amazônia.

As Missões Jesuíticas fazem parte do projeto de conquista da América empreendido pelas coroas ibéricas durante os séculos XVI, XVII e XVIII. Os europeus buscavam, nos territórios além-mar, não apenas as matérias-primas que faltavam em seu continente, como também a expansão do seu modo de vida e as vantagens que isso iria lhes levar.

O atual território do Rio Grande do Sul compreendeu a existência de 7 dos 30 Povos das Missões organizados pelos Padres Jesuítas que estavam a serviço da Coroa de Espanha no “Novo Mundo”. O projeto inicial na América Espanhola ocorreu no início do século XVI, porém não obteve grandes sucessos em função, principalmente, da ação destruidora dos bandeirantes paulistas que apresaram milhares de nativos para serem escravizados em fazendas no centro do país. Foi a fase das 18 Reduções do Tape, constituídas entre os anos de 1626 e 1638, e desestruturadas já em 1641, com cerca de 300 mil índios capturados ou mortos. Uma segunda tentativa efetivou o projeto

jesuíta na região onde hoje está o noroeste do RS, na década de 1680, com a fundação do Povoado de São Borja, mais precisamente em 1682<sup>4</sup>.

São Borja compunha então um dos 30 Povoados organizados na América pelos Jesuítas Espanhóis, chamados de Missioneiros, nesta que passou a ser a 2ª fase de ação dos jesuítas. Tal qual os demais, em São Borja desenvolveu-se uma estrutura que buscava reproduzir alguns aspectos da infraestrutura das cidades europeias, com um grande espaço de praça demarcando o centro do povoado, praça esta rodeada por habitações e, principalmente, dando um espaço destacado à Igreja. Os padres jesuítas tinham, na conversão á fé católica, o caminho para efetivar o projeto de sua coroa na colonização do território<sup>5</sup>.

Nestes povoados, inseriu-se parte da comunidade de Guaranis que habitava o território americano onde hoje se localiza o RS ao tempo da chegada dos navegadores europeus. A partir de então, a consolidação do projeto missioneiro parte de uma troca entre os Jesuítas e os Guaranis. O fato de que os jesuítas conseguem aportar um novo modo de vida para o Guarani não significa que a cultura europeia simples e puramente tenha se sobreposto à cultura guaranítica. Houve uma relação de troca, em que ambos obtiveram seus benefícios. Assim, o guarani não abdicou radicalmente de seu antigo modo de vida, mesmo que tenha, de fato, abdicado de alguns costumes, como a poligamia, a vida seminômade, sua religiosidade original. Ainda assim, preservou o linguajar, preservou o senso de reciprocidade igualitária em sua comunidade que, agora, habitava um espaço com grandes construções arquitetônicas e com a doutrina da fé católica. Foi neste espaço em que o *Tekohá* Guarani seguiu existindo<sup>6</sup>.

Assim se fizeram os 7 povos das Missões que se estabeleceram no atual Rio Grande do Sul e o nosso estudo acerca das Missões são baseados apenas neste 7 povoados. Depois da fundação de São Borja (em 1682), vieram São Nicolau (1687), São Luiz Gonzaga (1687), São Miguel Arcanjo (1687) – a capital dos 7 Povos –, São Lourenço Mártir (1690), São João Batista e (1697)

---

<sup>4</sup> QUEVEDO, Júlio. **História Compacta do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 2003.

<sup>5</sup> QUEVEDO, loc. cit.

<sup>6</sup> QUEVEDO, Júlio. **A regulamentação do trabalho indígena nas Missões Jesuíticas**. Revista Latino-Americana de História. Vol. 1, nº 3. Março de 2012. P.24-44.

Santo Ângelo Custódio (1706). Cabia aos padres jesuítas para cá enviados, justamente catequizar os indígenas e organizar sua produtividade de forma a atender os interesses da Coroa Espanhola. Porém, o desenrolar da história nos permite compreender que, para muitos padres, as Missões foram mais que isso: foi a consolidação de uma luta, foi a realização de um sonho.

Muitas características comuns eram compartilhadas por estes povos. A já citada infraestrutura era uma delas. Uma vida orientada pela religiosidade, já que os povoados só foram erguidos a partir de uma iniciativa dos jesuítas, mesmo que se valendo do trabalho do guarani. A economia destes povoados tinha como base a agricultura, principalmente com a produção de erva mate, e também na pecuária, sendo que o aproveitamento do gado era total. Muitas estâncias missioneiras se estabelecem ao longo do território justamente para dar conta da intensa atividade pecuária.

No território onde hoje se localiza RS, se desenvolveram inúmeras estâncias missioneiras ao longo do noroeste e oeste. A existência destas estâncias revela ainda que os Guaranis-Missioneiros e os Padres Jesuítas se articularam com muito mais regiões do que apenas a região noroeste do atual RS, apesar desta compreensão territorial de Missões ser comum ao espaço onde se ergueram os 7 Povoados.<sup>7</sup>

Os indígenas viviam em casas coletivas. Nas Missões, tinham lavouras, hortas e pomares que por todos deveriam ser cuidados e por todos seriam aproveitados (tupambaé). Além disso, espaços eram destinados às famílias para seu proveito particular (amambaé). A produção artística era viva, desde as artes plásticas, profundamente vinculadas a produção de estilo barroco, até as artes musicais, onde os guaranis-missioneiros produziam composições de cunho principalmente religioso, fabricando seus próprios instrumentos musicais, principalmente os de corda. Os guaranis-missioneiros produziam e tocavam harpas, violoncelos, violinos e violões.

Este espaço que abrangeu os povoados missioneiros que se estabeleceram no RS foi o palco de disputas territoriais empreendidas pelas Coroas Ibéricas principalmente nos séculos XVII e XVIII. Oficialmente

---

<sup>7</sup> QUEVEDO, Júlio. As origens missioneiras de Santa Maria. In WEBER, Beatriz. RIBEIRO, José Iran. (Orgs). **Nova História de Santa Maria**. Santa Maria, RS: Ed. Palotti, 2010.



responsáveis por um pequeno espaço de terra na América (se comparados aos espanhóis), os portugueses desejam aumentar seus limites que estavam sendo barrados pelas determinações do Tratado de Tordesilhas, de 1494 que, assinado entre Portugal e Espanha com o aval da Igreja Católica, determinava que as terras que ficassem até 370 léguas leste da ilha de Cabo Verde seriam de Portugal e à oeste seriam de Espanha. Mas as contendas entre as duas Coroas ainda não estariam solucionadas. Portugal passa a desejar ampliar seus domínios neste “Novo Mundo” quando percebe que o oeste reservava terras em maior quantidade, com possibilidades de extração de metais preciosos e com solo e clima propícios ao desenvolvimento de diversas culturas agrícolas.

Assim, os portugueses fundaram, em 1680 (dois anos antes da fundação do primeiro povoado missioneiro), a Colônia do Santíssimo Sacramento, na margem esquerda do Rio da Prata. Estrategicamente posicionada, Sacramento era uma fortificação que avançava nos domínios territoriais espanhóis, e previa uma ação portuguesa de aumentar os seus domínios na América.

No final do século XVII início do século XVIII, Sacramento sofrera vários ataques espanhóis. A disputa de espaço fazia com as fronteiras fossem móveis, ou seja, elas se alteravam conforme os territórios conquistados e perdidos. O Tratado de Utrech, outro documento assinado entre as Coroas de Portugal e Espanha, buscava resolver vários impasses entre as duas potências, chegando a reconhecer que as terras onde estava localizada a Colônia de Sacramento, pertenciam à Portugal.

Porém, o Tratado que se tornou o mais destrutivo de todos ainda estava por vir. 1750 foi o ano da assinatura do Tratado de Madrid, novamente um acordo feito pelas Coroas Ibéricas. Apesar dos acordos feitos em Utrech, a estabilidade não passou a fazer parte da vida dos ibéricos e nem dos americanos (ou europeus habitantes da América). Ainda, as ações dos bandeirantes já haviam avançado os limites da América Portuguesa, ela já não era mais delimitada por Tordesilhas. Após anos de embates, Portugal e Espanha tentaram firmar um acordo que efetivasse as fronteiras que limitavam as posses da cada coroa. Para que este acordo vigorasse, era necessária uma troca: Espanha oferecia os 7 Povos à Portugal e, em troca, receberia a Colônia do Sacramento.

Entre as autoridades europeias, o impasse parecia resolvido. Com o documento assinado, Portugal e Espanha entendiam resolver suas pendências. O que não levaram em consideração diretamente era a existência de pessoas no território americano que, independentemente do que era determinado na Europa e de terem consciência que parte de sua produção servia ao Rei, entendiam aquelas como suas terras, afinal era o lugar onde viviam e construíam sua história.

Os guaranis-missioneiros se recusaram abandonar seus povoados. Não aceitavam uma ordem vinda de outras terras, dada por alguém que eles sequer conheciam. As coroas de Portugal e Espanha não tinham sua autoridade realmente reconhecida nos povoados. Foi então que a resistência se organizou. Com o zelo de alguns jesuítas que ali viviam, os guaranis-missioneiros decidiram lutar pelas terras que entendiam que eram suas.

O pensamento dos ibéricos parece ter sido o mesmo: eles também decidiram lutar pelas terras que entendiam que eram suas. Um exército luso-espanhol se formou decidido a tirar os guaranis-missioneiros daquelas terras. Com armamentos e condições inferiores, os guaranis não resistiram, e o princípio do *uti possidetis* (de que a terra é de quem a conquista) é consolidado. Os guaranis-missioneiros acabaram sendo massacradas pelo exército que unia as duas potências da Península Ibérica. Os confrontos ficaram conhecidos como Guerra Guaranítica, e aconteceram entre os anos de 1754 a 1756. A experiência viva dos povoados missioneiros se encerrava ali.

O atual Rio Grande do Sul é uma região que fora habitada por distintos povos e que viveu sob o domínio espanhol por longos anos antes do efetivo domínio português. Portugal só firmara sua posse na região, dando ao RS o contorno de fronteira política similar ao vigente, apenas em 1801 quando recebeu, finalmente, as terras que haviam sido dos povoados missioneiros na assinatura do Tratado de Badajós. Esta situação de fronteira móvel fora o que influenciara o RS para alocar, em seu território, populações cujas identidades não são homogêneas no tocante à sua origem étnica e à sua origem espacial (urbana ou rural).

A grandiosidade das construções arquitetônicas, a precisão do encaixe das pedras e a beleza das paisagens ainda hoje comovem e encantam aqueles que se deparam com as ruínas de algum povoado missioneiro.

Povoados muito bem organizados, com um amplo senso de coletividade, produção e vida próprias. Muito mais que isso, Os 7 Povos das Missões (no caso do Rio Grande do Sul), deixaram não apenas uma vasta herança cultural, mas também uma herança emocional em seus descendentes e em grande parte da população Sul-Rio-Grandense.

### 2.3. Os 7 Povos das Missões, hoje.

A ilustração abaixo permite situar, conforme a demarcação atual de fronteiras políticas americanas, onde se localizavam os 7 Povos.

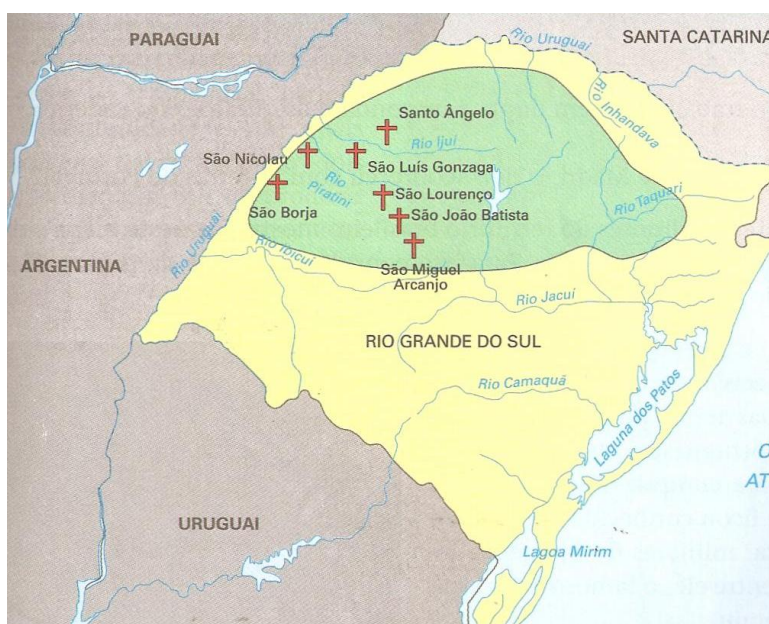


Ilustração que localiza os 7 Povos das Missões no atual território do Rio Grande do Sul.<sup>8</sup>

Porém, como estão hoje estes 7 Povos? Busquei informações na internet e nos livros acerca da situação atual destes lugares, e percebi que a melhor forma de entendê-los seria os visitando. Eu já conhecia São Miguel, já estive lá algumas vezes.<sup>9</sup> Também conhecia São Luiz Gonzaga e Santo

<sup>8</sup> Disponível em [http://turmadaprofejanete.blogspot.com.br/2010\\_08\\_01\\_archive.html](http://turmadaprofejanete.blogspot.com.br/2010_08_01_archive.html)

<sup>9</sup> Permito-me o registro entusiasmado de que, através de um convite dos organizadores da Semana Missioneira de 2010, promovida pela Prefeitura de São Miguel das Missões, tive a

Ângelo, mas apenas superficialmente. Para suprir esta lacuna é que partimos, nos dias 13 e 14 de julho de 2013, a conhecer os tão famosos e estudados 7 Povos das Missões<sup>10</sup>. Apresento então a situação o qual se encontram atualmente, a partir da sequência da viagem, e não da ordem cronológica de suas fundações. Lembrando que a rota feita partiu de Santa Maria e retornou à ela. Faço aqui um breve “diário de bordo” a contar a situação atual dos 7 Povos Missioneiros do Rio Grande do Sul. Todas as fotos que seguem são de minha autoria.

### 2.3.1 Santo Ângelo Custódio

Santo Ângelo foi o último dos 30 Povos a serem fundados e o primeiro visitado por nós, hoje é um município. Foi um espaço que se urbanizou nos arredores da antiga Igreja Missioneira (imagem 1), hoje reformada e cercada por uma grande e bela praça (imagem 2) ornamentada a partir da identidade missioneira da cidade. Desde a entrada da cidade existem cruzeiros missioneiros que revelam esta identidade (imagem 3). Foi realizado um brilhante trabalho nos arredores da catedral, onde foi elaborado um sítio arqueológico a céu aberto (imagem 4). Foram feitas escavações nos arredores da Igreja, e estas escavações foram todas cobertas por vidros, acompanhadas de uma explicação acerca do que guarda aquele espaço específico. Pode-se observar, nestes arredores da catedral, os resquícios das construções missionárias e das construções portuguesas feitas acima delas, quando do domínio lusitano da região. A identificação da cidade com seu passado missionário é nítida. Chegamos em Santo Ângelo no horário da missa, e a catedral estava lotada. É o único dos antigos povoados que faz referência aos 30 Povos fundados na

---

oportunidade de, com meu grupo, fazer uma apresentação e dançar dentro das ruínas da catedral de São Miguel!

<sup>10</sup> Fiz esta viagem graças à disposição de meu grande amigo Luciano Zucuni Pes, que não hesitou em nenhum momento em me levar à estes lugares, tanto com o objetivo de me ajudar como de apreciá-los. Quem nos acompanhou foi a amiga Luciane Pagliarini, acadêmica de Turismo, com quem pude traçar inúmeras trocas e conhecimentos. Registro ainda os amigos Anicéli de Matos Lautenschleger e Ivan Leonardo Machado, querido casal de amigos cujas famílias moram em São Miguel e estavam na cidade quando da nossa passagem, nos oferecendo pouso, alimentação e suas sempre adoráveis companhias. Ofereceram também socorro quando do nosso atolamento entre São Miguel e São Lourenço, mas isto é outra história...

América pelos jesuítas espanhóis, através de um pórtico que os cita enquanto se caminha em direção à Catedral.



Imagem 1 – Catedral de Santo Ângelo



Imagem 2 – Praça organizada ao redor da Igreja.



Imagem 3 – Cruz Missioneira no trevo de acesso à Santo Ângelo.



Imagem 4 – Sítio Arqueológico a céu aberto nos arredores da Catedral de Santo Ângelo

### 2.3.2. São João Batista

Quando chegamos a São João Batista já estava escurecendo (lembrando que no inverno no Rio Grande do Sul, às 18 horas é praticamente noite... Em função da chuva, só pudemos sair de Santa Maria próximo às 14 horas), mas o sítio ficava aberto até as 19h. Nele, estava apenas o guarda responsável pelo lugar, é praticamente deserto. Ao redor de São João, não se desenvolveu nenhuma cidade, o sítio é parte do interior do município de Entre-Juís. Algumas pequenas casas são vistas nos arredores do antigo povoado. O sítio arqueológico segue o padrão estabelecido pelo IPHAN conforme vimos em outros lugares (diferente de Santo Ângelo, onde o sítio está “junto” com a cidade). Ao entrarmos no lugar, o que vemos são carreiras de pedras (imagem 5) que, segundo o guarda, eram a base das casas dos índios. Cruzando por elas, se chega às ruínas da antiga catedral de São João (imagem 6). Algumas passarelas foram colocadas para facilitar o acesso dos visitantes ao lugar (imagem 7). As pedras de São João passam uma sensação de tristeza. Parece que relembram o abandono de seus antigos guaranis-missionários em função da história que se fez. No sítio está uma escultura que fora doada pelo “povo de Santo Ângelo” (é o que diz na estela, quase ilegível) em homenagem à São João Batista pelo seu pioneirismo na fundição de ferro e aço na América (imagem 8). Há ainda, no sítio, um pequeno museu com fragmentos de objetos recolhidos nas escavações do local, e uma sala de vídeo onde o vigilante nos passou um documentário de 15 minutos sobre a história dos 7 Povos.





Imagens 5 – Carreiras de pedras em São João Batista, base das antigas casas dos índios



Imagem 6 – Ruínas da antiga Catedral de São João Batista.

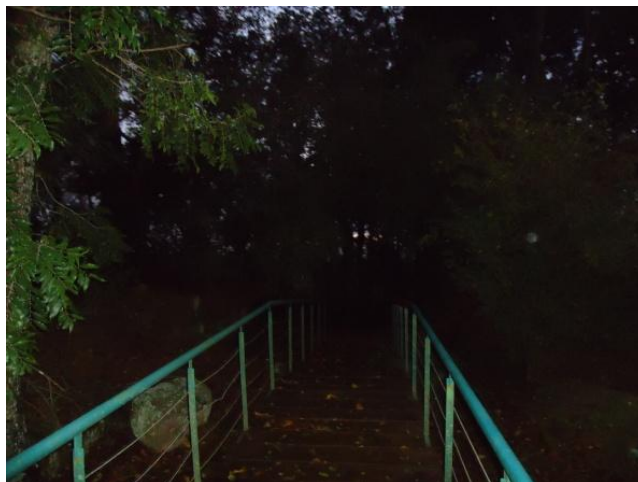


Imagem 7 – Passarelas dentro do sítio arqueológico de São João Batista.



Imagem 8 – Monumento em homenagem ao pioneirismo na fundição de ferro e aço.

### 2.3.3 São Miguel Arcanjo

Foi em São Miguel, hoje município, que passamos à noite, na casa dos amigos Anicéli e Ivan. Com o anoitecer, nossas visitas foram canceladas no sábado. Fomos à visita das heranças de São Miguel apenas no domingo de manhã. É, sem dúvida, a cidade que mais vive sua história missioneira. A cidade se desenvolveu nos arredores do sítio arqueológico, mas sem interferir nele. Há um grande campo que circunda o sítio arqueológico onde a cidade não avançou. Em vários lugares existem manifestações sobre sua história missioneira. Cruzes, imagens de padres jesuítas e índios. Antes de chegarmos ao sítio, visitamos a Fonte Missioneira (imagem 9), uma fonte de água que também fora preservada e por onde ainda corre água límpida. As placas informam que a fonte abastecia o povoado de São Miguel, ainda bem estruturada e ornamentada. Já o sítio arqueológico que guarda as ruínas da Catedral da antiga capital missioneira é simplesmente majestoso (imagem 10). Aproximar-se da catedral é não conseguir entender como pode uma história tão bela, tão grandiosa, teve que se submeter à ruína e à destruição. São Miguel é uma mistura de encantamento com dor e com saudade de algo que não vimos acontecer. À entrada da catedral, sentimo-nos pequenos (imagem 11). Inevitável pensarmos no quão habilidosos e competentes foram aqueles que ergueram São Miguel Arcanjo. O sítio é, sem dúvida, o mais preservado e o que recebe as maiores atenções, provavelmente por ser o único que ainda tem



uma parte realmente grande de sua construção original. São Miguel é um lugar inexplicável, encantador e marcado também pelo sofrimento que a história lhe legou. Junto ao sítio, um museu guarda muitos exemplares de esculturas (imagem 12) e sinos feitos no povoado, que denotam o talento artístico que reinava em São Miguel e a força da religião, fruto da relação que nasceu entre os guaranis e os jesuítas. São Miguel parece recoberta de uma aura de um tempo como se ele não tivesse passado. Como se tivesse se conseguido estancar uma parte do passado em meio às pedras que constroem a catedral. Imaginar a casa dos padres, o cotiguaçu, a vida nos indígenas naqueles arredores não é uma tarefa difícil. Na estrada entre São Miguel e São Lourenço é possível ver a catedral, mesmo de bem longe. São Miguel é o elo mais próximo do que foi a história missioneira no Rio Grande. Só não é mais próxima que os próprios descendentes guaranis, que vivem à margem da sociedade hoje.

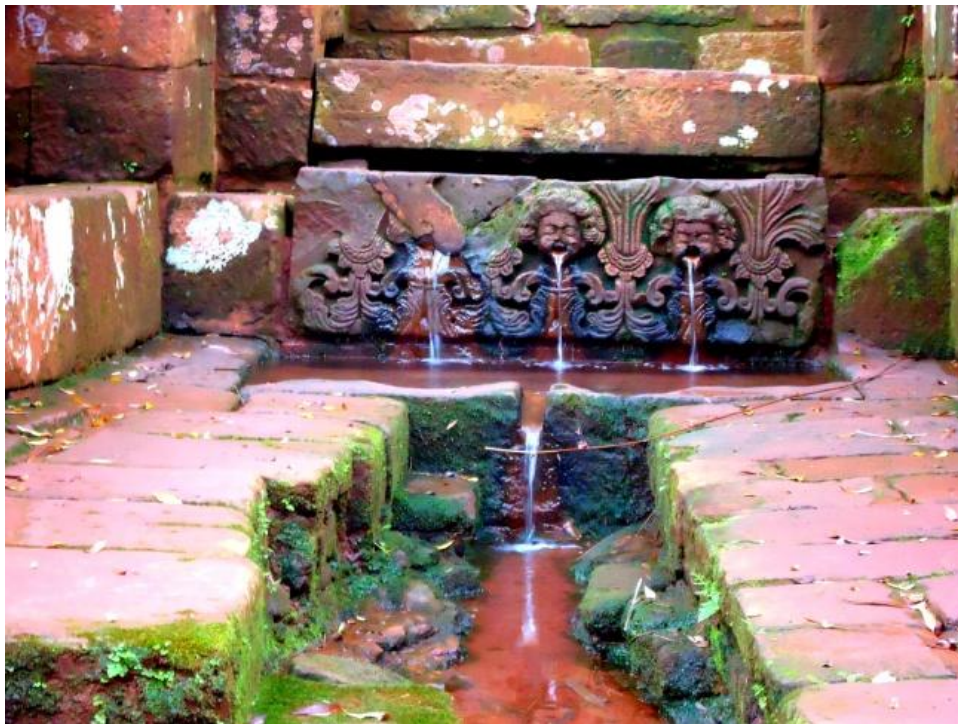


Imagem 9 – Fonte Missioneira



Imagem 10 – Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo.



Imagem 11 – Entrada da Catedral de São Miguel.



Imagem 12 – Esculturas do Museu no Sítio Arqueológico de São Miguel

#### 2.3.4. São Lourenço Mártir

Após a esfuziante passagem por São Miguel, fomos à São Lourenço Mártir. Saímos de São Miguel por volta das 10h, mas chegamos em São Lourenço apenas próximo das 13h. Entramos em uma estrada em meio uma lavoura de trigo na busca do caminho à São Lourenço, porém, devido à chuva, o famoso latossolo vermelho das Missões estava virado em argila. O carro acabou atolando, exigindo nosso esforço físico de empurrá-lo e a busca por socorro. Sobre São Lourenço, então, temos que dizer que tem um sítio arqueológico bem organizado e pouco movimentado, tal qual o caso de São João Batista. Hoje é um distrito de São Luiz Gonzaga. Para se chegar nele, uma estrada de chão, onde se espalham algumas casas e lavouras em seu caminho. Apesar de ser um local um tanto isolado, é totalmente sinalizado para quem quer chegar ao sítio arqueológico e não conhece o caminho. A guarita de entrada no sítio arqueológico estava vazia. Assim como São Miguel e São João, São Lourenço conta com uma pequena portaria (imagem 13), com placas que informam sobre a história do lugar, um pequeno museu com fragmentos recolhidos nas escavações, um banheiro para o público e lugar para o guarda. O guarda de São Lourenço só foi avistado depois que estávamos dentro do sítio. Ao entrarmos, nos deparamos com as ruínas da antiga Catedral (imagem 14). É curioso que, ao lado dela, há um cemitério não contemporâneo às Missões, mas não parece ser muito visitado. As fotos e os túmulos dão a sensação de que crianças foram enterradas ali. Além disso, algumas ovelhas também pastavam dentro do sítio quando chegamos, e ali ficaram até a nossa saída. Algumas paredes ainda estão erguidas em São Lourenço, como as da entrada da antiga catedral que dá vista logo na entrada, em alguns momentos também com passarelas para facilitar a passagem dos pedestres. Veem-se, nos arredores das ruínas da Catedral de São Lourenço, muitas pedras soltas (imagem 15). Por certo, são pedras das paredes que não resistiram às ações do tempo e as demais investidas que sofreram as cidades missioneiras. Para caminhar ao longo do local da antiga catedral, é necessário desviar e se equilibrar entre os obstáculos gerados pela própria natureza, como raízes e troncos de árvores que se ergueram no seu entorno. Com algumas paredes



ainda de pé (imagem 16), São Lourenço é o sítio arqueológico que deixa seus visitantes com vontade de ver mais.



Imagem 13 – Portaria do Sítio Arqueológico de São Lourenço com placas explicativas.



Imagem 14 – Ruínas da Catedral de São Lourenço (vista da entrada do sítio).



Imagem 15 – Pedras soltas ao longo do sítio de São Lourenço.



Imagem 16 – Paredes que ainda estão de pé em São Lourenço.

### 2.3.5 São Nicolau

Nossa 5ª parada foi em São Nicolau. A exemplo de Santo Ângelo, a cidade se ergueu ao redor dos requícios das Missões, tendo se organizado uma praça no entorno das construções missioneiras. Não traz aquela sensação nostálgica que outros lugares nos passaram, talvez pelo fato de as pessoas da cidade frequentarem o lugar (e também devido ao fato de termos chegado enquanto acontecia uma “domingueira” em um clube que dá de frente para a praça e a preenchia com músicas e vozes animadas). Diferentemente dos demais que já havíamos visitados, notamos que em São Nicolau não temos apenas ruínas da Catedral, mas também um Cabildo (imagem 17), local de onde se organizava a administração da América Espanhola. Fomos guiados pelas próprias pedras do chão da praça, que nos levaram deste Cabildo até em frente às ruínas da Catedral (imagem 18). Ao longo deste pequeno trajeto, várias pedras são vistas dispostas ao longo da praça. Existem placas explicativas em diversos lugares da praça, inclusive na entrada dela, no mesmo modelo da que mostramos em São Nicolau. Duas paredes remontam o que teria sido a catedral de São Nicolau. Na frente delas, se observa o piso feito para ornamentar a frente da igreja, que persiste ao longo dos anos (imagem 19). São Nicolau dá a impressão de que foi um local que perdeu muito em função do desenvolvimento da cidade. É curioso notar uma casa que há em frente à esta praça (imagem 20). Ela segue o modelo das construções missioneiras com as pedras, mas não tem nenhuma placa que explique o que

fora aquele lugar. Pela localização, é possível (impressão nossa) que tenha sido um local de morada dos índios, mas a estrutura não condiz com as plantas que conhecemos dos povoados. O local está sustentado por vigas colocadas com a finalidade de mantê-lo de pé, e não de mantê-lo funcional. São Nicolau parece que ainda esconde muito de suas heranças missioneiras, encobertas pela cidade.



Imagem 17 – Ruínas do Cabildo de São Nicolau.



Imagem 18 – Ruínas da Catedral de São Nicolau





Imagem 19 – Piso ornamentado em frente à antiga Catedral de São Nicolau.



Imagem 20 – Construção em frente à praça de São Nicolau.

### 2.3.6 São Francisco de Borja

Apesar de São Luiz ter estado em nosso caminho 2 vezes, antes de irmos até São Nicolau e na volta de lá, optamos por ir primeiro até o município de São Borja. Queríamos chegar ainda de dia lá, pois desejávamos visitar o cemitério onde estão os restos mortais de João Goulart e Leonel Brizola, cujo mausoléu está acompanhado de vigilantes que se revezam e ali permanecem, pelas informações que tivemos, 24 horas por dia. Nosso interesse condiz perfeitamente com a proeminente identidade da cidade: ser a terra dos Presidentes e, em poucos momentos, ser uma terra missioneira. Na entrada de São Borja, existem cruzeis missioneiros adaptadas, seguida de bandeiras do Brasil, do Rio Grande do Sul e da cidade (imagem 21), que parece querer

reproduzir bem a dualidade de sua identidade. Além delas, uma imagem do Santo que dá nome à cidade. Mais a frente, um pórtico informa que a cidade é “a terra dos Presidentes” e “1ª cidade missioneira” (imagem 22). As informações que a cidade traz sobre as Missões quase se encerram ali, não fosse um pequeno marco que está em frente à Igreja Matriz da cidade com uma cruz missioneira assinalada, e outros quatro marcos menores com nomes de padres (imagem 23). Evidentemente que, se pesquisássemos sobre os nomes que estão ali, poderíamos ter informados sobre as pessoas que são citadas, mas vamos deixar aqui apenas as impressões que tivemos como visitantes/turistas na cidade. A Igreja não tem nenhum resquício da história missioneira (não pudemos adentrá-la, estava fechada), porém, em frente à ela, está a praça central da cidade. Da frente da Igreja se vê uma escultura de Getúlio Vargas, e várias explicações sobre sua existência. Após a escultura, a praça, iluminada de verde (imagem 24), traça um caminho que leva até o local onde estão os restos mortais deste ex-presidente e onde está reproduzida sua carta testamento. São Borja é a terra dos Presidentes. Ah, sim, e a 1ª das cidades missioneiras do Rio Grande do Sul (inevitável chegar lá e não pensar nas várias vezes que repeti, como se fosse um mantra, “São Borja, o primeiro, 1682”).



Imagem 21 – Entrada de São Borja, com as bandeiras e a cruz missioneira.





Imagem 22 – Pórtico na entrada de São Borja.



Imagem 23 – Estelas em frente à Igreja Matriz de São Borja, que fazem alusão ao passado missioneiro.

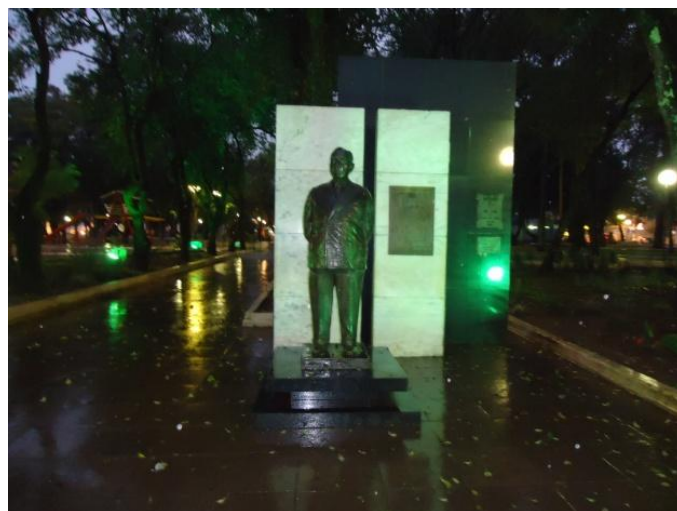


Imagem 24 – Estátua de Getúlio Vargas na praça em frente à Igreja Matriz.

### 2.3.7. São Luiz Gonzaga

São Luiz, apesar dos poucos resquícios contemporâneos à existência do povoado missioneiro, é uma cidade que insiste em preservar e valorizar suas heranças missionárias. Cruzes missionárias, escritos em placas e em paradas de ônibus, esculturas de Sepé Tiarajú, demonstram o apego da cidade com a sua identidade. A Igreja Matriz da cidade, dizem, se encontra no mesmo lugar onde fora a catedral missionária (foi o que disseram alguns jovens que estavam reunidos em frente à Igreja enquanto, lá dentro, a missa acontecia). Mais uma vez, chegamos junto do horário da missa, lotada, como fora um dia antes em Santo Ângelo. O lado externo da Igreja é todo branco (imagem 25), não relembra em nada as pedras que ergueram os povoados. O que chama a atenção é, em frente dela, as esculturas mais escuras que parecem terem sido esculpidas em pedra ou argila (imagem 26), tal qual as que são vistas ao proximamente em São Miguel. Conseguimos ver pouco da Igreja, não poderíamos cometer a indelicadeza de atrapalhar a missa. Dentro da Igreja (imagem 27) é que a história missionária de São Luiz Gonzaga se refaz: santos esculpidos, cruzes, resquícios do povoado que perdeu espaço para a cidade que se fez. São Luiz dá a sensação que queria ter muito mais para mostrar (imagem 28), mas que este desejo nasceu “atrasado”. Perderam para o tempo, para os que vieram antes, para os que não tiveram interesse em cuidar o que havia naquelas terras. A cidade nasceu nos arredores da Igreja, talvez abaixo delas (da cidade e da Igreja) exista muita história guarani e jesuíta e ser contada.



Imagem 25 – Lado externo da Igreja Matriz de São Luiz Gonzaga



Imagem 26 – Uma das imagens esculpidas que ornamentam a frente da Igreja Matriz de São Luiz Gonzaga.



Imagem 27 – Imagem interna da Igreja de São Luiz Gonzaga, durante a missa (visão lateral).

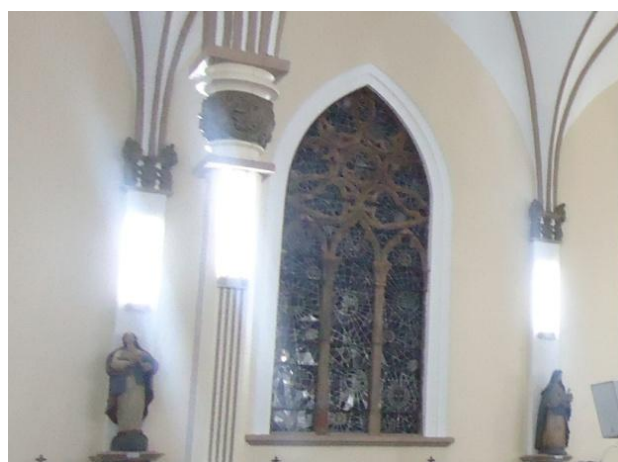


Imagem 28 – Visão interna da Igreja, onde se veem imagens esculpidas.

Depois de cerca de 1000 km percorridos, muito barro e muita chuva, que raros momentos deu lugar ao sol, retornamos à Santa Maria. Nenhum indígena foi visto nos povoados. Aliás, não vimos nenhum turista também enquanto estávamos neles, apenas os seguranças. Soubemos que São Miguel é sempre bastante frequentada (registro que apenas em São Miguel é preciso pagar para ter acesso aos locais R\$ 5,00 para o público geral e R\$ 2,50 para estudantes)., porém não no horário que fomos (domingo de manhã). O objetivo desta viagem e deste relato era ver como estão os estudados e pensados 7 Povos das Missões. Entendemos que é importante sabermos as condições atuais destes 7 Povos para que o aluno que visitar o nosso jogo veja que existe um presente daquilo que ele estuda como passado. As conclusões apresentadas neste “diário” de nossa viagem, junto à fotos e considerações acerca da situação atual do indígena, compõe o vídeo que encerra o jogo, incitando novas reflexões e instigando nosso “jogador” a se aproximar cada vez mais deste patrimônio que são os resquícios arquitetônicos, a história e os descendentes do povo que fizeram as Missões no Rio Grande do Sul.

#### **2.4. Revisão bibliográfica e comentários**

Para o desenvolvimento deste trabalho, trazemos seu suporte teórico e é sobre ele que falaremos agora, amparando elementos sobre a história das Missões e amparando os momentos que virão a seguir, com relação ao ensino da história das Missões tanto na educação básica como dentro do Movimento Tradicionalista Gaúcho.

Lembremos que, nas minhas leituras iniciais, eu havia notado que a história que eu lia e conhecia me parecia um tanto limitada. Foi apenas no curso que descobri que existem correntes teóricas e que não estava no espaço que melhor correspondia aos meus anseios. Eu estava imersa, sem saber, na ótica positivista da história. As ideias apresentadas pelo Positivismo foram originadas na 1ª metade do século XIX por Auguste Comte, um filósofo cuja corrente de pesquisas e a aplicação delas se fazem naquilo que se considera o “real”. Seu embasamento é na ciência, por considerar que as verdades proferidas por esta são inegáveis, fazendo, da análise da história, algo tão concreto como um a lei das ciências exatas. Para o positivismo, a história é

algo prático, ele não admite a dialética, a dualidade, a dúvida, bem como não se permite a subjetividade, tendo como fonte os documentos escritos da dita “História Oficial”. Tem tendência à “criação de heróis”, à mitificação de suas personagens principais, induz a ideia de “bem e mau” (mesmo buscando a negação da dualidade), onde o “bem” se coloca, evidentemente, no contexto que se pretende defender. Sugere ser uma visão “apartidária”, neutra, diante dos fatos. Porém, ao criar heróis e logo, anti-heróis, a história positivista, além de ser fria e estática, é a mais partidária possível. Exclui de si diversos agentes sociais e as mais variadas fontes históricas. Tornou-se evidente a ideia de que o Positivismo não era pra mim.

Ele, o Positivismo, não aceitava a cultura dentro dele e, muito menos, as pessoas pelo qual eu tanto prezava. Foi então que a chamada Nova História Cultural, surgida na 2ª metade do século XX, abriu seus horizontes para mim. Era a corrente teórica da qual eu sempre fiz parte sem saber. Uma vertente de história que aceita as pessoas, aceita suas vivências como reflexo de um tempo e uma sociedade, aceita as fotos, os relatos, os jornais, o cinema, a música e um universo amplo de fontes. Uma corrente que nos permite vislumbrar um mundo muito mais complexo, porém muito mais interessante e completo. Na História Cultural, a representação e o imaginário são partes da história, a identidade que eles apresentam também. As manifestações culturais, as práticas cotidianas, as relações... Enfim, a história é um reflexo da vida e, talvez, a vida seja a principal fonte da História Cultural. É uma história de novas e variadas fontes e personagens. Vejamos os escritos de Sandra Jatáhy Pesavento (2003):

A cultura é uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica. [...] A realidade tornou-se mais complexa. [...] Não mais a posse dos documentos ou busca de verdades definitivas. Não mais uma era de certezas normativas, de leis e modelos a regerem o social. Uma era da dúvida, talvez, de suspeita, por certo, no qual tudo é posto em interrogação, pondo em causa a coerência do mundo. (p. 15-16)

A inexistência da ideia de “verdade definitiva” é o que faz a História Cultural tão coerente, afinal, quantas vezes sequer compreendemos o presente? Podemos nós, historiadores, termos certezas acerca do passado? Acredito que não. São milhares de hipóteses. Se a nossa própria memória

tantas vezes nos trai, que podem fazer as nossas fontes! Mas mesmo diante desta insegurança, vemos que a História Cultural é mais coesa com a realidade. Segundo Marcos Napolitano (2009),

Cultura é uma dimensão da vida social que, entre outras, forma a experiência coletiva. Ela não é determinada por outras instâncias (política, social, econômica) nem as determina. O que ocorre é que entre todas elas há mediações complexas; cultura se traduz num complexo que envolve produção, circulação e apropriação dos sentidos, significações e valores que marcam a vida social; cultura engloba sujeitos, coisas e instituições ao longo do tempo. Estes podem ser lembrados e monumentalizados, tornando-se “herança”, ou esquecidos e arruinados, tornando-se “resíduo”. Ambos, herança e resíduo, são temas importantes para os historiadores e o conhecimento histórico (p. 76).

Ou seja, a cultura não pode ser detida em uma única definição, mas ela reside no que há de mais complexo das sociedades: a articulação entre todos os seus setores, suas classes e suas diversas manifestações. Sem a História Cultural, não haveria estudos tão interessantes sobre a cultura. Sem a cultura na história, muito pouco se teria acerca do Patrimônio Cultural.

Segundo o Ministério Público Federal<sup>11</sup>, órgão que atua sobre o Patrimônio Cultural brasileiro, patrimônio cultural são os bens, materiais ou imateriais, que conseguem representar e refletir o entendimento de um povo sobre sua história e sua cultura. Segundo Néstor Garcia Canclini (1994), o Patrimônio Cultural é “o que um conjunto social considera como cultura própria, que sustenta sua identidade e o diferencia de outros grupos” (p. 99). Llorenç Prats (1998) nos fala de Patrimônio Cultural como “todo aquello que socialmente se considera digno de conservación independientemente de su interés utilitário” (p.63). Este trabalho busca, justamente, preservar o conhecimento acerca de uma importante passagem da história do Rio Grande do Sul e do Brasil, que são os Sete Povos das Missões, história esta com que muitas pessoas se identificam e encontram, nela, a sua gênese. É uma identidade (a missioneira) que se diferencia de muitos outros grupos, mas que revela importantes relações da história americana.

Acreditamos que a uma boa forma de fazermos com que este Patrimônio seja preservado é elaborando uma ferramenta que expresse o nosso entendimento acerca da história das Missões, de forma crítica e situando o

---

<sup>11</sup> <http://www2.pgr.mpf.gov.br/>, acesso em 01 de julho de 2013.



agente humano dentro dela. Uma ferramenta que possa ser utilizada em diversos espaços de ensino.

Esta proposta parte de nossa observação de que este Patrimônio, tão importante na cultura rio-grandense, brasileira e americana, está sendo repisado pelos espaços que trabalham com história de forma um tanto vulgar e, muitas vezes, banal: a educação básica e o Movimento Tradicionalista Gaúcho (cujas manifestações atingem uma expressiva parte da população do Rio Grande do Sul em seu entendimento sobre história).

Mesmo que a preservação e valorização do Patrimônio Cultural esteja prevista na Constituição Brasileira, esta nem sempre é uma tarefa fácil. Preservar espaços históricos vai contra o projeto de muitas pessoas acerca de sua ideia de progresso, onde o desenvolvimento urbano poderia se sobrepor aos espaços preservados.

Vemos que este trabalho corre ao lado do que prevê a Constituição brasileira, já que ela diz, em seu artigo de número 126, que

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material ou imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, **portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira** [...]. (grifo nosso)<sup>12</sup>

Sendo assim, a produção do jogo que propomos que vise estimular o ensino da história das Missões de uma forma crítica e humanizada preenche justamente o requisito de preservação de algo que referencia a identidade e a memória de um relevante grupo formador da sociedade brasileira. Além disso, é necessário que falemos também sobre educação patrimonial, já estamos nos valendo de um patrimônio cultural – As Missões Jesuíticas do Rio Grande do Sul, e buscando uma forma de transmitir os conhecimentos adquiridos acerca deste contexto de maneira educativa e atrativa. Sobre a Educação Patrimonial, vejamos o que diz o IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional:

Toda vez que as pessoas se reúnem para construir e dividir novos conhecimentos, investigam pra conhecer melhor, entender e transformar a realidade que nos cerca, estamos falando de uma ação educativa. Quando fazemos tudo isso levando em conta alguma coisa que tenha relação ao com nosso patrimônio cultural, então estamos falando de Educação

---

<sup>12</sup> Disponível em <http://coral.ufsm.br/ppgppc/index.php/duvidas-e-dicas/80-o-que-e-patrimonio-cultural-constituicao>, acesso em 01 de julho de 2013.

Patrimonial! O IPHAN concebe educação patrimonial como todos os processos educativos que primem pela construção coletiva do conhecimento, pela dialogicidade entre os agentes sociais e pela participação efetiva das comunidades detentoras das referências culturais onde convivem noções de patrimônio cultural diversas.<sup>13</sup>

Sendo assim, nosso trabalho também condiz com os preceitos da Educação Patrimonial, pois este trabalho, além da primordial característica de que visa proteger e difundir um patrimônio, tem a preocupação de oferecer um recurso a ser utilizado como apoio pedagógico. Segundo Soares (2003), educação patrimonial é

[...] um programa que busca a conscientização das comunidades acerca da importância da criação, da valorização e da preservação dos patrimônios locais. Essa conscientização é um exercício de interação da população com os patrimônios da sua região. Para uma melhor compreensão inicial, são utilizados patrimônios concretos, vestígios que possam ser tocados ou percebidos. Somente após esse procedimento, serão trabalhados os patrimônios que se apresentam de forma abstrata, como o saber popular local. (p. 24).

Para trabalharmos a história das Missões, é necessário observar que partimos da condição de que a comunidade local, a comunidade missioneira, empreendeu grandes esforços para a valorização de seu patrimônio, especialmente na cidade de São Miguel das Missões, onde temos, dos 7 Povos, o maior e mais bem conservado sítio arqueológico. Tive a oportunidade de visitar, em julho de 2013, estes 7 Povos e, infelizmente, nenhum tem a estrutura tal qual a de São Miguel. Mesmo assim, fora grande o esforço que nasceu da comunidade local de preservar seu patrimônio, esforço este que veio ser sustentado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Arqueológico Nacional (IPHAN). Sendo assim, todos os processos que são elencados por Soares já se fizeram/fazem presentes na região Missioneira. Devido à importância da história das Missões para a América, o Brasil e o Rio Grande do Sul é que nos apropriamos dela como objeto dos nossos estudos.

Nossa proposta foge um pouco da proposta onde se gerou a metodologia da Educação Patrimonial, que, segundo Soares “surgiu, inicialmente, para que se desenvolvessem programas didáticos nos museus” (p. 25). Evidentemente que a questão tomou novos rumos, pois como o autor

---

<sup>13</sup> Disponível em <http://www.iphan.gov.br/montarPaginaSecao.do;jsessionid=E60BB7387A003EE0798A9637F23D5031?id=15481&retorno=paginalphan>, acesso em 1 de julho de 2013.



afirma, em sequência da citação anterior, é que “a adequação desse método de ensino para o trabalho nas escolas é uma proposta nova, na qual os objetos estudados estão inseridos no cotidiano das comunidades” (p. 25). Sabemos que, no nosso caso, não temos como fazer com que os educandos tenham contato direto com estes lugares ou se identifiquem com eles, mas, conforme dito anteriormente, diante da relevância do conteúdo que estudamos é que queremos aproximar alunos, professores e demais interessados a esta passagem histórica.

O método que utilizamos para isto foi o jogo, dentro de sua capacidade de desenvolver “o imaginário e a memória de tempos passados”, conforme o trabalho “Reflexões sobre jogos e brinquedos na infância”, de Vaneza Peranzoni, Berenice Basso, Márcia Cristina Rodrigues e Leandra Costa (2012). As autoras trazem uma brilhante observação acerca dos estudos já realizados sobre a importância dos jogos e brinquedos na formação do indivíduo durante sua infância. Através de Piaget, Wallon e Vygotsky, as autoras apresentam que os jogos são grandes aliados no desenvolvimento motor e cognitivo da criança, estimulando sua criticidade, sua consciência sobre seu corpo e sobre a sua pessoa. Não é possível definir “jogo” em apenas uma frase, já que os autores o apresentam de formas distintas, apesar de concordarem com os benefícios dos jogos na educação e no desenvolvimento. O jogo está associado ao ato de brincar, de exercitar, de se desenvolver. Então queremos no deter frente a forma como as autoras resumem os benefícios que se podem adquirir através do uso de jogos:

Através de jogos, podemos desenvolver a sensibilidade, a imaginação criadora, a atenção, a observação, a socialização, a rapidez de reflexos, a responsabilidade, a organização, o domínio do esquema corporal, as habilidades físicas e vocais, o espírito crítico, a desinibição, a capacidade de resolver problemas em conjunto, entre outros. O jogo é um campo muito vasto e de inúmeras possibilidades. [...]. O que o professor precisa ter em mente é que o jogo, numa proposta lúdica de trabalho, vem como um recurso de extrema importância no caminho do educador, buscando o desenvolvimento harmonioso e completo dos seus alunos, pois, através do lúdico, o aluno libera seus anseios, derruba obstáculos e constrói seus conhecimentos. (p. 292).

Esta análise reflete o que nosso conhecimento empírico nos diz: que os jogos estimulam os alunos a aprenderem, por serem mais atrativos e, muitas

vezes, mais desafiadores. Dizem as autoras que “o jogo tem a vantagem de ser funcional, de ser compreendido e desejado pelas crianças” (p. 292). Por isso, pensamos que, ao despertar no aluno o interesse de jogar, estamos estimulando seu aprender e seu senso crítico para a escolha das melhores opções que o levem a cumprir a missão ao qual é destinado dentro do jogo.

Sendo assim, o jogo pensado como produto, gerado por este projeto, vem colaborar com a preservação do Patrimônio Cultural através do despertar da Educação Patrimonial, tendo como eixo a história Missioneira do Rio Grande do Sul.

Conforme já dito, existe já um grande grupo que se concentra em propagar as questões históricas e culturais acerca das Missões Jesuíticas no Rio Grande do Sul. Dentro dele, destacamos o que se intitula Missioneiro, que costumam difundir estas questões principalmente através da arte. De forma muito relevante, os missioneiros foram parte fundamental para que a história das Missões não caísse no esquecimento durante a 2ª parte do século XX. Diante de sua origem nesta região, consolidaram um gênero artístico, principalmente musical, muito peculiar e reconhecido. É importante falarmos nos missioneiros, pois ao observarmos suas composições em diversas situações, vimos que eles foram porta-vozes deste entendimento da história das Missões que queremos estimular: uma história mais humana, mais permeada de criticidade e que conseguiu espaço na mesma sociedade que fora educada nos moldes mais estáticos.

Cenair Maicá, Jayme Caetano Braun, Noel Guarany e Pedro Ortaça são considerados pelos próprios missioneiros como os “Troncos da Música Missioneira”<sup>14</sup>. Essa referência é muito aceita e difundida no cenário da música nativista no RS. Consideramos que eles são os mais influentes compositores desta linha que chamamos de Missioneiros. Suas composições apresentam noções de identidade e de pertencimento de lugar de uma forma muito interessante: se sentem filhos de uma cultura hispânica mesmo que plenamente inseridos em um espaço nacional de dominação lusitana. Se, para as pessoas que vivem afastadas dos espaços da fronteira, a região das Missões é vista como um dos marcos que divide a formação da América

---

<sup>14</sup> TRONCOS MISSIONEIROS. LP de Noel Guarany, Jayme Caetano Braun, Cenair Maicá e Pedro Ortaça. CBS/Discoteca Produções, 1987.

Espanhola da América Portuguesa, para os habitantes da região, ela é um espaço de mescla e integração.

Benedikt Zientara (1989) nos fala da fronteira permitindo sua compreensão em diversos sentidos, como a linha de fronteira, as paisagens naturais utilizadas como fronteira (não uma fronteira natural), o caráter de unir e ao mesmo tempo dividir que as fronteiras podem ter, e que muito claro quando os 7 Povos são recorridos. A cultura é um elemento não “respeita” estas linhas de fronteira, ela se alastra além dela, mesmo que, conforme o autor, a fronteira possa ser “um limite entre o âmbito da vida quotidiana e o que lhe é estranho” (p. 310). É neste sentido em que muitos compositores das missões irão trabalhar a ideia de fronteira, vendo que o que é comum a eles transcende as marcações territoriais e também é comum “do lado de lá”.

No caso do espaço territorial onde se ergueram as Missões Jesuíticas, a demarcação da fronteira política que daria posse da região à Coroa de Portugal ou de Espanha, fora um processo lento e complexo em um amplo jogo de poderes que se chocavam com os interesses das populações indígenas que habitavam o território desde antes da chegada destes conquistadores.<sup>15</sup> Observando isto, é possível compreender a complexa noção de identidade dos sul-rio-grandenses da região das Missões, que citamos anteriormente ao falarmos dos Missioneiros.

A obra de Stuart Hall “A identidade cultural na pós-modernidade” (2006) nos permite conceituar o grupo dos missioneiros em questão, considerado um grupo Etnomusical, partindo da definição de etnia, “o termo que utilizamos para nos referirmos às características culturais – língua, religião, costume, tradições, sentimento de “lugar” - que são partilhadas por um povo” (p. 62). Assim, os Missioneiros são um grupo étnico que expressam as características culturais de que partilham através da música.

Quanto à identidade Missioneira, acredita Roselene Pommer (2009) que

[...] a paisagem cultural, obviamente, não brota espontaneamente a partir do mundo físico. É conduzida a compor-se de monumentos que articulam a memória, a tradição e a identidade de seus grupos humanos com o objetivo de levá-los a reconhecerem-se e apresentarem-se como

---

<sup>15</sup> THOMPSON FLORES, Mariana F. C. FARINATTI, Luís Augusto. A Fronteira manejada: apontamentos para uma história social da fronteira meridional do Brasil. In HEINZ, Flávio. (org.) **Experiências Nacionais, temas transversais. Subsídio para uma história comparada da América Latina**. São Leopoldo: Oikos, 2009, pp. 145-177.

Mesmo citando a memória, a tradição e a identidade, a autora aponta o reconhecimento do sujeito como missioneiro a partir de um objetivo claro dos que articulam esta identidade. Porém, Pommer não trabalha com a subjetividade destes indivíduos, o que entendemos que deva ser sempre avaliado para se desenhar uma idéia de identidade que se aproxime daqueles que as assumem. É fundamental respeitarmos que os Missioneiros assim se sentem por uma série de sentidos emocionais, ligados à seus familiares, seu apego ao local onde cresceram e construíram suas vidas, criaram e educaram seus filhos, e não apenas como receptores de uma identidade articulada em favor de outros benefícios (como turismo e valorização regional, por exemplo).

A questão da articulação também é citada por Llorenç Prats (1998) na questão do Patrimônio. O autor nos apresenta o Patrimônio como uma representação simbólica da identidade e de suas versões<sup>16</sup>, onde a identidade também é uma construção social, só que ela se fixa e perdura no tempo. Porém, o autor defende que quem “ativa” as versões de patrimônio e identidade não é a sociedade, são os poderes constituídos. Concordamos com a situação de que existe uma manipulação, em função de diversas finalidades (como turismo, mídia, política) que estimulam o preservar e o estimular de determinadas identidades e patrimônios (tal qual fizera o IHGB, como será observado nas páginas seguintes), porém vejo que, em muitas situações, existem apelos sociais que, antes das ações dos poderes constituídos, elegem sua própria identidade e determinam o que consideram patrimônio, como é o caso do grupo dos Missioneiros que elencamos anteriormente.

Com relação especificamente à identidade missioneira, trazemos a manifestação elaborada por Ceres Karan Brum como sendo a que melhor se afirma frente esta dissertação. Diz Brum

[...] o passado missioneiro vem sendo objeto de inúmeras representações que ultrapassam os limites da história já que, além dos discursos historiográficos, há outras memórias acerca desse passado em constante re-atualização, cujos agentes se posicionam na luta pelo poder legítimo de dizer o que foram as Missões, caracterizando seus protagonistas e suas principais instituições. (2006, p.19)

---

<sup>16</sup> Como é o nítido caso de São Borja, muito mais vinculada em ser a “terra dos Presidentes” do que ser “o primeiro dos 7 Povos”.

Desta forma, a autora permite um conhecimento gerado aquém dos estudos historiográficos, e quando cita as memórias e os agentes que lutam por seus direitos de contar o que significam as Missões, está legitimando os conceitos de identidade elaborados empiricamente através da subjetividade de uma população que se identifica como Missioneira. Esta subjetividade se completa com a compreensão do *ethnotype* (conceito original de Anne Marie Thiesse que é apresentado por Brum), ou seja, a relação “com a afirmação de uma região por suas características forjadas a partir de interpretações do que tenha sido o passado” (BRUM, 2006, p. 18). Ou seja, o espaço de vivências, tanto sociais como culturais, que contém referências diretas com o passado em questão, permite que a elaboração da identidade componha e alimente etnias profundamente ligadas às suas noções de pertencimento de lugar.

Os povos, em geral, buscam se identificar com uma gênese, que permita situar, no passado, os valores que acreditam serem válidos para suas condutas no presente. Algumas manifestações acerca da identidade do Rio Grande do Sul se identificam com esta gênese dos missioneiros, tendo os Guaranis-Missioneiros como nativos que, mesmo que tenham permitido a aculturação oferecida pelos padres da Companhia de Jesus, mantiveram seu apego pela terra e seus principais costumes. Estas posições são corroboradas com o trágico desfecho frente às imposições do Tratado de Madrid de 1750, a Guerra Guaranítica, quando estes Missioneiros recusaram em entregar suas terras para atender às contendas organizadas entre as Coroas de Espanha e Portugal.

. Estas observações são importantes, pois se a história das Missões pode ser revisitada e se manteve viva na mente da população, muito disse se deve à atuação dos missioneiros e às formas como manifestaram a sua identidade. E a dificuldade em manter esta história acesa se dá diante do confronto da história regional com a história proposta pelo IHGB quando fora estruturado, que buscava oferecer ao Brasil uma identidade nacionalista num momento político crítico onde fora preciso a aceitação das multidões para que promovesse um controle delas. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), fundado em 1838, visava compor, através da história e da geografia, uma figura brasileira que se comovesse com menores resistências ao nacionalismo, ainda pouco influente na sociedade brasileira. Sobre o IHGB e

suas tentativas de elaborar uma imagem nacional, observamos o texto de Manoel Luís Salgado Guimarães (1988), “Nação e Civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional”, na seguinte passagem:

[...] é no bojo do processo de consolidação do Estado Nacional que se viabiliza um projeto de pensar a história brasileira. A criação, em 1838, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) vem apontar em direção à materialização deste empreendimento, que mantém profundas relações com a proposta ideológica em curso. Uma vez implantado o Estado Nacional, impunha-se como tarefa o delineamento de um perfil para a “Nação brasileira”, capaz de lhe garantir uma identidade própria no conjunto amplo das “Nações”, de acordo com os novos princípios organizadores da vida social do século XIX. (p. 6).

Uma situação de dificuldade para o IHGB foi incluir neste cenário nacional os espaços de fronteira do Brasil, pois, como no Rio Grande do Sul, negar que parte da sua formação tem influência espanhola e não apenas portuguesa é desconhecer a realidade do Estado, principalmente na região Oeste. Sobre como foi tratada esta questão pelo IHGB, vê-se que:

Se, a princípio, todas as regiões do país são definidas como igualmente importante, o material publicado revela uma clara orientação em direção às regiões de fronteira, devido à necessidade de integração dessas mesmas regiões ao poder do Estado Nacional, sediado no Rio de Janeiro (GUIMARÃES, 1988, p. 23).

Tem-se então, no IHGB, o difusor da historiografia de cunho tradicional trabalhada no Brasil e que fora utilizada por anos na educação básica e também pelo MTG, espaços em que investigamos suas manifestações para tecer nossas críticas – e nossa proposta – acerca das formas como a história vem sendo reproduzida, através da história das Missões. Mas voltar-nos ao Rio Grande do Sul leva ainda à observação do Instituto Histórico e Geográfico do RS, que manteve a mesma corrente em seu surgimento, embasado ainda na exaltação de figuras particulares na busca de uma gênese gloriosa e, principalmente, portuguesa, para a população sul brasileira. Com o findar do século XIX e início do XX, ambos Institutos recebem como propulsoras as ideias então difundidas de Auguste Comte, trabalhando a história de forma linear dentro de sua concepção intitulada Positivista. Junto a estes está então o Movimento Tradicionalista Gaúcho, porta-voz das concepções de história

vigentes do período, protegido, para sua validade, na ideia de gênese gloriosa do povo sul-rio-grandense.

Dentro deste embate onde há um Rio Grande do Sul português tal qual o país que integra e de que há um Rio Grande do Sul espanhol, tal qual grande parte do continente que integra, surge uma gama de escritores a posicionar-se conforme a ideia que defende. A historiografia do RS é apresentada por Ieda Gutfriend (1992), “A historiografia sul-rio-grandense e seus fundamentos”, que observa que as leituras iniciais das obras de história de autores rio-grandenses sobre o Rio Grande do Sul aparecem, num primeiro momento, como trabalhos individuais e dissociados entre si. Em seguida, porém, se nota que há uma relação solidária que os aproxima significativamente, mas divididos em dois grupos de pesquisadores, definidos conforme sua matriz ideológica (tipos de discursos com características comuns, que buscam identidade político-cultural do RS), sendo Matriz Platina (autores que aceitam a influência da Região do Prata na formação do RS) e Matriz Lusitana (que minimiza as aproximações do RS com as áreas platinas). Fundamental ainda se enfatizar que, a Matriz Lusitana foi a que obteve maiores sucessos no Rio Grande do Sul, e neste caso a influência do PRR – Partido Republicano Riograndense – no final do século XIX e início do século XX é decisiva, assim como a proeminência da figura de Getúlio Vargas no decorrer do século:

Os trabalhos de Alcides Lima, Assis Brasil e Alfredo Varela, classificados como pertencentes à matriz platina, admitem uma certa forma de contato ou influência dessa área no Rio Grande do Sul. No entanto, esses autores também apresentavam pontos de vista defendidos pela matriz lusa da historiografia. Suas obras respondiam a necessidades políticas conjunturais, abarcando o período da propaganda e justificativa da implantação do regime republicano e do sistema federativo de governo no estado. Foi a defesa desse último – a Federação – que os levou a reorientar o discurso historiográfico, destacando a originalidade do Rio Grande do Sul. De forma clara, ocorria o uso da História pela política, em específico pelo Partido Republicano Rio-Grandense. Já na década de 1920, inaugurava-se o discurso da historiografia que insistia na origem lusitana do estado sulino e no sentimento de brasilidade dos seus habitantes. Essa orientação apresenta seguidores até a atualidade. [...] A Revolução de 1930 leva ao poder um presidente gaúcho, e é nesse contexto, principalmente nos anos 20, na luta para alcançar o poder em nível nacional e legitimar essa posse, que se coloca o interesse em demonstrar historicamente a identidade brasileira no estado sulino. (GUTFRIEND, 1992, p. 20).

A transcrição deste trecho do texto de Gutfriend permite que vejamos a

influência da política nas pesquisas voltadas à matriz lusitana, tanto no caso que parte das necessidades do PRR (cujo principal líder, Júlio de Castilhos, era seguidor fiel da Doutrina de Comte) quanto das de Getúlio Vargas que se tornava um ícone de proporções nacionais.

Utilizamos este trecho transcrito para explicitarmos a ideia de que o ensino esteve, por muitos anos, imerso num estático entendimento historiográfico. Esta imersão em um conhecimento de ligação aos Lusitanos, por exemplo, é suficiente para fazer com que o Guarani que fora catequizado pelos Espanhóis da Companhia de Jesus, raramente seja tema dos estudos históricos que eram difundidos pelo Estado, e nos faz citar novamente a importância dos missionários em terem preservado a história da região.

O movimento nativista, o qual participei através da Gauderiada, ganhou força e representatividade a partir da década de 1970, e eclodiu expressando o entendimento que grande parcela da população sul-rio-grandense tinha de si mesma, muitas vezes contrariando os princípios ditados pelo MTG e o entendimento difundido pelos Institutos Históricos, e vindo defender a formação multi-étnica regional, admitir uma cultura popular que pudesse ser mais "flexível", sem regramentos precisos (desde que tivesse o cuidado com os elementos que caracterizassem os costumes regionais), não aceitando o "engessamento folclórico" proposto pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho e sem institucionalizar o Nativismo, organizando suas manifestações através da arte, principalmente a música (provavelmente era por isso que as músicas que eu ouvia na Gauderiada me interessavam e me intrigavam tanto, elas falavam de coisas diferentes das que eu estudava até então).

Sobre o nativismo, nos cabe apenas esclarecermos que são originários Califórnia da Canção Nativa<sup>17</sup>, o primeiro festival de música nativista surgido no RS, na cidade de Uruguaiana no ano de 1971, e sucedido de muitos outros em diversas localidades do RS. Sobre o pioneirismo da Califórnia, nos diz o pesquisador Álvaro Santi, que ao estudar o Nativismo gaúcho, usa a Califórnia como um dos marcos cronológicos de seu trabalho, justificando esta escolha

---

<sup>17</sup> Aos interessados no assunto, sugiro a leitura do Trabalho de Conclusão de Graduação de Thiago Scott Duarte, "Lanças erguidas, espadas no ar: como a música regionalista da Califórnia da Canção Nativa escreve a história do Rio Grande do Sul". UFRGS, 2009.



da seguinte forma: “Escolhemos a Califórnia, em primeiro lugar por ser cronologicamente o primeiro dos festivais” (2004, p.12).

São válidas algumas observações acerca do imaginário e da representação que circunda a figura do rio-grandense, pois muito deste modelo de história que criticamos se fez em cima do imaginário do “gaúcho” acerca dos seus próprios antepassados. Conforme dito inicialmente, a origem mais remota deste trabalho foi minha própria atuação no Movimento Tradicionalista, e ele tem sido o principal porta voz da imagem mítica do rio-grandense: heroico, corajoso e praticamente endeusado. Geralmente um militar. Geralmente homens, com muito escassas exceções.

Sandra Jatahy Pesavento (1993), em “A invenção da Sociedade Gaúcha”, nos apresenta as formas com o qual se chegou a este momento em que o “gaúcho” elabora um imaginário acerca de sua gênese, de forma gloriosa, e o representa ao longo dos anos. Pesavento trabalha esta questão falando inicialmente sobre o imaginário, ao explicar que ele se constrói entre a realidade e representações atribuídas à ela. Ou seja, o imaginário alimenta a questão da identidade, onde, ligada sempre às noções de nação e/ou de região, é elaborada de forma onde não necessariamente tenha uma ligação direta com um evento real, mas também de anseios e utopias, e estes, por sua vez, fazem parte desta realidade. E foi assim que se desenvolveram estudos em história baseados nos fatos e nos “heróis” ligados à eles, principalmente quando o Brasil precisou alimentar sua identidade nacional. O contraponto disto é que, uma orientação histórica tal qual a que é expressa por missionários, nasce da mesma forma, só que diretamente relacionadas a um espaço regional.

Pesavento apresenta então quatro elementos fundamentais para a representação regional, que seriam o “Mito das origens”, a “articulação personagem-paisagem”, a “opção política e ideológica regional” e a “articulação entre autor e público”. Neste trabalho, a compreensão do mito das origens é bastante pertinente, pois a visão tradicional de história se vale muito da elaboração da figura mítica do rio-grandense, e a “gênese” deste “gaúcho” vêm amparada nesta construção histórica, dos “grandes vultos” e seus “grandes feitos”.

Foi diante desta premissa que se organizou, se ergueu, se consolidou e se expandiu o Movimento Tradicionalista Gaúcho, ponto fundamental no transcorrer da minha história de vida que culmina, no momento, neste trabalho. Para pensarmos na história do MTG, pensemos, inicialmente, na cidade de Porto Alegre (berço do MTG), que formara sua identidade baseada na influência portuguesa, admitindo culturas estrangeiras e num cenário urbano. É adequado entendermos que a cidade causaria estranhamento às pessoas que fossem naturais do interior oeste do Estado. Conforme a obra “35 CTG’ Pioneiro do Movimento Tradicionalista Gaúcho”, de Cyro Dutra Ferreira<sup>18</sup>, em 1947, um grupo de estudantes do Colégio Júlio de Castilhos (sendo eles Paixão Côrtes, Cyro Ferreira, Cyro Costa, Antônio Siqueira, Orlando Degrazzia, Cilço Campos, Fernando Vieira e João Vieira), naturais do oeste do Estado, optou por organizar um movimento que levasse até a capital os costumes rurais do interior do RS. Este movimento foi o que ficou posteriormente conhecido por Movimento Tradicionalista Gaúcho, o MTG (institucionalizado em 1966), e estes 8 estudantes passaram a ser considerados os “Pioneiros do MTG”. Este mesmo MTG, através de seus Conselhos Diretores, acabou por adaptar os princípios iniciais destes geradores e realizou, muitas vezes, um trabalho de preservação cultural amparado na criação de regimentos e na limitação e regularização das manifestações folclóricas.

Estas adaptações aconteceram ainda nas próprias concepções ideológicas do Movimento. O pensador que melhor definiu os ideais do ainda nascente Movimento Tradicionalista, fora João Carlos Barbosa Lessa, que apresentara, em 1954, a tese “O sentido e o valor do Tradicionalismo”, onde sistematizara o entendimento deste tradicionalismo através de sua ideologia e das dos demais considerados pioneiros deste movimento, falando sobre o sentido do tradicionalismo como uma

EXPERIÊNCIA do povo rio-grandense, no sentido de auxiliar as forças que pugnam pelo melhor funcionamento da engrenagem da sociedade. Como toda experiência social, não proporciona efeitos imediatamente perceptíveis. O transcurso do tempo é que virá dizer do acerto ou não desta campanha cultural. De qualquer forma, as gerações do futuro é que poderão indicar, com intensidade, os efeitos desta nossa - por enquanto - pálida experiência. E ao dizermos isso, estamos acentuando o erro

---

<sup>18</sup> FERREIRA, Cyro Dutra. “35 CTG” O pioneiro do Movimento Tradicionalista Gaúcho. Porto Alegre, RS: Editora 35 CTG, n/d.

daqueles que acreditam ser o Tradicionalismo uma tentativa estéril de "retorno ao passado". A realidade é justamente o oposto: o Tradicionalismo constrói para o futuro. Feitas estas considerações preliminares, podemos tentar um conceito do movimento tradicionalista. E então diremos: "Tradicionalismo é o movimento popular que visa auxiliar o Estado na consecução do bem coletivo, através de ações que o povo pratica (mesmo que não se aperceba de tal finalidade) com o fim de reforçar o núcleo de sua cultura: graças ao que a sociedade adquire maior tranqüilidade na vida comum".<sup>19</sup>

Apesar da ideologia e da origem destes Pioneiros e de seu principal pensador, a identidade do “gaúcho” que passa a ser difundida pelo MTG nos anos seguintes e alimentada pela cultura orientada por ele, é baseada no entendimento da matriz lusitana do RS, base do IHGB.

Mesmo a historiografia tradicional tendo alimentado um cenário de história amparado nos “grandes feitos” de “grandes heróis”, e de termos uma massa popular que se reconhece através destas obras e aponta esta corrente como parte de sua “linhagem” enquanto Sul Rio-Grandenses, no já citado Trabalho de Conclusão de Graduação da autora desta dissertação, demonstramos que as correntes artísticas regionais não se embasam apenas nestas concepções. Observadas dez composições musicais, elaboradas em períodos diferentes, caracterizamos a existência de uma corrente que faz frente a um movimento que busca resgatar os anônimos da história, não integrantes da elite e que, assim, não tiveram seus nomes registrados pela historiografia enquanto grandes ícones regionais. Vimos assim uma gênese transferida para a camada social mais empobrecida da história do RS, não lhe tirando o caráter de “hombridade” e “bravura”, típicos da concepção tradicional da história, mas destinando este caráter à outros personagens na corrente não tradicional.

A formação desta figura do “gaúcho” (e a/s identidade/s Sul-Rio-Grandense/s) foi observada por Daysi Lange Albeche, em “Imagens do Gaúcho. História e Mitificação” (1996), que trabalha com a produção literária a respeito do “gaúcho” no período da República Velha, e discorre em sua obra sobre as transformações deste conceito até que se consiga assumi-lo sem tons pejorativos, quando a figura do "gaúcho" se torna a tradução de valores como coragem e moralidade (p. 17). Segundo a autora, essa figura moral se constrói a partir de 1877 através do autor Oliveira Belo, citado por Albeche como o

---

<sup>19</sup> Disponível em <http://www.mtg.org.br/valor.html>. Acesso em 4 de outubro de 2011.

primeiro a usar a terminologia “Gaúcho” para apresentar um símbolo Rio-Grandense, em “Os Farrapos”. Essa imagem virá se fixar em forma de “qualificar” um indivíduo com a participação do Partido Republicano Rio-Grandense, onde a autora acredita que

parte do imaginário deste período [...] pode ser compreendido pela intencionalidade de reordenar a tradição. [...] o herói Castilhos reata o fio da história, pois é representado como consolidador dos ideais, antes adormecidos, da Epopéia Farroupilha. (ALBECHE, p.12 – 13, 1996.)

O período estudado por Albeche anterior à 1877, como o relato de viajantes que percorreram o RS no século XIX principalmente, demonstra não haver um “sinônimo” entre a figura do “gaúcho” e os códigos morais, denotando a situação de construção identitária desenvolvida ao longo do tempo.

Também observando a proeminência da figura do “gaúcho” através da literatura, está Carla Renata Antunes de Souza Gomes (2009), com “De Rio-Grandense a Gaúcho: o triunfo do avesso. Um processo de representação regional na literatura do século XIX (1847 – 1877)”. Gomes também traça uma perspectiva a respeito da idealização da figura do Rio-Grandense enquanto “Gaúcho”, cujos moldes se encontram na literatura de meados do século XIX. Gomes remonta o processo de idealização desta forma:

Através da narrativa histórica surge o bravo soldado de tantas campanhas militares. A literatura em prosa e verso encarrega-se de descrever e exaltar esta vida militar e suas atividades campeiras. E a Antropologia cuida de aferir como se estrutura a identidade regional a partir da idéia desse soldado-campeiro de tão altas qualidades. (p. 11, 2009)

Esta trajetória trazida por Gomes complementa os estudos de Albeche, que, por sua vez, complementa o trabalho da primeira. Estes trabalhos pontuados nos demonstram que a imagem do “gaúcho” se moldou através do tempo como um personagem favorável ao invés de possuir apenas características negativas, e isto ocorreu através de situações que projetaram este fim. Foi este “gaúcho” virtuoso que fez acontecer a cultura que eu passei a admirar e difundir. E questionar também.

A cultura “gaúcha” que se tornou expressa e difundida como característica do RS é trabalhada em “Expressões da Cultura Gaúcha”, obra de 2010 organizada por Ceres Brum, Maria Maciel e Ruben Oliven. Diversas temáticas são utilizadas (como literatura, culinária, indumentária, teatralidade,

tradições orais e a midiática) para demonstrar como se estrutura a imagem do “gaúcho” através das manifestações culturais que se posicionaram em evidência no Rio Grande do Sul. Desta obra, Ruben Oliven colabora diretamente com a revisão bibliográfica desta dissertação através de “Rio Grande do Sul: Um só estado, várias culturas”, pois o autor aborda a situação de personagens historiográficos marginalizados na construção identitária do Rio Grande do Sul, mas que merecem terem mais visibilidade por serem integrantes e enriquecedores da formação cultural. Diz Oliven que:

o Rio Grande do Sul pode ser visto como um mosaico de diferentes culturas que se amalgamaram para dar origem a um caleidoscópio cheio de luzes de diferentes cores que formam um conjunto altamente criativo de contribuições”. (2010, p.33)

Frente estas observações, cabe considerarmos que as Missões e todos os personagens (“pessoas“!) envolvidos nela fazem parte deste mosaico, abordando figuras como do Nativo, ou do Guarani e ainda do Guarani-Missioneiro.

Até o momento, percorremos distintos cenários sobre as produções que se relacionam com este trabalho, partindo da importância dos produtores culturais missioneiros por terem mantido em voga a história das Missões mesmo em um momento histórico não favorável à eles. Junto à isto, o surgimento do movimento tradicionalista, como reflexo das questões que envolvem a produção de história em um formato mais limitante, geradas pelo IHGB (história esta que existia sem as “pessoas“ que eu tanto ansiava por ver nos meus primeiros estudos) e também quanto ao movimento nativista, importante em acender meus questionamentos sobre história e principalmente, por correr junto com o estilo missioneiro de falar da história do Rio Grande do Sul. Destrinchando estes caminhos podemos nos sentir com suporte suficiente para elaborarmos um produto que vise dar um novo olhar sobre a história das Missões, a partir da inserção deste jogo nos espaços que envolvem a educação.

Sobre a educação, inicialmente precisamos explicitar nosso entendimento de que a relação mútua entre alunos e professores precisa ser alimentada de forma mais enfática na sociedade contemporânea. Observando Paulo Freire em seus escritos mais clássicos , podemos citar a seguinte passagem:

não há docência sem discência, as duas se explicam, e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender (FREIRE, 1997, p.25)

Ou seja, educador e educando são participantes do mesmo processo da construção da aprendizagem. O empirismo então vem nos dar as mesmas respostas já apresentadas pela teoria. Não há como não aprender com seus alunos. O recurso didático que propomos, mesmo sendo online, não visa afastar o educando do educador. O educador deve estar à disposição do aluno, disposto também a aprender mais a partir das dúvidas geradas pelo seu aluno.

Mesmo parecendo uma sentença provocativa àqueles que acreditam que o patamar de professor é de ínfima superioridade aos seus educandos, apenas valer-se destas pretensões poderia inibir a primeira conclusão. No mínimo, hão de ser aprendidas formas de contato com os alunos (pessoas) e suas particularidades, e se estas não forem percebidas, a falha reside na indiferença do professor.

Desde que passei a ser professora, pude compreender melhor esta ideia. É comum ouvirmos dos Coordenadores Pedagógicos das escolas algumas sentenças como “não mostre os dentes à eles” (não sorria para seus alunos), “professor é superior ao estudante” e “o professor é autoridade em sala de aula”. Ouvi estas três frases nas três escolas onde já atuei (duas durante o estágio e na escola onde trabalho atualmente). Eu questiono muito estes modelos. Eu acredito no respeito. Não me sinto no direito de entender que minha vida, meus problemas e minhas alegrias são superiores às dos meus alunos. Não me sinto também em condições de lhes negar um sorriso, uma “brincadeira”, um momento leve em sala de aula. E autoridade... Questiono muito este conceito. Não me vejo tendo um gesto de respeito por qualquer pessoa que não tivesse respeito por mim, mesmo que a pessoa em questão fosse uma convencional autoridade (prefeitos, governadores, presidentes, enfim!). Eu sou um ser humano e, como tal, quero que meus alunos me respeitem da mesma forma que eu os respeito. As determinações que são deferidas por mim devem ser respeitadas não por eu ser uma “autoridade” perante eles, mas por causa da minha função. Acredito que eles tenham que entender e respeitar a minha condição de professora, de

norteadora do ano letivo deles na disciplina que leciono. O fato de que eu tenho mais maturidade do que eles para conduzir algumas situações acaba se tornando evidente. Mas maturidade não é autoridade, não acredito nesta última. Penso que, alimentando isso nos meus alunos, estarei os preparando da melhor forma para conviverem em sociedade.

Segundo Libâneo (1998), percebemos que o “senso comum” se torna guia para grande parte dos professores, que preferem não alterar seus métodos de ensino ou de avaliação. Porém não se pode frear ou negar o entendimento sobre as tecnologias do qual o público infanto-juvenil dispõe e a facilidade de acesso a ele, podendo-se então, conciliar o ensino com aquilo que é atrativo ao aluno. No texto “Tendências pedagógicas na prática escolar”, Libâneo traça uma perspectiva bastante sistemática quanto às formas pedagógicas que os professores assumem para conduzir sua profissão. Enquanto professora, encaixar-me em apenas uma das modalidades descritas pelo autor é algo bastante complexo, pois é comum identificar-me em mais de um dos citados estilos. Para a compreensão deste projeto, citamos a Pedagogia Progressista (trabalho da educação com finalidades sócio-políticas) e Pedagogia liberal (a escola prepara o aluno para assumir papéis sociais conforme suas aptidões). Evidentemente que ambas teorias se destrincham em outras e se fazem bastante complexas, a questão é relatar que teorias poderiam se completar ao invés de se dividirem. A elaboração de um jogo online que ensine a história das Missões, deve ser entendida como algo que vise somar na formação do aluno como um indivíduo com suas particularidades e anseios próprios, porém com capacidade de usar destas para inserir-se nas regras da sociedade.

Já Gadotti (1998) em “História das idéias pedagógicas”, defende que a educação é a prática mais humana. Podemos assim refletirmos novamente acerca da prática que eu condeno, um autoritarismo “cego” do professor frente seus alunos. Aluno e professor são humanos em uma constante troca, porém questiona-se: como conciliar este pensamento frente uma juventude facilmente persuadida à práticas transgressoras ou que, por vezes, não consideram o respeito mútuo como uma premissa básica da sociedade em que vivem? Ao mesmo tempo, não se pode “generalizar” esta juventude, pois muitos destes jovens não têm apenas um futuro brilhante, eles têm um presente bem

amparado por suas opções e sua personalidade. Ao instigar o senso crítico e o uso da internet de uma forma positiva, pensamos estar colaborando com estes alunos, com a educação.

Porém, para se oferecer um jogo online com um conteúdo bem estruturado, que é o produto gerado a partir das pesquisas desta dissertação, a pesquisa do tema precisa ser muito bem desenvolvida. “Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino” (FREIRE, 1997, p. 29). Logo, não bastaria o entusiasmo para o desenvolvimento de uma investigação se ela vier ser “engavetada”, enquanto pode se transformar em recurso educativo em potencial. Em contrapartida, não se pode almejar oferecer um objeto de ensino de não se tiver o máximo entendimento possível sobre o conteúdo que se deseja ensinar ou auxiliar em seu ensino.

Creditar potencialidades ao educando e com o intuito de oferecer à estes novos recursos de aprendizagem, que o instiguem a alimentar suas próprias capacidades, e conseqüentemente, oferecendo aos professores um novo recurso educativo que vise explorar a relação de reconhecimento mútuo entre aluno e professor, é o objetivo deste produto, unido, claro, à ideia de oferecermos um recurso que estimule o entendimento da história (neste caso, através do estudo das Missões Jesuíticas do Rio Grande do Sul) de uma forma crítica, reflexiva, sem se amparar apenas em fatos, mas principalmente, nas pessoas.



### **3 – O ENSINO DA HISTÓRIA DOS 7 POVOS DAS MISSÕES: UMA ANÁLISE DE LIVROS DIDÁTICOS UTILIZADAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA E DO MODELO ADOTADO E REPRODUZIDO PELO MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO.**

Havia eu entendido, ainda quando morava em Rosário, que a história não andava sendo bem ensinada, ou bem escrita, enfim. Eu não entendia bem o porquê, e nem como isso se dava, mas eu sentia que isso acontecia. Meus espaços de circulação na “história” iam do que eu aprendia no colégio às minhas vivências e buscas enquanto tradicionalista. De todas estas já narradas vivências e experiências é que nasceram as investigações que são apontadas aqui, que comprovam que a história, neste caso, das Missões Jesuíticas, vem sendo ensinada de forma que consideramos vulgar, ou seja, estática dentro de fatos, datas e escassos personagens. Isso tudo sendo feito com uma história rica, cheia de gente, manifestações culturais e intensas relações sociais entre pessoas de mundos tão diferentes: indígenas americanos e padres europeus.

O objetivo deste capítulo é demonstrar as investigações que fizemos para comprovar a existência deste ensino “vulgar” da história das Missões. Percorreremos duas estradas: uma delas foi a da educação básica e a outra foi a do Movimento Tradicionalista Gaúcha. Para detectar os possíveis problemas que envolvem o ensino das Missões na educação básica, percorreremos os livros didáticos em busca da história Missioneira enquanto “conteúdo”. Entendemos o livro didático tal qual Marisa Lajolo (1996), quando explica que

Didático, então, é o livro que vai ser utilizado em aulas e cursos, que provavelmente foi escrito, editado, vendido e comprado, tendo em vista essa utilização escolar e sistemática. Sua importância aumenta ainda mais em países como o Brasil, onde uma precaríssima situação educacional faz com que ele acabe determinando conteúdos e condicionando estratégias de ensino, marcando, pois, de forma decisiva, o que se ensina e como se ensina o que se ensina. (p. 4).

Mesmo que o artigo de Lajolo date de mais de 15 anos atrás, a definição elaborada por ela é precisa e determinante, além de sua análise acerca da educação brasileira que (infelizmente, transcorridos estes mais de 15 anos) ser muito atual.

Foram então escolhidas 6 coleções de livros didáticos que são oferecidas para o Ensino Fundamental II (do 6º ao 9º ano), de diferentes editoras brasileiras. Nossa metodologia foi a seguinte: buscamos, inicialmente, identificar se elas apresentavam a história das Missões e, mais especificamente, dos 7 Povos que habitaram o atual Rio Grande do Sul. Após, observamos dentro de qual contexto histórico o conteúdo foi trabalhado e de que forma ele é apresentado, se tem um espaço de destaque ou apenas está sendo citado para a explicação de determinado conteúdo.

No eixo do Movimento Tradicionalista, utilizamos as provas que foram aplicadas em concursos de Prendas e Peões, em nível Regional e Estadual, ao longo dos últimos 10 anos, observando as questões propostas que tratam de assuntos relacionados às Missões, observando a forma como foram escritas e o conhecimento que elas exigiam<sup>20</sup>. Através destas questões, temos a ideia de como são as leituras “básicas” dentro do Movimento Tradicionalista Gaúcho.

Todas as análises/investigações/conclusões feitas, são baseados em nossa proposta de um entendimento crítico, que permita conhecer como fora vivida a experiência missioneira. Entendimento este baseado na ideia de que havia uma reciprocidade entre indígenas e jesuítas e de que o guarani transfere e adapta seu Tekohá para dentro de seu povoado. Tudo inserido no contexto da ocupação da América por parte de Espanha, Coroa que dominou parte do atual território brasileiro e integralmente o atual RS.

### **3.1. Análise do conteúdo sobre os 7 Povos das Missões em livros didáticos utilizados na educação básica.**

Mesmo que os recursos didáticos utilizados agora sejam bem mais aprimorados do que aqueles que eu dispunha quando estava na educação básica, os problemas ainda persistem. Mesmo que os livros didáticos estejam

---

<sup>20</sup> Desde o ano de 1970, o MTG definiu a existência da Ciranda Cultural de Prendas. O evento tem, como objetivo, escolher as Prendas que são reconhecidas como “Prendas do Rio Grande do Sul”, sendo premiadas como 1ª, 2ª e 3ª Prenda, divididas nas categorias Mirim, Juvenil e Adulta (sendo, a 1ª Prenda Adulta, considerada a 1ª Prenda do Rio Grande do Sul. Para poder concorrer ao título, a prenda precisa vencer o concurso de sua região tradicionalista (o MTG se subdivide em 30 Regiões) onde, para concorrer na sua região, ela precisa vencer o concurso interno de sua entidade. As concorrentes prestam, entre outras avaliações, uma prova escrita, com conteúdo de história, geografia e tradicionalismo. O mesmo ocorre com os peões, onde as provas contém também conhecimentos sobre a área campeira.

mais amplos em seus conteúdos, no caso da história das Missões, eles ainda são bem problemáticos na forma como o apresentam.

### 3.1.1. Coleção “Eu gosto m@is”

A primeira coleção que vamos observar se chama “Eu gosto m@is”, sob a responsabilidade de Marlene Ordoñez e Lizete M. Machado, editado pela IBEP, São Paulo, 2012 (imagem 29). O primeiro problema detectado, analisando a coleção destinada para o Ensino Fundamental, é que a sequência de conteúdos não se dá conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN’s). O livro didático do 6<sup>a</sup> ano inicia por uma breve introdução sobre o estudo histórico e, no capítulo 2, traz as Grandes Navegações, iniciando pelas Navegações Portuguesas. O livro não traz para o aluno os estudos em Pré-História e nem sobre as primeiras civilizações da humanidade (conteúdos contemplados no livro do 8<sup>o</sup> ano), apenas elementos da história do Brasil dissociados da história mundial. A obra do 6<sup>o</sup> ano se encerra com os conteúdos de Brasil Monárquico e a 7<sup>o</sup> ano percorre os demais momentos da história brasileira, até a atualidade. Um dos poucos pontos positivos da obra é trazer um capítulo apenas para tratar dos povos indígenas que habitaram o atual Brasil.

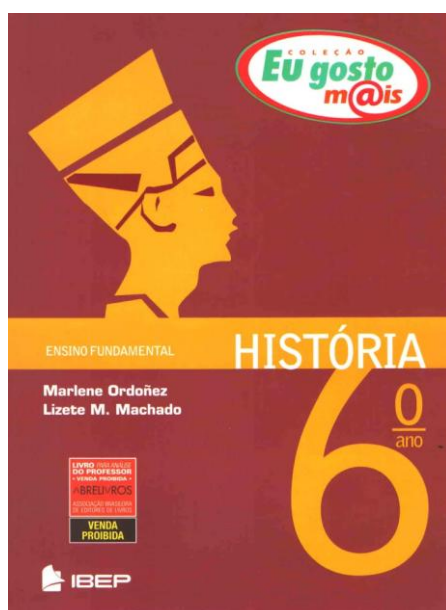


Imagem 29 – Capa da coleção “Eu gosto mais”.



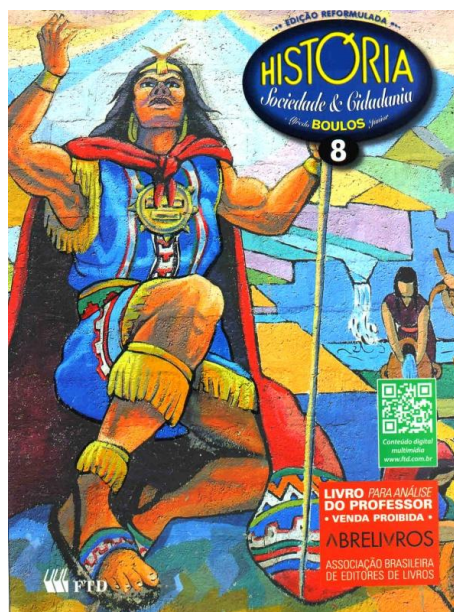
O *problema*: Esta obra trata a questão das Missões apenas como um elemento que vinha a interferir na expansão portuguesa dentro da América, não levando em consideração os estudos da América Espanhola, e foca diretamente na existência de um Brasil apenas português. Há ainda uma confusão quanto às fases da experiência missioneira, onde o período reducional não é citado, apenas se leva em consideração que houve, por parte dos jesuítas, mais de uma tentativa de organizar os povoados.

Duas páginas após a que consta este parágrafo que cita as Missões, aparece uma lista de Tratados, onde o Tratado de Madrid é citado. A explicação acerca deste é focada apenas na questão da defesa do princípio do *uti possidetis* por Alexandre de Gusmão, não sendo detalhados os territórios em questão que também foram estimulantes para que o Tratado fosse redigido. É informado ao leitor, então, que os jesuítas foram os que não aceitaram a demarcação territorial imposta pelo tratado e, desta forma, os jesuítas levaram os indígenas à guerra.

A abordagem do conteúdo acerca das Missões é desprestigiada, simplória e se apresenta de forma confusa, com sérias chances de prejudicar o aluno e o professor que dispuserem deste material. Não estimula a criticidade do aluno e nem explora as condições do indígena que habitava as missões (sem contar que deixa entender que estes fossem simploriamente manipuláveis pelos jesuítas). O capítulo que apresenta os povos indígenas do Brasil acaba não se relacionando com o restante da obra, que não valoriza a figura do indígena e não aborda seu contato com o europeu de uma forma mais efetiva e crítica.

### 3.1.2 Coleção História – Sociedade e Cidadania.

A próxima coleção que será apresentada é assinada por Alfredo Boulos Júnior, e se chama “História – Sociedade e Cidadania”, publicada pela Editora FDT, São Paulo, no ano de 2012 (imagens 31 e 32). Uma obra já bastante conhecida pelos professores de história, mas com uma versão reformulada, conforme informa a capa dos livros.



Imagens 31 e 32 – Capas da coleção “História – Sociedade e Cidadania”.

Inicialmente, já se nota ser uma obra bastante atrativa para o público jovem, pois ela se vale de vários recursos de imagens vinculadas ao universo atual do estudante. Nos primeiros momentos do livro, existem algumas definições bastante significativas para o aluno, como tempo, espaço e cultura, abordando principalmente a questão das diferenças entre os povos e sugerindo que o educando consiga se reconhecer culturalmente com o meio em que vive e que possa desenvolver a capacidade de aceitar aqueles que diferem dele. A coleção, vista integralmente, atende a sequência de conteúdos sugeridas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais.

No livro do 7º ano, pudemos observar que, após o capítulo que trata dos povos pré-colombianos Maias, Astecas e Incas, se traz um capítulo exclusivo (número 12) que visa tratar do encontro dos indígenas com os portugueses (no território do atual Brasil), chamado de “Os Tupi e os portugueses: encontros e desencontros”. Somente o nome do capítulo já nos mostra que não serão todos os povos indígenas que serão citados na obra. Ainda, logo após a parte introdutória do capítulo, passa-se a falar sobre os “Tupi-Guarani”, sendo Tupis e Guaranis apresentados como um único povo, e não utilizando o termo para especificar o tronco linguístico de povos indígenas (imagem 33).



## ■ O encontro

Os povos Tupi expandiam-se pelo litoral quando a esquadra de Cabral chegou à atual cidade de Porto Seguro, na Bahia, em 22 de abril de 1500. O que será que os **Tupiniquim** pensaram quando viram os portugueses chegando às terras habitadas por eles?

**Tupiniquim:** grupo tupi que habitava a região onde hoje se localiza Porto Seguro, Bahia.

Os Tupiniquim estranharam quase tudo: as enormes embarcações, as roupas, as botas, os chapéus, as armas de fogo, os gestos e os olhares daqueles homens de pele branca e face rosada.

Os portugueses, por sua vez, também estranharam os Tupiniquim. Esse estranhamento ficou registrado na carta de Pero Vaz de Caminha, o escrivão da armada de Cabral.

Imagem 33 – Trecho do capítulo que fala sobre o encontro dos indígenas com os portugueses.

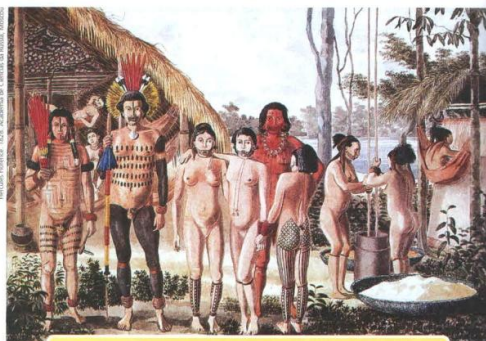
O capítulo 13 é chamado de “Colonização Espanhola da América” e a ação jesuíta não é citada no capítulo. A ação destes jesuítas é brevemente citada no capítulo 14, “Colonização portuguesa: administração”. Ou seja, é citada apenas a ação dos jesuítas na América Portuguesa, no item que diz “A expansão do catolicismo e a ação missionária”. Mais uma vez, apenas um parágrafo é destinado ao assunto (imagens 34 e 35).

No livro do 8º ano, o 2º capítulo se chama “A marcha da colonização na América Portuguesa”. Um dos primeiros itens trabalhados no capítulo é o Tratado de Madrid (página 29), com um mapa que assinala o local dos 7 Povos das Missões. Após, é trabalhada a ação dos bandeirantes e, ao demonstrar as regiões de preferência de ataques, assinalam as Missões Espanholas em um mapa intitulado “As missões jesuíticas no território brasileiro”. Ao sul do atual Brasil, é demarcado o local onde seriam as “Missões Espanholas”. Um parágrafo abaixo do mapa tenta elucidar o que são as Missões, citando-as como um lugar onde os indígenas trabalhavam e eram iniciados no catolicismo.

Quando o capítulo vem falar sobre “as novas fronteiras do Brasil Colonial”, as Missões são citadas dentro da listagem dos Tratados, na ideia de explicar a troca que deveria ser feita em função do Tratado de Madrid. Explica-se que os 7 povos eram aldeamentos dos jesuítas espanhóis com os indígenas

guaranis, e que estes não aceitaram as imposições do Tratado de Madrid. Logo após, cita-se que a Guerra Guaranítica foi fruto desta resistência indígena, que, ao durar 17 anos sobre a liderança de Sepé Tiarajú, obriga Portugal e Espanha a fazerem novos acordos (imagem 36).

Nesta parte da América, o governo e a Igreja Católica atuaram em conjunto. Enquanto o governo português cuidava do aproveitamento econômico e administração das terras brasileiras, a Igreja difundia os hábitos europeus de trabalho e comportamento entre indígenas e africanos.



Os europeus, como Pero Fernandes Sardinha, o primeiro bispo da Colônia, não compreendiam por que o ritmo de trabalho dos indígenas não obedecia a horários rígidos e viam isso como preguiça. Estranhavam também a nudez do indígena, vista por eles como um costume "selvagem".

A Igreja Católica tinha grande força na Colônia. Normas e rituais católicos como o batismo, a confissão, o casamento e a extrema-unção, marcavam a vida dos colonos, do nascimento até a morte. Por isso se diz que a Igreja exercia todo o controle sobre a vida social na Colônia.

#### A expansão do Catolicismo e a ação dos missionários

A Ordem dos Jesuítas, como vimos, foi fundada pelo militar espanhol Inácio de Loyola, em meados do século XVI. E seu objetivo principal era divulgar o Catolicismo na Europa, África, Ásia e América. No Brasil, os jesuítas deu especial atenção à formação e à conversão (catequese) das crianças indígenas por meio delas, buscavam atingir os adultos. Principalmente por isso fundaram colégios nas principais vilas e cidades do Brasil, como São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Salvador, Olinda, São Luís e Belém.

270

UNIDADE IV – NÓS E OS OUTROS

Até 1580, os jesuítas foram os missionários "oficiais" da Coroa portuguesa. Depois disso, entraram no Brasil outras ordens religiosas, como as dos franciscanos, carmelitas, capuchinhos e oratorianos. Os franciscanos atuaram no litoral nordestino, na Amazônia e no Sudeste. Os carmelitas instalaram-se inicialmente em Olinda e se dedicaram mais aos moradores das cidades.



O colégio Antônio Vieira, em Salvador, na Bahia, é o maior colégio jesuíta do Brasil.

Já os capuchinhos franceses e os oratorianos italianos atuaram, sobretudo, nos sertões do Rio São Francisco. Os capuchinhos organizavam missões ambulantes, visitando com frequência vilas e povoados do interior onde converteram grande número de pessoas. Os oratorianos dedicavam-se mais aos enfermos e aos presidiários.

Imagens 34 e 35 – Citação acerca da ação dos jesuítas.

*O problema:* Segundo a obra de Boulos, a ação dos padres jesuítas aparece, inicialmente, dissociada, no tocante à América Portuguesa e Espanhola. Mesmo que saibamos que as duas coroas atuaram de formas diferentes com a Companhia de Jesus (onde a Coroa Portuguesa atuou, principalmente, através de escolas e a Espanhola com a criação de povoados), ambos fazem parte do mesmo processo: a conquista da América.

Mais uma vez, há um grande embaraço de conteúdos. Vejamos: o primeiro item é referente ao Tratado de Madrid, de 1750, onde se citam os “7 Povos das Missões”. Logo após, o tempo histórico se retrocede e aborda a ação dos bandeirantes, onde um novo mapa demonstra que os bandeirantes atacavam as “Missões Espanholas”. Até o momento, não houve explicações dentro da obra que explicitem que o foram os 7 Povos e nem a ação dos jesuítas. É apenas abaixo do mapa “As Missões Jesuíticas no território



brasileiro” que se cita algo sobre estas Missões, onde de forma bastante simplificada comentam sobre atividades desenvolvidas nelas e tratando-as como se fossem homogêneas na América Portuguesa e Espanhola. Ainda, não se cita a questão de que os 7 Povos que aparecem no início do capítulo não são os que estão sendo assinalados no mapa das Missões, pois a ação dos bandeirantes se dá antes da construção dos 7 povos, na fase reducional.

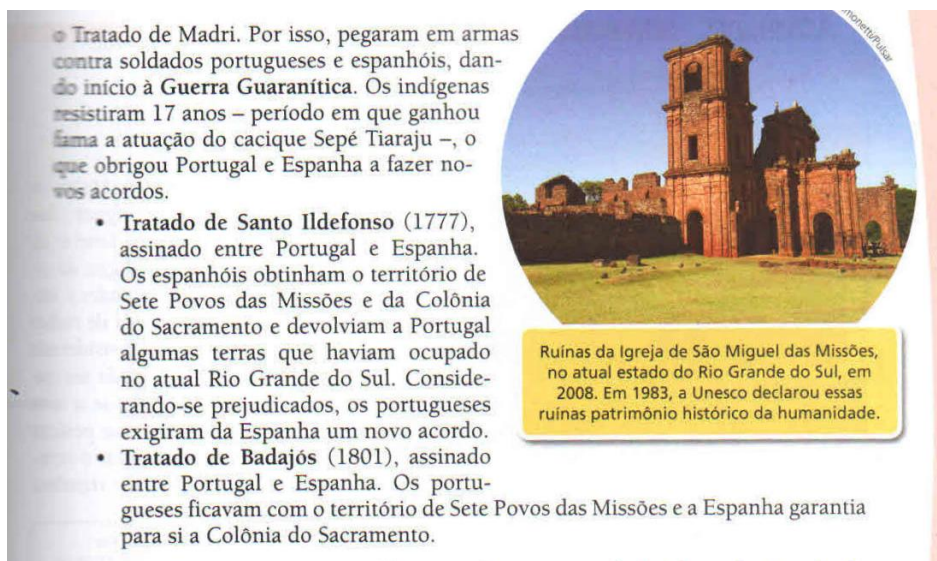


Imagem 36 – Trecho que apresenta a Guerra Guaranítica como um evento de 17 anos.

Somente no término do capítulo é que se fala sobre os 7 povos como aldeamentos organizados pelos espanhóis, quando se fala, novamente, sobre o Tratado de Madrid. Assim, se apresenta a Guerra Guaranítica, sem data de início ou fim, sendo citada como um evento que dura 17 anos com a resistência dos indígenas e que, nestes anos, eles foram liderados por Sepé Tiarajú. Sabemos que a Guerra Guaranítica fora um evento entre os anos de 1754 até 1756, e que, Sepé Tiarajú, um dos líderes dos indígenas, viera morrer justamente em 1756, quando a guerra estava se findando. A defasagem do conteúdo sobre a Guerra Guaranítica é um dos itens que mais preocupa. Além de ser tratado de forma totalmente indiferente, com graves equívocos, é abordado como se tivesse sido vantajoso para os indígenas e como se eles tivessem convencido as Coroas Ibéricas a refazerem seus acordos, enquanto entendemos que, após o massacre de guaranis-missionários do qual resultara

a Guerra Guaranítica, os interesses na região foram sendo adaptados conforme as conveniências de ambas as coroas.

### 3.1.3. Coleção Radix

O Projeto Radix – Raiz do Conhecimento, é assinado por Cláudio Vicentino e editado pela Editora Scipione, onde analisamos a versão editada no ano de 2011 (imagens 37 e 38).



Imagens 37 e 38 – Capas da coleção Radix utilizadas.

O livro do 6º já apresenta informações pertinentes ao conhecimento relacionado às Missões que deverá ser desenvolvido nos anos seguintes. Após os capítulos que tratam dos estudos em história, da pré-história e da chegada do homem na atual América, a obra já trata dos povos indígenas do Brasil colocando-os em condição de estudo e análise tal quais os povos que habitaram parte da Europa e do Oriente Médio durante os primeiros milênios da história da humanidade. Dentro da unidade são abordados itens referentes ao modo de vida dos povos, às suas diferenciações enquanto grupos étnicos, e a classificação do “tupi-guarani” exatamente como um tronco linguístico. O capítulo ainda problematiza a vida dos indígenas na atualidade. Após as

unidades que trabalham com egípcios, mesopotâmicos, fenícios, hebreus e persas, o livro apresenta os povos pré-colombianos, contextualizando-os juntamente com as primeiras civilizações da humanidade. A obra segue com os conteúdos de Grécia, Roma, China e Índia antigas.

A obra direcionada ao 7º ano inicia tratando do feudalismo na Europa e suas transformações, até adentrar no período conhecido por Idade Moderna. O livro segue abordando as questões da conquista da América, inicialmente falando da América Espanhola, onde as Missões não são citadas, e logo após na América Portuguesa, onde o conteúdo é abordado. Apresenta-se então uma caixa de texto explicando o que seriam as Missões Jesuíticas, sem distingui-las entre América Portuguesa e América Espanhola. No texto, os índios são vistos como aqueles que “aprendem” a cultura do colonizador que, por sua vez, “destrói” a cultura do indígena. Ao mesmo tempo, o texto fala que, paradoxalmente, os jesuítas foram responsáveis por salvar parte da cultura indígena, como a linguagem.

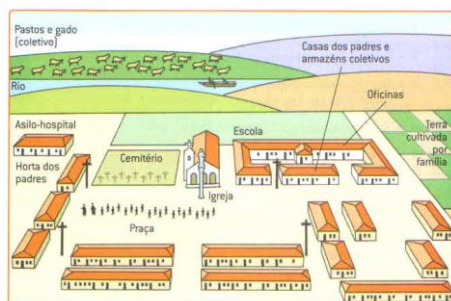
No término da unidade, aparece uma questão (imagem 39) que faz um comparativo de imagens, da planta do povoado missioneiro de São Borja com uma aldeia indígena. A questão indaga o estudante sobre as diferenças nas imagens e se ele saberia dizer a importância das missões na vida dos indígenas.

Depois se chega ao Capítulo de número 13, intitulado “As fronteiras da América Portuguesa”. Nesta unidade, são tratadas as temáticas acerca da ação dos bandeirantes, onde a temática das Missões é novamente mencionada. Em um item chamado de “Algo a mais” (imagem 40), há um texto chamado “As missões jesuíticas”. Nele, se retoma a ideia de sobreposição do jesuíta para com o indígena e o desfecho da história dos 7 Povos, brevemente assinalados, é tido apenas como parte dos acordos entre Portugal e Espanha no século XVIII que vitimaram os indígenas. Um subtítulo chamado “A conquista do Sul” é que irá apresentar a questão missioneira de forma um pouco mais aprofundada. São apresentados os Tratados e a questão do Tropeirismo. A Guerra Guaranítica é finalmente abordada, novamente de forma a tratar o indígena como uma figura subjugada que praticamente foi exposta à violência em função dos padres. Uma foto do Sítio Arqueológico de São Miguel

das Missões é apresentada como um dos poucos espaços que permaneceu em pé após os ocorridos nas Missões.

► VAMOS TRABALHAR COM IMAGENS

Compare as duas imagens e depois responda às questões.



▲ Plano da missão jesuítica de São Borja. Uma das preocupações dos jesuítas era educar e disciplinar as comunidades indígenas, integrando-as ao plano de colonização. Note como o plano de uma missão (denominada redução) era geometricamente organizado, de acordo com uma hierarquia.



▲ Gravura de Theodore de Bry, de 1592, mostrando o plano de uma aldeia indígena, que se organiza de forma circular privilegiando o centro. Embora esta cena represente uma invasão, o centro da aldeia era o lugar de encontro e celebração, onde se realizavam suas práticas rituais e culturais.

1. Quais são as principais diferenças que você pode notar entre a distribuição espacial de uma aldeia indígena e de um aldeamento jesuíta?
2. Com base na resposta dada à pergunta anterior, você saberia dizer o que as reduções ou missões jesuíticas significaram para o modo de vida dos indígenas?

Imagem 39 – questão elaborada dentro do contexto das missões.

O *problema*: O primeiro contato que o educando tem com o conteúdo das Missões é dentro do módulo que aborda a América Portuguesa, situando o pensamento do aluno neste conteúdo, e alimentando, inicialmente, uma ideia que o espaço que hoje é brasileiro através do RS, fora sempre organizado por Portugal. Ainda, o texto elaborado sobre as missões fala de um paradoxo que, entendemos, fora criado pelo próprio autor do texto. Como poderia o jesuíta ter destruído a cultura indígena e salvo uma parte dela, como a linguagem, ao mesmo tempo? Se esta premissa, de que o jesuíta “salvou” elementos culturais dos indígenas, é válida, a primeira não pode ser verdadeira. A obra limita o entendimento do aluno à ideia de que o indígena fora subjugado ao viver nas



Missões e não deixa clara a ideia que deveria ser desenvolvida quanto a este “paradoxo”.

A questão que se apresenta na sequência da unidade amplia o tumulto com o conteúdo. A planta do povoado de São Borja que é apresentada sequer faz menção à atuação do jesuíta espanhol em terras que hoje são brasileiras. Ainda, a reflexão que a questão sugere não é suportada pelo conteúdo do próprio livro, que não problematiza a questão das Missões, mesmo que tenha abordado, em outros momentos, a questão do indígena.

O momento em que a questão é retomada no final da unidade permite ao aluno compreender melhor o contexto missioneiro, o problema é que a construção feita até o momento anterior à esta passagem não traz os esclarecimentos necessários à questão.

**ALGO A mais**

**Missões guaraníticas**

Nas missões (ou reduções) que existiam nas regiões que hoje compreendem os estados brasileiros do Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Mato Grosso do Sul, além de parte dos territórios da Argentina, do Uruguai e do Paraguai, encontravam-se reunidos milhares de indígenas, num total aproximado de 300 mil no início do século XVIII.

Nas aldeias missionárias, algumas com mais de 10 mil indígenas, os jesuítas mantinham a propriedade coletiva da terra, gado e outros produtos, bem como a língua nativa (guarani) e costumes que não “ameaçassem” a fé cristã. Ao mesmo tempo, os sacerdotes quebravam a autoridade do cacique e eliminavam a do pajé. Impunham a cultura ocidental e estabeleciam uma ordem disciplinada, repleta de punições aos “pecados”, com castigos corporais. Isso rompia as tradições indígenas e acabava com o caráter tribal da vida dos nativos.

As reduções chegavam a desenvolver a produção e o comércio de erva-mate, tabaco, madeira e até mesmo de armas, como canhões. Muitas vezes, formavam exércitos utilizados pela metrópole para impor a ordem e a vontade da Coroa.

Na região do atual Rio Grande do Sul, na margem esquerda do Rio Uruguai, existia um grupo de instalações jesuíticas, denominado “Sete Povos das Missões”, construídas por ordem da Espanha para demarcar a posse de seu território.

No século XVIII, um tratado entre os dois reinos dividiu as regiões. Aquelas ao sul do Rio da Prata ficariam sob domínio espanhol e as situadas ao norte, para os portugueses. Com a oposição dos indígenas, as tropas lusas derramaram o sangue de milhares deles para tomar posse de seus territórios. Muitos dos que foram expulsos dali não foram aceitos por outras aldeias Guarani, sendo mortos pelos próprios indígenas.

Escultura em madeira feita pelos Guarani, no século XVIII (Museu Júlio de Castilho, Porto Alegre).



Imagem 40 – “Algo a mais”, texto sobre as Missões.

### 3.1.4. Projeto Télaris

Assinado por Gislane Azevedo e Reinaldo Seriacopi, o projeto Télaris é uma publicação da Editora Ática, tendo sido observada a edição de 2012 da obra (imagem 41).



Imagem 41 – Capa do Projeto Télaris

Neste trabalho, o conteúdo acerca dos 7 Povos das Missões é apenas utilizado inserido no texto que trabalha a expansão territorial portuguesa dentro do livro do 7º ano, que inicia tratando sobre o mundo árabe e parte para o momento que chamamos de Idade Moderna. O capítulo 8 apresenta como título “Os indígenas e o começo da colonização”, com um conteúdo interessante que observa a realidade dos povos indígenas antes do contato com o europeu e os diversos momentos em que este contato ocorre. Há um item que trata especificamente sobre “O trabalho dos Jesuítas” (imagem 42), onde não se especifica as ações que diferenciam as ações na América Portuguesa e Espanhola. Uma imagem com uma planta da redução de Guairá busca representar as missões, que, segundo o texto, são equivalentes à aldeamentos ou reduções. Não se fazem conclusões quanto à história das Missões e o texto busca ser informativo acerca destas, apesar de pouco

preciso e de fazer uma homogeneização quanto aos espaços trabalhados por jesuítas na América. Novamente, as Missões são tratadas como elementos que contribuem para esfacelar a cultura indígena.



## O trabalho dos jesuítas

**Jesuita:** padre que faz parte da congregação da Igreja católica Companhia de Jesus. Esta congregação foi criada na Europa em 1534 com o principal objetivo de levar o cristianismo a outras regiões do mundo.

Durante a colonização, a Igreja católica tentou de várias formas converter os indígenas ao cristianismo. Esse processo se fortaleceu a partir de 1549, ano em que chegaram os primeiros **jesuítas** à colônia.

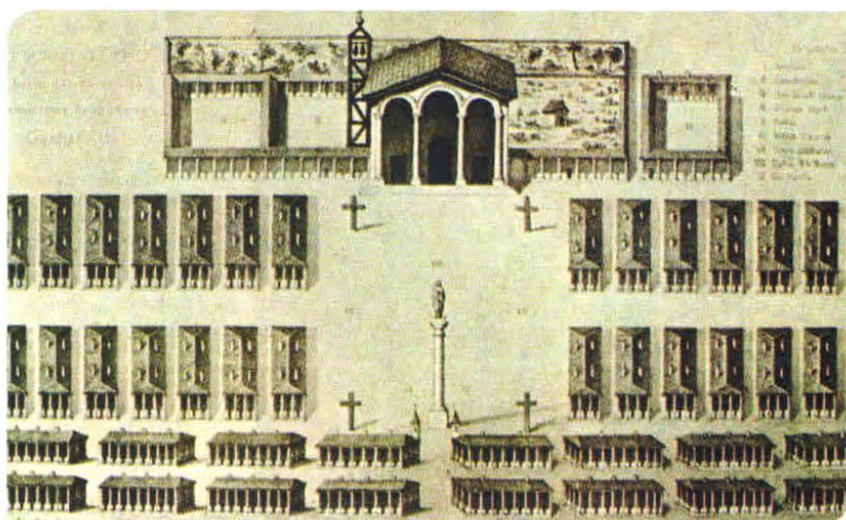
Inicialmente, os jesuítas fizeram o trabalho de evangelização junto às aldeias do litoral, mas depois avançaram em direção ao sertão. Para facilitar o trabalho de conversão, eles chegaram a desenvolver a **língua geral**, uma mistura de português, espanhol e idiomas indígenas.

Em seu trabalho de evangelização, os jesuítas utilizavam vários métodos para atrair os nativos. Como as crianças indígenas gostavam muito de música, eles costumavam entrar nas aldeias cantando para, assim, atrair sua atenção. Ainda encenavam peças de teatro que misturavam aspectos da cultura indígena com valores da religião católica.

No entanto essas pregações exigiam muito esforço dos padres, que tinham de se deslocar de aldeia em aldeia. Diante disso, o padre Manoel da Nóbrega, um dos jesuítas que chegaram em 1549, achou que a conversão teria mais sucesso se os religiosos criassem espaços onde pudessem reunir indígenas de várias aldeias.

Nesses espaços – chamados de **missões jesuíticas**, **aldeamentos** ou **reduções** – os nativos receberiam os ensinamentos da fé cristã e se dedicariam a atividades produtivas, como a agricultura e o artesanato. Os jesuítas, contrários à escravização dos indígenas, alegavam que nas missões os nativos estariam livres da violência dos colonos.

Aparentemente a intenção dos jesuítas ao criar as missões era proteger os nativos. Entretanto, o fato é que essas reduções foram mais um exemplo de desrespeito à cultura indígena, e também contribuíram para o esfacelamento de muitos grupos indígenas. Isso porque os nativos que passavam a viver nas reduções eram submetidos a uma rígida disciplina de horários e a um trabalho sistemático e repetitivo. Essas imposições iam contra seu modo de vida, pois eles estavam acostumados a caçar, a pescar e a executar outros trabalhos no momento em que isso se fazia necessário.



Esquema de uma redução jesuítica em Guairá, no Paraguai, no século XVII. Observe a representação das casas dos indígenas – todas iguais – construídas defronte da igreja.

Imagem 42 – Item “o trabalho dos jesuítas”



No capítulo 11, é então trabalhada a temática “Expansão territorial no Brasil Colônia”. Um dos itens traz “a colonização do norte” (imagem 43), onde um subtítulo apresenta “as missões e a colonização do norte”. Sendo assim, as Missões que foram trabalhadas através da Coroa Portuguesa foram destacadas nesta unidade. No item posterior é que será tratado sobre “Os Bandeirantes”, onde, ao serem citados os alvos preferidos destes bandeirantes, as Missões são exemplificadas através de Guairá, apenas.

### As missões e a colonização do Norte



Oficialmente, a Igreja católica condenava a escravização indígena. Em 1537, o papa Paulo III defendeu a liberdade dos nativos da América e pronunciou-se contra sua escravização. Os jesuítas a combatiam e por isso chegaram a ser expulsos do Maranhão pelos colonos em 1684. Nessa expulsão, os colonos foram apoiados por outras ordens religiosas, como a dos franciscanos e a dos carmelitas.

Com o argumento de proteger os indígenas livres, os jesuítas criaram um tipo de aldeamento que reunia muitos nativos. Eram as missões ou reduções (sobre a origem das missões releia o Capítulo 8). Durante o século XVII muitas delas foram implantadas no interior da região amazônica também por outras ordens religiosas.

Entretanto, apesar da intenção de proteger os indígenas, na prática as missões promoveram a exploração de seu trabalho e a desagregação de sua cultura. Além de obrigar os nativos aldeados a abandonar suas crenças e valores, as reduções da Amazônia ainda se apropriaram dos saberes e conhecimentos indígenas sobre a natureza. Foi o que ocorreu, por exemplo, em relação as **drogas do sertão**.

As missões controladas pelos religiosos exportavam essas mercadorias para o continente europeu. Mas o trabalho de embrenhar-se pelas matas, recolher os produtos, prepará-los e transportá-los era feito pelos nativos. Além disso, os padres passaram a usar o conhecimento indígena para fabricar remédios, que também eram vendidos na Europa.

O ananás (uma espécie de abacaxi), por exemplo, era indicado para fazer com que os cálculos renais fossem expelidos; a raiz de um cipó conhecido pelos indígenas como poaia era um poderoso medicamento contra a diarreia. O dinheiro obtido com a venda das drogas do sertão ficava em poder das instituições religiosas.

A reunião de muitos indígenas em um mesmo aldeamento, somada às atividades econômicas das missões, atraía ainda outras pessoas. Assim, muitas dessas missões dariam origem a vilas e cidades na região Norte. O mapa desta página mostra algumas vilas e cidades surgidas desse modo. Mais do que um sistema de proteção aos nativos, as missões funcionaram como instrumento de usurpação de suas terras.

**Drogas do sertão:** nome pelo qual ficaram conhecidas as plantas nativas da Amazônia, muito valorizadas na Europa. Algumas tinham propriedades medicinais, outras serviam de alimento, outras ainda eram usadas para temperar e condimentar certos pratos. Castanha-do-pará, cacau, cravo, guaraná, canela, gengibre, baunilha, pimenta, plantas aromáticas eram algumas delas.

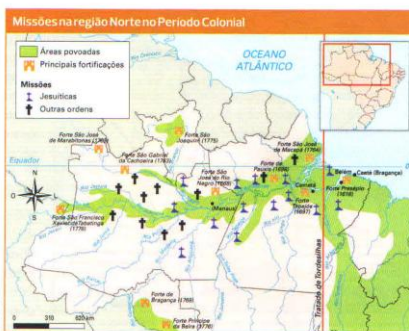


Imagem 43 – Item “a colonização do norte”.

*O problema:* A coleção pouco prestigia o conteúdo que se relaciona à existência dos 7 Povos das Missões, onde sequer chega a citá-los. Os momentos em que a história das Missões é citada não traz maiores esclarecimentos sobre os povoados e o desfecho deles. Mais uma vez, o conteúdo aparece dentro do projeto de expansão da América Portuguesa, e não como parte da América Espanhola. As Missões que são citadas são



apresentadas como se fossem movimentos homogêneos que se distribuíram ao longo da América.

### 3.1.5. Coleção Para Viver Juntos

Publicada em 2011, a Coleção Para Viver Juntos é da autoria de Ana Lúcia Lana Nemi e Muryatan Barbosa (imagem 44), da SM Editora.



Imagem 44 – Capa da Coleção Para Viver Juntos

As Missões são trabalhadas junto ao conteúdo do 7º ano, justamente com o conteúdo que engloba a colonização da América Espanhola. Após a especificação dos Vice-Reinados e demais elementos da administração da colônia americana de posse de Espanha (sociedade colonial, impostos, órgãos oficiais), as Missões Jesuíticas aparecem como uma das formas de domínio da América apreendido por parte dos espanhóis (imagem 45). A obra deixa muito clara a ideia de que as Missões eram organizadas por Padres Jesuítas, com o intuito de catequizar os indígenas e que estes estavam a mando de suas Coroas, ou seja, que o mesmo processo ocorreu na América Portuguesa também. Ainda no mesmo item, é exposto que o colonizador impôs valores, crenças e seu idioma sob os nativos, desestruturando e aniquilando grande parte de suas culturas.

### ❖ A sociedade colonial

A sociedade colonial espanhola possuía uma rígida estrutura social, com pouca mobilidade.

A elite era formada por **chapetones** e **crioulos**. Os *chapetones* eram os nascidos na Espanha que se fixavam na América e ocupavam os principais cargos administrativos, religiosos e militares.

Os crioulos, descendentes de espanhóis nascidos no Novo Mundo, eram comerciantes, proprietários de extensas terras ou de minas. Formavam a elite econômica americana.

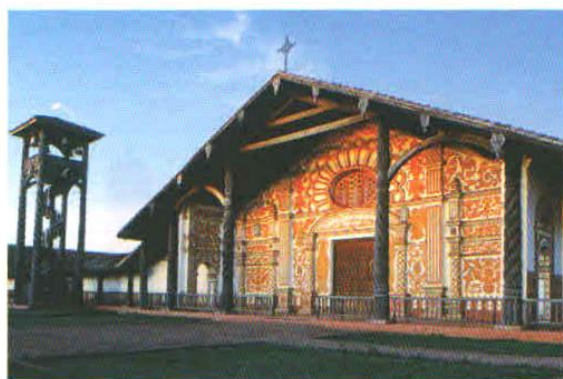
Além dos indígenas e escravos de origem africana, mestiços também faziam parte da camada mais baixa da sociedade. Estes eram filhos de espanhóis com mulheres indígenas e trabalhavam no comércio ou administravam propriedades.

### ❖ As missões jesuíticas

A Metrópole e a Igreja católica entendiam que era necessário converter os nativos da América. Para a Coroa, isso fazia parte do processo de dominação; para os religiosos, era uma missão natural evangelizar os não cristãos.

Como ocorrera na América portuguesa, a Companhia de Jesus enviou padres jesuítas para catequizar os nativos. Nessas colônias, também foram fundadas as missões jesuíticas, grandes vilas onde viviam os padres e os indígenas durante o trabalho missionário. No período colonial, outros religiosos católicos chegaram à América.

Esse processo de catequização foi extremamente traumático para os povos nativos, pois a imposição de valores, crenças e idioma do colonizador europeu destruiu e aniquilou grande parte de suas culturas.



Igreja de Concepción, em Santa Cruz, Bolívia. Construída no século XVIII por missionários jesuítas. Fotografia de 1998.

Imagem 45 – Momento em que as Missões aparecem como projeto de domínio espanhol.

Ainda no mesmo capítulo, há o item “A cristianização da América Portuguesa” (imagem 46), onde os jesuítas são novamente apresentados, porém bastante focados na ação ordenada pela Coroa de Portugal. O restante do conteúdo segue sendo trabalhado apenas relacionando as Missões com as Escolas fundadas pelos portugueses principalmente no norte e nordeste do atual Brasil (imagem 47). Os 7 Povos das Missões não são citados dentro desta coleção, nem mesmo em item posterior que trata da expansão das

fronteiras da América Portuguesa e do Tratado de Madrid. Este apenas é citado como um acordo que visava delimitar as novas fronteiras da América dividida entre Portugal e Espanha (imagem 48).

**4 A cristianização na América portuguesa**

Um dos objetivos da colonização portuguesa na América era converter os ameríndios ao catolicismo. Dessa forma, a Coroa esperava facilitar a conquista, e os jesuítas, difundir os valores cristãos. A maciça evangelização foi responsável pela fundação de vilas e escolas e marcou profundamente a cultura colonial.

**Os jesuítas e a colonização**

Assim como na América espanhola, a ação religiosa dos missionários integrou o processo de colonização e expansão do território português na América.

A participação da Igreja católica na colonização portuguesa se iniciou em 1549. Nesse ano, sete religiosos, liderados pelo padre Manuel da Nóbrega, chegaram a Salvador juntamente com o primeiro governador-geral do Brasil, Tomé de Sousa. No decorrer do período colonial, outras ordens religiosas realizaram trabalhos missionários no Brasil, entre elas podemos citar os dominicanos, os carmelitas, os beneditinos e os franciscanos.

No início do século XVII, os jesuítas organizaram vilas na parte sul da Colônia e fundaram algumas missões às margens do rio Amazonas. Nessa região, os religiosos exploraram, com o uso do trabalho indígena, as chamadas **drogas do sertão** – cacau, gengibre, castanha-do-pará, baunilha, guaraná, urucum, amil, entre outras.

Devido ao grande choque cultural e religioso, o trabalho de evangelização inicialmente foi muito difícil e lento, e a resistência dos nativos foi grande. Muitos missionários foram mortos por indígenas.

Ao fundar uma missão, os religiosos retiravam os ameríndios de suas aldeias e impunham-lhes um novo estilo de vida. A prioridade era acabar com alguns costumes tradicionais dos povos indígenas que contradiziam a fé cristã, como a antropofagia e a poligamia.

**EXPANSÃO DOS JESUÍTAS PELA COLÔNIA (SÉCULOS XVI-XVII)**

**GLOSSÁRIO**  
Poligamia: união matrimonial de um indivíduo com mais de uma pessoa.

Fonte: Flávio de Campos e Miriam Dufrenoy. Atlas História do Brasil. São Paulo: Scipione, 2006, p. 17.

Imagem 46 – Item “A cristianização da América Portuguesa”.

**O ensino dos jesuítas**

Na América portuguesa, além do trabalho com a catequização, os jesuítas dedicaram-se à educação dos colonos e dos filhos da elite local. Para isso, fundaram diversos colégios na Colônia.

Em 1554, por exemplo, foi fundado o Colégio de São Paulo de Piratininga em um planalto próximo à vila de São Vicente. Esse colégio foi o ponto de origem da cidade de São Paulo, atual capital paulista.

O ensino jesuíta foi marcado por **disciplina** e **severidade**. O objetivo inicial dos educadores era formar novos padres. Porém, como não existiam na América portuguesa escolas criadas pela Metrópole, esses religiosos foram, na prática, os responsáveis pela divulgação da cultura e da educação formal.

A produção literária era proibida na Colônia. Apenas os jesuítas eram autorizados a escrever e publicar livros. Escreveram, entre outros, livros sobre o aprendizado da gramática portuguesa e dicionários de línguas nativas, como o tupi, que apoiavam seu trabalho de ensino.

O predomínio dos jesuítas na educação só foi quebrado no século XVIII, quando o então primeiro-ministro de Portugal **Marquês de Pombal** determinou, em 1759, a expulsão desses religiosos de todos os domínios portugueses no mundo. O trabalho educacional dos jesuítas no Brasil só foi retomado em 1842.

Imagem 47 – Relação das Missões com as Escolas fundadas pelos portugueses principalmente no norte e nordeste do atual Brasil.

### ❖ A expansão das fronteiras

Com o passar do tempo, a fronteira que tinha sido determinada pelo Tratado de Tordesilhas em 1494 ia, aos poucos, sendo desrespeitada. A expansão da pecuária, as missões jesuíticas, as entradas, bandeiras e monções levaram à ampliação dos territórios da Colônia portuguesa em quase três vezes, incorporando aos seus domínios as áreas que hoje pertencem às regiões Sul, Centro-Oeste e parte da Região Norte do Brasil.

Essa expansão foi legitimada com a ocupação populacional de Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás, no século XVIII, como resultado da exploração do ouro e de diamantes.

Tanto espanhóis quanto portugueses tinham interesses em muitas áreas estratégicas da América. Após décadas de disputas, em 1750, as duas Coroas decidiram resolver as questões fronteiriças com um acordo, o **Tratado de Madri**. As novas fronteiras entre a América portuguesa e a espanhola foram delineadas com base nos territórios ocupados.

Porém, em 1777, esse tratado foi contestado e um novo acordo foi assinado, o **Tratado de Santo Ildefonso**. Segundo esse acordo, Portugal perdia uma parte do atual Rio Grande do Sul. Porém, essas terras voltariam à posse portuguesa em 1801.

Com esses tratados ficavam demarcados, em quase sua totalidade, os limites atuais do território brasileiro.



Fonte: Atlas Histórico escolar. Rio de Janeiro: FAE, 1973, p. 22.

Imagem 48 – Item relacionado ao Tratado de Madrid

*O problema:* Apesar de apresentar o contexto das Missões (mesmo sem citar especificamente os 7 Povos) dentro do contexto que entendemos ser o mais adequado, o da conquista e colonização da América Espanhola, e de esclarecer elementos que são comuns em outras coleções, a obra apresenta, assim como outras tantas, a figura do indígena como simplesmente submetida à pressão exercida pelo jesuíta. Não há espaço que permita ao aluno complexificar este entendimento e analisar a realidade do indígena que participou do projeto missionário. Além disto, os 7 Povos das Missões sequer são citados ao longo do texto. O fatídico Tratado de Madrid é apontado apenas como um documento que selou negociações entre as Coroas Ibéricas. A obra não apresenta um desfecho para a condição do indígena na América, apenas segue o desenvolvimento do conteúdo baseado na premissa de conquista



empreendida por Portugal, sem tomar frente às pautas que assinalam o momento histórico em que o território brasileiro fora posse espanhola.

### 3.1.6. Coleção Araribá

A Coleção Araribá (imagem 49), publicada pela Editora Moderna, em 2012, não é assinada por nenhum autor. É uma das coleções que traz os 7 Povos das Missões de forma mais destacada, apesar de trazer alguns conflitos.

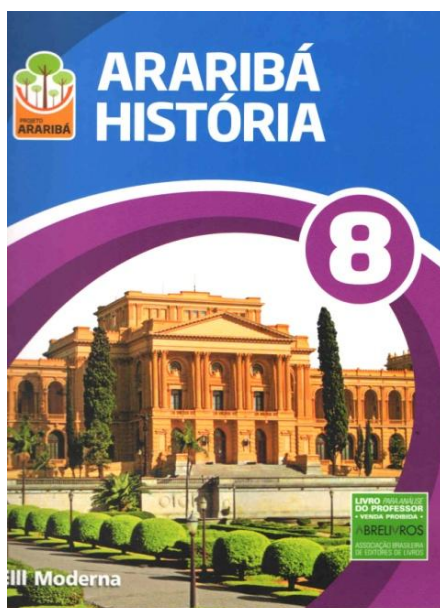


Imagem 49 – Capa da coleção Araribá (8º ano)

As missões jesuíticas são abordadas logo na 1ª unidade do livro do 8º ano. Entre as obras que estudamos, é a que mais trabalha com a questão missioneira. O conteúdo se apresenta dentro do capítulo intitulado “A expansão da América Portuguesa”, onde o primeiro item desta unidade se chama “As Missões Jesuíticas”. O texto discorre acerca da fundação da Companhia de Jesus e fala sobre a ação dos Jesuítas em Portugal e na América Portuguesa, focando na questão em que a educação era um dos principais recursos dos quais dispunham os Padres na América Portuguesa (imagem 50).

Na sequência, o texto segue discorrendo sobre as Missões que se estabeleceram na América Portuguesa. O texto descreve a função dos padres, de catequização dos indígenas, cita que a maior redução fundada foi a de

Guairá e apresenta uma foto do sítio arqueológico de São Miguel Arcanjo (imagem 51).

**Tema** **1**

*As missões ou reduções representaram o principal meio de cristianização dos indígenas na América ibérica.*

## As missões jesuíticas

➤ **A fundação da Companhia de Jesus**

A Companhia de Jesus foi criada na França, em 1534. A criação dessa ordem religiosa ocorreu durante a Contrarreforma e foi uma das medidas adotadas pela Igreja para conter o avanço do protestantismo. Seu fundador foi o espanhol Inácio de Loyola, apoiado por um grupo de estudantes, a maior parte de origem espanhola. Após ferir-se numa batalha, Loyola instruiu-se em matéria religiosa e converteu-se totalmente à vida cristã e espiritual.

No início, os membros da Companhia de Jesus eram pregadores itinerantes. Eles viajavam muito para difundir o Evangelho, assumindo a condição de peregrinos ou apóstolos. Mais tarde reconheceram as vantagens em desenvolver um trabalho missionário no mesmo local por um período mais longo.

A educação foi um dos instrumentos fundamentais de pregação da Companhia de Jesus. Muitos colégios foram construídos na Europa e na América para cristianizar os povos e formá-los na doutrina católica.

➤ **Os jesuítas em Portugal e no império colonial português**

A Companhia de Jesus passou a atuar em Portugal a partir de 1540, ano em que foi reconhecida oficialmente como ordem religiosa pelo papa. Imediatamente, os jesuítas se engajaram no processo colonizador português, na América, na Ásia e na África, como missionários evangelizadores das populações nativas.

Imbuídos dessa tarefa religiosa, vários jesuítas vieram ao Brasil, como os padres Manuel da Nóbrega e José de Anchieta. Desde o início esses padres se dedicaram a catequizar os índios, exercendo papel importante na conversão das populações indígenas da América portuguesa à fé católica.

Anchieta escrevendo na praia, pintura de Benedito Calixto, 1900. Note, nesta imagem, que o artista buscou representar a relação entre os índios, a fé cristã e a obra missionária dos jesuítas.

Imagem 50 – Primeiro item abordado na coleção do 8º ano do Projeto Araribá, que versa sobre as Missões Jesuíticas.

Na sequência da obra, é apresentado um infográfico bastante interessante que mostra como se organizava um povoado missionário, mais especificamente o de São Miguel Arcanjo, mostrando a distribuição espacial, os principais cultivos, as atividades dentro do povoado, a questão da musicalidade e o modo de vida dos padres (imagem 52).



## ➤ A Companhia de Jesus na América portuguesa

Na América portuguesa, os primeiros núcleos jesuítas foram estabelecidos na Bahia e em São Vicente e, um pouco mais tarde, no Rio de Janeiro. Apesar de contar com recursos da Coroa, os jesuítas tiveram imensas dificuldades para manter seus colégios na colônia. Em poucos anos, entretanto, a presença dos jesuítas já era significativa. Em 1581 existiam cerca de 75 estabelecimentos missionários apenas na Bahia.

Os colégios da Companhia criados na América portuguesa ensinavam retórica, humanidades, gramática grega e gramática latina. Os jesuítas também aprenderam a língua tupi, resultando na sistematização de uma gramática da língua tupi. Esse aprendizado tornou-se um instrumento fundamental para que pudessem ensinar e catequizar a população nativa. Com esse esforço, foi possível preservar o patrimônio linguístico tupi, ainda que a população indígena tenha sido dizimada ao longo de nossa história.

## ➤ As missões jesuítas

Para converter os gentios ao catolicismo, os jesuítas receberam da Coroa portuguesa, em 1549, a responsabilidade de catequizá-los. Para cumprir essa tarefa, os jesuítas iniciaram, em várias partes da colônia, a organização de aldeamentos chamados **missões** ou **reduções**.

Eles imaginavam que assim seria mais fácil impor aos nativos o modo de vida cristão: abandono do politeísmo e reverência a um só Deus; desvalorização das funções dos pajés; abandono das práticas poligâmicas e antropofágicas e do tipo de moradia onde conviviam várias famílias.

Na capitania de São Vicente (depois nomeada de São Paulo), na região dos rios Paraguai, Paraná e Uruguai (conhecida como Bacia do Prata), e ao longo do Rio Amazonas, foram estabelecidos muitos aldeamentos, reunindo, em alguns casos, milhares de indígenas.

Uma das maiores reduções era a de Guairá, localizada em terras que hoje fazem parte do estado do Paraná e que na época compunham os domínios espanhóis na América. Fundada no século XVI por jesuítas espanhóis, a missão de Guairá era constantemente atacada por colonos paulistas, que lá capturavam índios para o trabalho forçado em suas plantações.

### O trabalho missionário de José de Anchieta

Acreditando que os índios eram capazes de compreender os sacramentos católicos tanto quanto os europeus, os jesuítas desenvolveram um intenso esforço de catequização fazendo uso, principalmente, do teatro e da música. Nesse trabalho evangelizador destacou-se o padre José de Anchieta. O missionário chegou ao Brasil em 1553, aos 19 anos de idade. Na década de 1570, ele compôs várias peças religiosas que eram representadas nas aldeias por meio de músicas e cantos. As encenações eram feitas sobretudo por crianças indígenas, que, segundo Anchieta, seriam as responsáveis pelo êxito missionário.

### Glossário

#### Gentio

Pagão; não batizado.



Ruínas de São Miguel das Missões, no Rio Grande do Sul, 2009. Essas ruínas fazem parte de um conjunto de construções da antiga redução de São Miguel Arcanjo, fundada por padres jesuítas.

Imagem 51 – Trecho que descreve as ações dos padres, fala sobre a redução de Guairá e apresenta a foto de São Miguel Arcanjo.



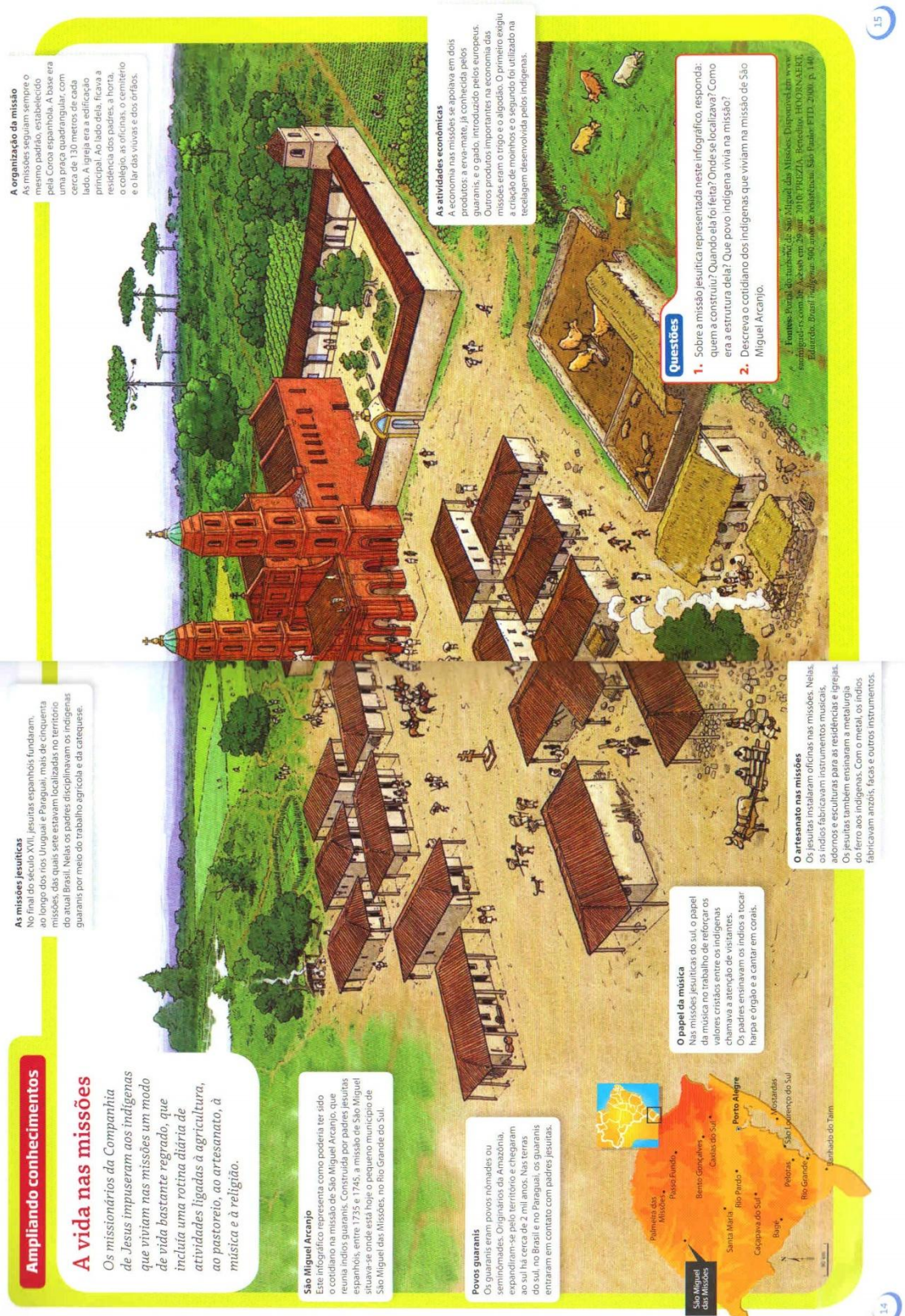


Imagem 52 – Infográfico sobre as Missões Jesuíticas<sup>21</sup>

<sup>21</sup> Em função do infográfico se dividir em duas páginas sequenciais no livro, registramos que a parte central da imagem ficou um pouco comprometida em função da dificuldade de scanneamento do livro com as páginas abertas.



A unidade continua abordando “a conquista do sertão”, a ação dos bandeirantes que capturavam indígenas para serem escravizados nas lavouras paulistas. Um mapa demonstra que as principais áreas de busca por nativos era no norte do atual Brasil e no Sul. Apenas neste momento é diferenciada a ação das Coroas, onde as cruces em vermelho no mapa tem como legenda “Missões Portuguesas”, enquanto as em verde dizem “Missões Espanholas” (imagem 53).

**Outras ações dos bandeirantes**

Por causa da experiência dos paulistas com as bandeiras de apresamento, eles foram contratados para destruir quilombos e combater indígenas que atacavam áreas ocupadas por colonos no Nordeste.

Essas últimas, chamadas “guerras justas”, tornavam legal a escravização dos nativos. Agrupamentos inteiros foram dizimados no interior da Bahia, do Piauí, do Maranhão e do Ceará entre 1658 e 1679. Muitos desses paulistas acabaram fixando-se no Nordeste, onde passaram a viver principalmente da pecuária.

### A captura de índios no sertão

À medida que os ataques dos paulistas promoviam o extermínio de grupos inteiros ou estimulavam a fuga desses grupos para locais distantes, onde estivessem mais protegidos, as expedições adentravam cada vez mais o interior da colônia.

Um dos principais alvos dos bandeirantes para a captura de indígenas eram as missões, onde havia uma concentração maior de indígenas. Além disso, os índios das missões estavam acostumados à disciplina de trabalho estabelecida pelos jesuítas, voltado para a produção de excedentes e não apenas para a subsistência, o que facilitaria sua adaptação nas plantações paulistas.

O Sertão dos Patos e a região das Missões dos Guairá (ou Guaira), localizados no Sul, foram dois importantes pontos em que as bandeiras se abasteciam de indígenas.

Apesar dos relatos divergentes, acredita-se que as expedições de apresamento em Guairá, entre 1628 e 1630, resultaram na captura de cerca de 60 mil indígenas guaranis. Os que suportaram a viagem foram escravizados, e a maioria foi vendida para fazendeiros da própria capitania.

Mesmo assim, a necessidade de mão de obra continuou. Novas bandeiras foram organizadas, tendo agora como destino pontos ainda mais distantes do sertão. Os paulistas chegaram às terras que hoje correspondem a Goiás (1647) e Mato Grosso (1660).

Raposo Tavares, um dos bandeirantes paulistas mais destacados desse período, depois de promover ataques a Guairá, realizou uma das expedições mais longas. Partindo de São Paulo, em 1648, atravessou o pantanal, percorreu os vales dos rios Guaporé e Madeira e chegou ao Rio Amazonas (veja o mapa). A região amazônica, que pelo Tratado de Tordesilhas pertencia à Espanha, tornou-se de fato território português.

**A GRANDE BANDEIRA DE RAPOSO TAVARES**

Fonte: Atlas histórico escolar. Rio de Janeiro: FAE, 1991, p. 24.

A grande bandeira do português Antônio Raposo Tavares, organizada em 1648, seguiu pelo Rio Tietê em direção aos rios Paraná e Paraguai e alcançou o Rio Amazonas, terminando a viagem próximo a Belém, no Pará.

Imagem 53 – Item que fala sobre a ação dos bandeirantes e mapa.

O *problema*: Vale, inicialmente, destacar que o fato de a coleção Araribá apresentar um esquema que mostra como era a vida nas Missões já valoriza bastante o conteúdo que, como notamos, passa muito desvalorizado em outras coleções. O infográfico que mostra a Missão de São Miguel Arcanjo é excelente, educativa, prática e interessante. O problema reside na situação de que o conteúdo está dentro do item que se refere à América Portuguesa. Quando se fala sobre a grande missão de Guairá, a foto que se segue é de São Miguel, o que induz o aluno a entender que a Missão de Guairá é da foto e elas fazem parte da América Portuguesa. Mesmo que haja uma legenda na foto, ela tem espaço de pouco destaque na obra e não cita a atuação da Coroa Espanhola em Missões como a de São Miguel.

O problema da Coleção Araribá se dá diante da situação que não é especificada a ação da Coroa Espanhola na construção das Missões. O aluno compreende facilmente que todo o conteúdo desenvolvido na unidade se dá diante da ação da Coroa Portuguesa. Ou seja, há um erro grave na compreensão do conteúdo aqui. Ainda, após a abordagem sobre a Companhia de Jesus, sobre as Missões e da apresentação do infográfico, será apresentada a ação dos bandeirantes, onde se demonstra o interesse dos bandeirantes nas reduções do sul. A questão é que a ação dos bandeirantes se dá na primeira fase de atuação dos padres jesuítas, na primeira fase das reduções do Tape. A sequência do texto dá a entender que o povoado de São Miguel foi destruído pela ação dos bandeirantes, sendo que, quando esta se deu, o povoado de São Miguel ainda nem havia sido fundado (sequer havia tido a fundação de São Borja, o primeiro dos 7 Povos). A guerra guaraníca não é trabalhada na Coleção Araribá.

Sendo assim, apesar do destaque à ação dos jesuítas e às Missões e do infográfico valioso acerca da vida em São Miguel Arcanjo, a obra confunde informações importantes acerca da história das Missões e omite questões muito relevantes para a historiografia.

### 3.1.7. Análise final sobre as obras estudadas

Após a análise destes livros didáticos, ficou claro que as Missões Jesuíticas não são incorporadas no conteúdo de história como parte da história

do Brasil, na condição de que o Brasil tal qual o formato que se conhece hoje, teve grande parte do seu território sobre o domínio espanhol. As Missões geralmente vem inseridas dentro do conteúdo que fala sobre a “expansão da América Portuguesa”, e não como parte do conteúdo de organização e colonização da América Espanhola. Algumas obras parecem demonstrar uma certa fragilidade por não saberem alocar o conteúdo no espaço que deveria, sendo, no nosso entendimento, parte do conteúdo de América Espanhola ou até mesmo dentro de história do Brasil. Pelas obras analisadas, pudemos concluir que não há consenso nem quanto ao ano em que se deve ser trabalhado o conteúdo, e nem dentro de qual conteúdo deve ser trabalhado.

### **3.2. Análise questões de provas de concursos de prendas e peões do MTG sobre os 7 Povos das Missões.**

O segundo eixo em que vamos nos concentrar, a partir do nosso objetivo de pontuar o quanto a história das Missões Jesuíticas no Rio Grande do Sul vem sendo mal trabalhada e difundida e de forma acrítica e não focada na humanidade dos agentes históricos, temos os exemplos das questões de provas que foram utilizadas nos últimos 10 anos pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho nos concursos de prendas e peões. Conforme já dito, os concursos são realizados anualmente, e selecionam os representantes das regiões tradicionalistas e do RS. Participam do concurso estadual, apenas as primeiras prendas (mirins – até 12 anos; juvenis – até 18 anos; adultas – até 27 anos) das regiões tradicionalistas, ou seja, aquelas que venceram o concurso de suas regiões (lembrando que o MTG se subdivide em 30 Regiões Tradicionalistas, uma divisão considerada administrativa). O mesmo ocorre para os Peões, só que em apenas duas categorias, sendo a categoria Guri (equivalente às prendas juvenis) e a categoria Peão (equivalente às prendas adultas).

Além da prova escrita (mesmo nos concursos regionais, as provas são iguais em todo o RS, aplicada na mesma data e horário), os concursos tem um relatório de atividades, onde o concorrente deve apresentar o desenvolvimento dos projetos solicitados pelo MTG e a participação em atividades regionais e estaduais, ao longo do seu ano de gestão, prova artística, onde devem ser

demonstradas habilidades nos atos de dançar e de declamar ou cantar ou tocar um instrumento musical, prova oral, avaliando a capacidade do concorrente de manifestar-se em público, mostra folclórica para as temas (uma mostra com um tema pré-determinado) e prova campeira para os peões.

Utilizamos como fonte as provas dos concursos pois elas comprovam qual é o entendimento que a direção do MTG tem e deseja que seus militantes e porta-vozes tenham acerca da história do Rio Grande do Sul. Poderíamos utilizar as obras que são utilizadas como referência para estes concursos, mas percebemos que, ao nos valermos das questões de provas, chegamos ao cerne da forma como o Movimento entende e difunde a história do RS, o que percebemos que é feito de forma equivocada e com pouco embasamento histórico. É importante citar que, apesar de a diretoria do MTG valer-se deste modelo, ele não é amplamente aceito pelos tradicionalistas, ou seja, as pessoas que são filiadas ao Movimento e atuantes nele.

Vários elementos que dão “a cara” do MTG, tal qual a forma como as provas escritas dos concursos tem se apresentado são alvo de constantes críticas e descontentamento por parte dos tradicionalistas, mas existem muitas barreiras que protegem o sistema que vigora no MTG que, apesar de diversos esforços, dificilmente são transponíveis pelos tradicionalistas.

Faço esta afirmação a partir de minha própria vivência<sup>22</sup>, muitas das quais já relatei na fase introdutória deste trabalho. A Diretoria do Movimento dispõe de vários dispositivos de autoproteção. Alterar um regulamento ou alguma prática requer muitos esforços e, em função desta autoproteção comum da Diretoria do MTG, as alterações julgadas necessárias acontecem sempre de forma esporádica e requerendo sólidas bases de apoio e organização.

---

<sup>22</sup> Para elucidar esta questão, registro que, anualmente, acontece um evento chamado de “Convenção Tradicionalista”, no mês de julho, onde todos os regulamentos do MTG podem ser alterados mediante o envio de proposições, que podem ser elaboradas por qualquer pessoa regularmente filiada ao MTG. Porém, o direito ao voto para estas proposições é exclusivo dos 60 integrantes do Conselho Diretor do MTG (como se fosse sua equipe diretiva), dos conselheiros beneméritos (37 pessoas), dos conselheiros honorários (13 pessoas) e dos coordenadores das regiões tradicionalistas, que são em número de 30, sendo vetado o voto para os demais. Ou seja, quaisquer mudanças propostas não serão aceitas de forem conforme a vontade da equipe diretiva do MTG, mesmo que esta não represente a vontade de ampla maioria dos militantes do Movimento.

### 3.2.1. Ano de 2003

No ano de 2003, veremos provas em dois momentos, do concurso nas fases regional e também na estadual.

#### 3.2.1.1. Concurso de Prendas – Fase Estadual, categoria Adulta.

*Questão 14 – Acreditando na inviabilidade econômica da região rio-grandense, as autoridades espanholas entregaram-na aos jesuítas para pacificar e reduzir os índios. A ação dos jesuítas teve duas fases distintas: uma reducional entre 1626 e 1640 e outra missioneira entre 1682 e 1750/1801. Os padres transformaram os índios em excelente mão-de-obra especializada, pois lhes ensinaram técnicas de cultivo e aproveitamento do solo, permitindo assim uma melhor produtividade e colheita. Sob a direção e orientação dos jesuítas, os índios tinham uma vida comunitária, na qual as atividades eram distribuídas entre todos, os quais trabalhavam tendo em vista o bem comum. Por tais motivos, as reduções possuíam dois tipos de lavouras: uma familiar chamada de ..... e outra coletiva chamada de ....., onde os índios aprenderam também a plantar árvores frutíferas e erva mate. À medida que as reduções cresciam, os problemas surgiam e o principal deles, enfrentado pelos padres e pelos índios reduzidos, foi a seca. Quando essa vinha e era prolongada, os índios ficavam com fome e fugiam para as florestas e rios. No intento de solucionar este problema e para aproveitar as pastagens nativas na região, em 1634, os padres ..... e ..... introduziram o gado vacum na região, pelo Potreiro Grande das Reduções. Ainda no século XVII, as Missões começaram a ser invadidas por bandeirantes, que atacavam as aldeias com a finalidade de aprisionar os índios para vendê-los como escravos. Quando os bandeirantes devastaram as reduções e os índios e jesuítas abandonaram o local, o gado que antes era criado nas reduções passou a se reproduzir no sul, nas terras entre os rios Jacuí e Jaguarão, onde encontrou-se boa pastagem e aguada. Esse gado tornou-se xucro e selvagem, chamado “chimarrão”, e a região por ele ocupada chamou-se .....*

*Gabarito: d) Amabaé / Tupambaé / Cristóvão de Mendonza / Pedro de Romero / Vacaria do Mar.*

Neste caso, podemos observar que a questão fora formulada de forma a “pensar” no lugar da pessoa que está trabalhando em respondê-la, já que a grande parte das informações não são necessárias para responder a pergunta. Vemos, desde então, um modelo do que é considerado “cultura” baseado na premissa de decorar palavras e nomes, o que acreditamos que poderia ser deixado em segundo plano. Não negamos ser importante o conhecimento acerca do Tupambaé e do Amabaé, e nem eliminamos que alguns personagens tenham tido uma conduta relevante na transcorrer da história, porém não se pode reduzir o conhecimento (ou “aquilo que se deve saber”) a isto. Para acertar esta questão, não seria necessário refletir acerca da vivência dos indígenas e nem das práticas e ações dos padres jesuítas, era necessário saber, “de cór”, alguns nomes.

A questão ainda é problemática pois seu texto se apresenta de forma confusa. Vejamos: sabemos que os indígenas guaranis eram grandes agricultores, adaptados em utilizar o solo e os recursos da região em que viviam. O texto da questão instiga seu leitor a entender que os indígenas aprenderam a prática agrícola com os padres, dando a ideia de que os padres foram os responsáveis por “lapidar” o trabalho do guarani, enquanto defendemos a ideia de que o guarani, na verdade, levou para dentro da vida missioneira a experiência que ele mesmo já dispunha em momento anterior à ela. Pela questão, entendemos até mesmo que os padres foram que ensinaram aos indígenas o cultivo da erva mate, o que é sabido que esta planta era utilizada pelos indígenas antes da chegada do europeu ao continente americano. A forma de vida comunitária era também uma prática do indígena em seu Tekohá, não foi um modo de vida que lhes fora apresentado pelos padres e puramente estimulado por eles para a vida missioneira.

Por fim, mesmo que no início da questão seja feita a distinção entre as fases Reduicional e Missionária, no término do texto se fala sobre a invasão dos bandeirantes nas “Missões” no século XVII, enquanto sabemos que esta invasão ocorrera na fase das Reduções (até mesmo diante da premissa de que os povos das Missões foram implantados apenas a partir das duas últimas

décadas do século XVII, o que deixa óbvio que o objetivo da questão é falar sobre a fase das reduções).

Sendo assim, observamos que a questão que visa trabalhar com a questão missioneira no RS, elaborada para o ano de 2003, é bastante confusa e demonstra claramente que não há uma real compreensão do período por parte de quem fora destinado a elaborar a prova, solicitando ao concorrente apenas um conhecimento limitado à nomes e lugares. Não há diálogo com a questão nem a necessidade de apurar o senso crítico do concorrente. O viés humanizado que pensamos que deva ser primordial na história não tem espaço.

### 3.2.1.2. Concurso de Prendas – Fase Regional, categoria Adulta.

*Questão 10 – Em 1754, os índios das Missões Jesuíticas, rebelaram-se contra os portugueses e espanhóis liderados por Sepé Tiaraju, cujo descontentamento foi com a assinatura do Tratado de Madrid (1750) que obrigava os índios e os jesuítas a desocuparem as Missões e entregá-las aos portugueses, inconformados com a decisão invadiram o forte em Rio Pardo, construído na confluência dos Rios Pardo e Jacuí, o que deu início à ....., que se estendeu de 1754 até 1756. Morreu Sepé Tiarajú, o líder dos índios, numa escaramuça junto a ..... no atual município de São Gabriel e três dias depois, aconteceu o massacre ....., onde a resistência missioneira foi vencida.*

*Gabarito: d) Guerra Guaranítica / da Sanga da Bica / do Caiboaté.*

Nesta questão, percebemos a linha de raciocínio o qual não concordamos: o da valorização de figuras individuais. Evidentemente que Sepé Tiarajú fora importante para o desenrolar da Guerra Guaranítica, porém quando serão citados e rememorados todos os demais indígenas que foram “soldados” do “líder” Tiarajú? A história, desta forma, acaba ficando estática dentro de uma escassa lista de nomes, excluindo dela, assim, diversos agentes históricos fundamentais para o desenvolver dos acontecimentos.

Para o concorrente, poucos conhecimentos são necessários. As informações acerca do Tratado de Madrid já se encontram na questão, e são sucintas e objetivas. O concorrente precisaria apenas ter decorado o nome do

evento que se deu no atual RS entre os anos de 1754 e 1756, envolvendo os guaranis-missionários, saber o nome do espaço geográfico onde ocorrera a morte do “herói” deste evento e o nome de sua batalha final. Uma pequena “ficha técnica” sobre a Guerra Guaranítica, ao melhor estilo da concepção positivista da história, seria suficiente para avaliar o conhecimento deste concorrente. Uma “ficha técnica” que oferecesse informações como nome, datas, combates, lugares e personagens principais seria suficiente para que o Movimento Tradicionalista classificasse a prenda como culta ou não.

3.2.2. Ano de 2004 – Concurso de Prendas – Fase Regional, categoria Adulta.

*Questão 7 – Para garantir a posse das atuais terras gaúchas aos domínios da Espanha, os jesuítas tentaram, por duas vezes, fundar reduções, pois eles acreditavam ser preciso educar os índios a moda europeia e catequizá-los pela Igreja Católica. A partir de 1682, os padres jesuítas espanhóis fundaram os 7 Povos das Missões. A missão que mais prosperou foi ..... e a fundição do primeiro ferro aconteceu na redução de .....*

*Gabarito: b) São Miguel Arcanjo / São João Batista.*

Esta questão me remete aos meus primeiros estudos, na época das minhas vivências no meio tradicionalista em Rosário. Como já lhes contei, pra mim, “saber de cór que o Povoado de São Borja fora o primeiro dos “7 Povos” e havia sido fundado em 1682 era muito pouco”. Foi o que disse na introdução desta dissertação. E, de fato, é muito pouco. Qual a lógica da estruturação de São Borja? Qual a necessidade de erguer um povoado, a partir das pretensões da Coroa Espanhola, no ano de 1682, no local onde São Borja foi instalada? Por que não instigar este raciocínio e deter-se neste limitante conhecimento?

O Movimento Tradicionalista, se deseja continuar a ser o “porta voz da cultura e da história do Rio Grande do Sul”, deve assumir o compromisso de o fazê-lo com mais responsabilidade, e ouvir o clamor de seus militantes acerca destas situações. Sei que muitos destes militantes conseguem compreender a importância da fundação de São Borja dentro de um projeto de conquista e dominação do “recém descoberto” continente americano, em meio uma série de disputas que envolvia as Coroas Ibéricas. Sei que muitos deles poderiam dialogar acerca da necessidade de barrar o avanço português dentro do



continente após a instalação da Colônia do Santíssimo Sacramento, que “feria” as imposições do Tratado de Tordesilhas. Sei que muitos de nós gostaria de falar mais vezes sobre a questão de que, as terras onde hoje está o RS, não eram, em 1682, nem da Espanha e nem de Portugal: era dos indígenas que as habitavam desde muitos anos antes. Mas não é isto que os diretores do MTG querem ouvir e reproduzir. Saber que São Borja fora fundada em 1682 e que São João Batista fundiu o primeiro ferro é suficiente. Nem mesmo dialogar com a importância de São João Batista por ter sido pioneiro na América na fundição do ferro, o que demonstra o potencial econômico de que dispunham os povoados é necessário neste formato de “ensino” que vem se reproduzindo ao longo dos anos pelo MTG.

### 3.2.3. Ano de 2005

Vejamos dois exemplos, na prova de prendas juvenis e na prova de peões.

#### 3.2.3.1. Concurso de Prendas – Fase Regional, categoria Juvenil.

*Questão 10 – Em 1750 os governos espanhol e português assinaram o Tratado de Madrid. Esse tratado gerou revolta entre os índios que tinham que entregar os Sete Povos das Missões para os portugueses. Por este motivo, em 1754, iniciou a Guerra Guaranítica. As forças que demarcavam o Tratado de Madrid derrotaram os índios na batalha de .....*

*Gabarito: b) Caiboaté.*

Esta questão repisa a reflexão feita anteriormente: basta uma ficha técnica, basta decorar. Desde a primeira prova analisada, no ano de 2003, vamos vendo que as questão vão ficando ainda menores, mais sucintas e limitadas, exigindo dos concorrentes a plena capacidade de decorar e tirando dele a necessidade de ser um cidadão crítico acerca da sua história e assim, posicionar-se perante a sociedade em que vive.

Concordamos que saber a “ficha técnica”, como chamei, tem sua importância, pois não seria possível o diálogo acerca de um momento histórico sem conhecer o seu desenvolvimento, o período e o espaço que o circunda.

Mas isto não pode ser tido como conhecimento primordial. É apenas um conhecimento inicial, básico, que deveria ser aprimorado através do diálogo, da observação, da tentativa de compreender os sentimentos que foram vividos pelos seres humanos envolvidos nestes processos. Negar a importância dos sentimentos dentro da história é retirar dela a condição de ela é feita por ações humanas, e essas ações são movidas pelas situações de medo, de apego, de amor, e estas vão ações, movidas por estes sentimentos, irão suprir as mais distintas necessidades dos indivíduos dentro do seu instinto de sobrevivência.

### 3.2.3.2. Concurso de Peões – Fase Regional, categoria Adulto.

*Questão 28 – O povoamento oficial do Rio Grande do Sul teve início em 1737, com a fundação do Forte Jesus-Maria-José, que deu origem a atual cidade de:*

*Gabarito: c) Rio Grande.*

A questão destaca não faz alusão aos povos missioneiros e nem aos povos indígenas, e é justamente por este motivo que ela fora apresentada aqui. A questão demonstra que as lideranças intelectuais do Movimento Tradicionalista, no ano de 2005, não entendiam os povos indígenas e missioneiros como parte do povo do Rio Grande do Sul. Podemos considerar que a fundação oficial do território demarcado como Rio Grande do Sul fora no ano de 1737, porém dizer que seu povoamento ocorrera a partir desta data é ignorar toda a história vivida na região anterior a esta data, inclusive excluindo aqueles que passaram os anos antecedentes realizando a construção do próprio forte que é apresentado como gerador da povoação do RS. Há aqui uma clara tentativa de vincular o MTG à Matriz Lusitana do Rio Grande do Sul, conforme apresentamos no primeiro capítulo, segundo as definições de Ieda Gutfriend (1992). A busca pelo que é “oficial” deixa muito claro o viés de história adotado pelo movimento: aquele que repousa sobre documentos e não considera ser história aquilo que não estiver redigido nele. É lamentável que um Movimento, tido como “cultural”, trabalhe com uma concepção historiográfica que exclui a própria cultura dela.

3.2.4. Ano de 2007 – Concurso de Prendas – Fase Estadual, categoria Juvenil.

*Questão 6 – Os índios Tupis Guaranis habitavam o leste do rio Uruguai.*

*Deles podemos dizer que:*

*A – eram bons no uso da boleadeira.*

*B – eram bons artesões e fabricavam cerâmicas pintadas e escovadas.*

*C – pouco se sabe sobre sua religiosidade.*

*D – praticavam a coleta do pinhão e do mel.*

*Gabarito: b.*

Reproduzi aqui a questão tal qual ela está na prova original, inclusive com erro ortográfico (“artesões” ao invés de “artesãos”). Apenas por esta palavra se pode duvidar da formação intelectual da pessoa responsável pelas provas e também se coloca em questão a desatenção do Movimento com relação aos documentos que gera, fazendo-nos perceber não serem revisados e atentados para questão tão relevantes como o cuidado para com a língua portuguesa.

A questão já traz um equívoco: apresenta os indígenas Guaranis como se fossem índios “Tupis-Guaranis”, enquanto Tupi Guarani é o troco linguístico no qual os indígenas Guaranis se inseriam. Ainda, a questão diz que este grupo “habitava o leste do Rio Uruguai”, sem se preocupar em dizer quando e muito menos instigando algo que reflita sobre o processo migratório do qual este indígenas participaram. Refletindo então que a questão quer saber o que se pode dizer sobre os indígenas, concluo que a resposta oferecida pelo gabarito é muito limitada. Podemos dizer muito sobre estes indígenas. É evidente que, se tratando de uma questão de prova, não poderia ser tão extensa ao ponto de demonstrar as inúmeras características do povo em questão, mas as alternativas poderiam ser melhor elaboradas e mais estimulantes. Qual a função do artesanato praticado pelos indígenas? Por que a prática da cerâmica? Poderia se refletir acerca da produção dos alimentos e necessidade de armazenamento, ou ainda, se falar sobre a viabilidade do solo dos espaços que habitavam em fornecer a argila para a cerâmica, já que o grupo procurava por espaços próximos à rios, devido à fertilidade do solo, para a prática da agricultura.

Mais uma questão praticamente vazia de conteúdo, buscando apenas delimitar alguns possíveis diferenças no modo de vida dos grupos indígenas que habitaram o território do atual RS.

### 3.2.5. Ano de 2008 – Concurso de Prendas – Fase Regional, categoria Juvenil.

*Questão 8 – Cacique guarani, morto na refrega que precedeu o combate de Caiboaté em 7 de fevereiro de 1756 enquanto enfrentava os portugueses e os espanhóis em defesa de sua terra. Estamos falando de:*

*Gabarito: b) Sepé Tiarajú.*

Ao longo dos anos, observamos que as questões foram ficando menores. Os extensos textos que as acompanhavam foram desaparecendo. Eram, de fato, desnecessários, diante da lógica da prova. Aqui, mais um exemplo disto: uma história de forma personificada, a enobrecer figuras isoladas, desfazendo qualquer possibilidade de compreender o meio em que estas figuras viveram, desmerecendo os demais que também se envolveram e doaram suas vidas em nome das causas pelas quais lutaram. Ao mesmo tempo, se nota uma profunda contrariedade. A questão diz que o Cacique guarani morto em 1756, morreu defendendo “sua” terra. Porém, como vimos, o Movimento tem em 1737 (fundação do Forte Jesus-Maria-José) a fundação oficial do Rio Grande do Sul e o seu povoamento oficial. Levando-se em conta que a Batalha de Caiboaté ocorreu próximo a atual cidade de São Gabriel, como poderia o MTG esclarecer seu posicionamento se defende que estas terras eram portuguesas?

Recaímos então em um problema bastante debatido em nosso meio, de que as pessoas que escrevem as provas apenas pegam os livros indicados pela Diretoria do Movimento (que claramente os selecionam conforme a concepção que querem difundir da história) e usam alguns parágrafos para adaptá-los em forma de questão. É nítido que os responsáveis pelas provas sequer detêm o “conhecimento” que eles mesmos cobram dos concorrentes a prenda e peão, mas o fazem em cima dos livros que são orientados a ler e sobre os quais fazem as provas. Não estou afirmando que estas pessoas não “sabem” que há um posicionamento atrás deste modelo, mas digo que elas os reproduzem sem, muitas vezes, entenderem realmente o que estão difundindo.

### 3.2.6. Ano de 2009 – Concurso de Prendas – Fase Regional, categoria Adulta.

Antes de apresentar a questão do ano de 2009, faço o registro de que eu mesma participei deste concurso, que venci e me tornei 1ª Prenda da 13ª Região Tradicionalista, na gestão de 2009/2010.

*Questão 7 – Sobre a cultura missioneira, é CORRETO afirmar:*

*A – Os missionários transformaram as reduções numa sociedade sacral, os rituais religiosos marcavam cada momento.*

*B – Os índios conheciam o uso de ervas medicinais.*

*C – O uso do chimarrão combateu a embriaguez entre os índios.*

*D – As reduções jesuíticas floresceram no período barroco.*

*Quais estão corretas?*

*Gabarito: d) Todas as letras.*

Citei que eu mesma havia feito esta prova pois os comentários acerca desta questão acompanham meu pensamento desde o instante em que eu estava fazendo esta prova. Hoje, estes pensamentos viram comentários finalmente colocados no papel. Primeiramente, a questão pede elementos da “cultura missioneira”, mas as opções não são referentes à isto. Eu acertei a questão, mas se eu fosse debater com ela, poderia, por exemplo, ter eliminado a letra D, pois ela apenas cita que as missões se desenvolveram no período barroco, e não está afirmando nada relacionado à cultura desenvolvida nos povoados.

Se eu “dialogasse” com a prova, eliminaria também a alternativa A, pois dizer que os rituais religiosos marcavam “cada momento” é muito abrangente. Sim, concordamos com a importância da religiosidade nos povos, é evidente, pois eles só se ergueram na união dos jesuítas com os indígenas, e os jesuítas trabalharam sempre em cima do projeto de catequização destes indígenas. Porém, as atividades relacionadas ao plantio, por exemplo, não podem ser definidos como uma atividade religiosa. Então, a frase está mal formulada, pois os rituais religiosos marcavam, certamente, vários momentos, mas não todos, como a questão sugere.

Concordamos que a letra B traz uma frase correta, os índios conheciam o uso de ervas medicinais. Porém ela está em descompasso com a pergunta.

Seria o uso das ervas uma característica da cultura missioneira? Vejo como uma característica dos guaranis e que seguira sendo utilizada após a sua inserção nos povos das Missões, o que corrobora também a nossa ideia de que os padres não subjugarão pura e simplesmente a cultura guarani, muito dela foi junto ao seu povo para dentro do povoado. Sendo assim, a letra B também seria uma frase errada conforme o que foi solicitado na questão.

A letra C é muito mal escrita pois dá a entender (conforme a pergunta) que os indígenas passaram a usar o chimarrão apenas após a instalação dos povos e, assim, os padres combateram a embriaguez, que aparece como se fosse uma prática comum deles de antes das Missões se fixarem. Com a alta produtividade da erva mate, podemos entender que o chimarrão fora cada vez mais consumido e que, seu consumo, evitava a embriaguez dos indígenas. O problema é que a questão dá a entender que os índios eram um grupo de “bêbados” antes da instalação das Missões. Assim, a afirmativa C também estaria errada, pois esta não é uma característica da cultura missioneira, que é o que a questão deseja saber.

Sendo assim, dialogando com a prova e utilizando dos conhecimentos que eu havia adquirido quando a fiz, a alternativa correta deveria ser “todas estão erradas”, mas não havia esta opção na prova. Muito poderia ter se explorado na questão, desde a importância da erva mate na economia dos povoados, até a produção artística dos missionários vinculadas ao estilo barroco. Mas a questão foi mal elaborada, com pouco embasamento e mal escrita.

### 3.2.7. Ano de 2010 – Concurso de Prendas – Fase Estadual, categoria Adulta.

Em função da conquista do concurso regional que citei anteriormente, também desenvolvi esta prova, concorrendo à Prenda Estadual. Fiquei apenas em 9º lugar entre as 20 concorrentes. Meu pior desempenho entre todas as etapas do concurso foi, justamente, na prova de história.

*Questão 8 – Das afirmações abaixo, está INCORRETA:*

*A – A primeira fase da Guerra Guaranítica iniciou em março de 1754.*

*B – Os indígenas comandados por Sepé Tiarajú incendiaram a povoação de Santo Antônio e hostilizaram as forças reunidas sem estabelecer combate direto.*

*C – O Tratado de Madrid foi anulado e substituído pelo Tratado de Santo Ildefonso pelo Rei Fernando VI.*

*D – Com o Tratado de Madrid houve a formação de um Exército Luso Espanhol com o fim de implantar as partes acordadas entre as duas coroas.*

*Gabarito: c.*

Esta foi uma das questões que acertei, pois, entre meus conhecimentos, eu já havia decorado os nomes e a sequência dos tratados que envolvem a história do RS para saber que o tratado que anulava o de Madrid foi o de El Pardo, e não o de Santo Ildefonso (vejam que, novamente, a grafia se encontra errada na questão, onde está “Ildefonso”). O despreparo de quem elaborou a prova é nítido, dada a forma mal escrita das alternativas, deixando a questão confusa e limitando o conhecimento aos nomes dos Tratados estabelecidos entre Portugal e Espanha.

Confesso que tentei reescrever as alternativas B e D e encontro nisto muita dificuldade. O que significa “hostilizam as forças reunidas”? Que seriam as forças reunidas contra as quais não se estabeleceu combate direto? A frase aparece vaga e sem lógica. Provavelmente, o trecho provém de algum parágrafo de livro, só que, deslocado do parágrafo original, ficara sem nexos.

Já a letra D, se for lida isoladamente, também é uma frase sem nexos. O que significaria “formar um exército para implantar as partes”? A frase poderia ter sido elaborada de várias outras formas, como por exemplo, que o exército formado visava consolidar o acordo feito entre as partes envolvidas, no caso, as duas coroas.

3.2.8. Ano de 2012 – Concurso de Peões – Fase Regional, categoria Adulto.

*Questão 6 – As Missões, depois da expulsão dos jesuítas, entraram em decadência. A ação sobre as Missões para sua anexação ao território brasileiro foi liderado por:*

*Gabarito: d) Rafael Pinto Bandeira.*

Primeiramente, o objetivo ao qual a questão se refere é o de anexar a região das Missões ao território de posse portuguesa, e não ao Brasil. A questão dá a sensação de existência de uma nação brasileira em lutas territoriais. Mas, mesmo que o concorrente fizesse esta reflexão, ela seria desnecessária. O objetivo da questão é destacar uma figura individual, Rafael Pinto Bandeira, que, se destaca na questão como agente de um “grande feito”. Desconsideram-se aqui as mazelas vividas pelos guaranis-missioneiros e ainda, dá a entender que a decadência das Missões ocorreu devido a expulsão dos jesuítas, e não em função da guerra que trucidara milhares de missioneiros.

*Questão 16 – Ao estabelecer as reduções, os jesuítas também se preocuparam em defender os indígenas. As afirmações abaixo são verdadeiras EXCETO:*

*A – Em 1626 teve início a construção dos Sete Povos.*

*B – Evangelizaram os índios reduzidos.*

*C – O modelo reducional sucumbiu em 1641 com o avanço exploratório e escravagista dos bandeirantes.*

*D – Os jesuítas introduziram o gado no Rio Grande do Sul.*

*Gabarito: a.*

Esta questão é mais uma totalmente desconexa entre a pergunta e suas alternativas. A pergunta se refere à ideia de que os jesuítas tiveram o cuidado de defender os indígenas, e a resposta fala sobre a data do início da fase das reduções. A única informação que o concorrente precisava saber era a de que as reduções iniciaram em 1626 e a fundação dos 7 Povos fora iniciada em 1682. As demais alternativas não se ligam com a informação que fora apresentada na pergunta.

### 3.2.9. Ano de 2013

Observaremos 3 provas que foram aplicadas neste ano

#### 3.2.9.1. Concurso de Prendas – Fase Estadual, categoria Juvenil.

*Questão 11 - Os grupos guaranis históricos desapareceram lentamente do Rio Grande do Sul devido à:*



*I – Ataque dos bandeirantes;*

*II – Guerra Guaranítica;*

*III – Escravidão imposta pelo governo militar espanhol nas reduções depois expulsão dos jesuítas.*

*IV – Mestiçagem das mulheres com os homens brancos.*

*Estão corretas as opções:*

*Gabarito: d) Todas estão corretas.*

Meu questionamento inicial quanto esta questão é a seguinte: quais são os grupos guaranis “históricos” e quais não são? De onde surgiu esta definição e o que ela significa? O segundo questionamento é: os guaranis desapareceram? Lamentável questão. Desconhece-se, desta forma, a realidade da vida dos povos indígenas que sobrevivem e tentam fazer sobreviver a sua cultura dentro do universo atual que tenta os “acuar” dentro do território. As reservas indígenas são parte do conteúdo cobrado das prendas e peões e, ainda assim, surge uma questão que afirma que os guaranis desapareceram, e ainda os classifica entre “históricos” e outros, que devem ser os “não históricos”. Uma questão que causa plena indignação.

3.2.9.2. Concurso de Prendas – Fase Estadual, categoria Mirim.

*Questão 9 - Dos Sete povos Missioneiros, o primeiro deles foi fundado em 1682 e chamou-se:*

*Gabarito: a) São Borja.*

Destaquei esta questão para demonstrar que, chegamos enfim ao ano de 2013 e o MTG ainda entende que é suficiente saber que São Borja fora o primeiro dos 7 Povos fundados, no ano de 1682.

3.2.9.3. Concurso de Prendas – Fase Regional, categoria Adulta.

*Questão 7 – Em 1619, os paulistas e luso-brasileiros, em forma de bandeiras, declararam guerra aos jesuítas. Motivos que levaram a vinda dos jesuítas para o Rio Grande do Sul:*

*I – Fugir da ação dos bandeirantes em Guaíra.*

*II – Jesuítas tinham a intenção de cristianizar os indígenas.*

*III – Os jesuítas queriam atender os interesses dos colonizadores.*

*IV – Os índios não aceitavam o comando dos bandeirantes.*

*Estão corretas:*

*Gabarito: b) Somente 1, 2 e 4 estão corretas.*

Esta é a última questão que analisaremos, oriunda das últimas provas aplicadas pelo MTG até o momento, no concurso regional do dia 29 de junho de 2013. Inicialmente, a questão diz que os jesuítas vieram para o Rio Grande do Sul no ano de 1619. Mas não há “Rio Grande do Sul” no ano de 1619. O termo está totalmente mal empregado. Lembrando que o próprio MTG o concebe, como território e povoação, apenas em 1737, com a ação portuguesa na fundação do Forte Jesus-Maria-José.

Percebemos que os erros encontrados em questões de anos atrás se repetem: a falta denexo da pergunta para com as alternativas. Vejamos: na número II diz que os jesuítas queriam cristianizar os indígenas, mas se tomarmos isso como um puro “motivo” que leva a vinda deles aos Sul, estaremos desconsiderando que este fora um dos motivos que o trouxeram para a América. Migrar dentro do continente se fez uma necessidade de sobrevivência e de consolidação da proposta colonizadora. Ainda, na alternativa III, vemos que os “jesuítas atendiam interesses dos colonizadores”. Pensemos: os jesuítas eram colonizadores. Sendo assim, a frase nos diz que os jesuítas atendiam os próprios interesses, o que seria lógico. Acredito que a ideia da questão seria questionar se é correto afirmar que a ação dos jesuítas na América atendia ao interesse das Coroas que promoviam a conquista do continente, e aí sim teríamos uma alternativa bem fundamentada.

Na alternativa IV diz que os índios não aceitavam o comando dos bandeirantes. Primeiro pergunto: Porque esta frase se encontra como alternativa em uma questão que quer saber os motivos que levaram os jesuítas a irem mais para o Sul da América? Temos então uma nova questão de alternativas que não se relacionam com a pergunta e são dadas como “corretas”. Ainda, se desconsiderarmos a pergunta e analisarmos apenas a frase, que é dada como correta (nota-se que, possivelmente, ocorreu um novo recorte de parágrafos de livros que perdem o sentido fora de seu contexto), ela ainda está equivocada, pois dá a entender que os bandeirantes exerciam

algum poder sobre os indígenas e estes os “desobedeciam”. A frase é vaga, não permite analisar a situação do indígena que estava sendo aprisionado para o trabalho forçado e que buscava livrar-se deste aprisionamento e manter o modo de vida que conhecia antes da chegada do europeu.

Dez anos se passaram desde a primeira prova analisada. Os mesmos anos são cometidos, o mesmo formato é estimulado, as questões se repetem desconexas, desatentas, sem embasamento, sem criticidade, sem considerar a figura humana como agente da história.

### 3.2.10. Considerações gerais sobre as provas observadas

As questões apresentadas nos deixam a lamentar a forma como a história dos povos missionários vem sendo tratada e ensinada dentro do próprio Rio Grande do Sul por uma instituição que deveria fazer a difusão desta história da forma mais brilhante possível, e o faz de forma sofrível. Uma forma “seca”, ou seja, sem reflexões interessantes, sem a valorização do indígena, sem sequer compreender exatamente o que ocorrera na experiência missionária do Rio Grande do Sul e nem o que ocorrera com seus descendentes. É nítido que, nestes 10 anos que foram observados, não houve avanços na compreensão de história do MTG. A reflexão não foi autorizada e as críticas por parte dos tradicionalistas não foram aceitas pelos dirigentes do Movimento. Indo na contramão do que os estudos em história têm priorizado, o MTG está deixando o conhecimento ainda mais estático, menos humanizado, ainda focado no destaque de personagens isolados e sem estimular a criticidade.

### **3.3. Transformar a forma de ensinar a história das Missões: reconhecendo o Patrimônio Cultural**

Para encerrarmos este capítulo, queremos apenas refazer algumas considerações traçadas anteriormente. Buscamos pontuar dois espaços que trabalham com história: a educação básica brasileira e o Movimento Tradicionalista Gaúcho, cujas publicações tem grande aceite no Rio Grande do

Sul. Após definirmos estes eixos, observamos os recursos que estes meios promovem e analisamos a forma como a história das Missões vem sendo trabalhada.

O recursos que utilizamos para a análise referente à educação básica, foram os livros didáticos que circulam no Brasil a partir de diversas editoras. Observamos que não há uma linha comum de pensamento entre os historiadores e professores responsáveis pelos livros de história no tocante ao período missionário no RS. Cada coleção encaixa o conteúdo a partir do entendimento do seu autor, e a forma de abordagem que vem sendo reproduzida nas escolas brasileiras se mostrou ser confusa e muitas vezes, com informações equivocadas. Caberá aos professores induzir a um debate crítico capaz de organizar o pensamento de seus alunos, e isso certamente varia muito conforme o professor, sua formação e seu interesse no conteúdo.

Quanto ao MTG, o recurso utilizado foram as provas que este aplica na seleção de seus representantes regionais e estaduais, na figura das Prendas e dos Peões. Observamos o grande despreparo dos responsáveis pela elaboração das provas, vindo justamente daqueles que deveriam prezar pela difusão da história do Rio Grande do Sul da forma mais responsável e estimulante possível. Pudemos observar que o MTG preserva e difunde uma história estática, fundamentada em datas, nomes específicos e “fatos”, sem estimular o senso crítico e a reflexão por parte de seus militantes.

Sendo assim, o produto que você irá encontrar descrito no capítulo seguinte parte da nossa preocupação de estimularmos o entendimento deste Patrimônio dentro de história mais reflexiva, com informações coerentes e capaz de divulgar a história das Missões Jesuíticas no Rio Grande do Sul, diferentemente dos recursos que apresentamos e que vem abordando a história missionária de forma tão desestruturada e limitada. Ainda, nos é primordial trabalharmos a situação do indígena na atualidade, já que suas condições de vida são diretamente ligadas à esta história.

## **4 – PATRIMÔNIO, HISTÓRIA, LÚDICA E INTERNET: AS CHAVES DE UMA FERRAMENTA DE ENSINO SOBRE AS MISSÕES NO RS.**

Neste capítulo, apresentamos a descrição integral do jogo online que estamos propondo para que seja utilizado como uma ferramenta de ensino sobre a História das Missões. Durante a explicação de cada fase, você encontrará a nossa justificativa sobre os meios que utilizamos para que o jogador se remeta à uma compreensão de história mais crítica e humanizada. Antes, porém, é necessário que refaçamos algumas considerações acerca da nossa compreensão sobre a educação e sobre jogos, falando também dos recursos digitais que possam ser utilizados no processo educativo.

### **4.1. Ensinar e aprender: as possibilidades da lúdica e da internet na educação**

Vamos retomar questões referentes ao jogo, à lúdica e à educação. Ao longo das minhas atividades como professora, desde a atuação nos estágios da graduação, nas docências orientadas e nas práticas de extensão, pude notar que o ato de aprender pode vir das mais variadas formas. Alguns métodos convencionais, como passar o “conteúdo” no “quadro” não são suficientes para gerar um conhecimento histórico pleno por parte do educando. É evidente que o uso de recursos clássicos como o quadro, os resumos e exercícios são parte do processo de ensino-aprendizagem. O que questiono aqui é a ideia de que eles, sozinhos, sejam suficientes. Na verdade, eles devem ser utilizados como anexos de um processo que requer a explicação do professor acerca do conteúdo trabalhado e o debate dos alunos tentando questionar e aprimorar o que está sendo ensinado à ele. O aprender pode vir de várias formas, conforme Beauchamp et al (1980) nos diz:

Todas as atividades permitem aprender alguma coisa: pode-se aprender lendo, falando (nos grupos, aliás, a maior parte do tempo se passa falando); aprende-se também assistindo a um filme, à exibição de diapositivos, ouvindo canções, realizando

um jogo (...) neste ponto os únicos limites são só o da imaginação e das possibilidades do grupo.<sup>23</sup>

Instigar a imaginação é determinante na compreensão de história, pois o aluno precisa se reportar à uma realidade e um espaço diferentes do que vive, em um tempo que ele não vivera o sobre o qual ele não tem conhecimento empírico. Os jogos são elementos capazes de estimular a imaginação intensamente, pois além do recurso de visualizar parte do que se pretende ensinar (e que precisa ser imaginado) através de tabuleiros, paisagens, personagens, é necessário que o jogador desenvolva suas táticas de jogo como se estivesse presente no momento histórico em questão.

É preciso ainda, aceitar de que o fato de o aluno estar brincando não quer dizer que seu aprendizado esteja comprometido. Pelo contrário: através da lúdica é possível que o aluno se sinta ainda mais a vontade com o conteúdo, por não ter que compreendê-lo de forma monótona e cansativa. Conforme Santos,

Brincar ajuda a criança no seu desenvolvimento físico, afetivo, intelectual e social, pois, através das atividades lúdicas, a criança forma conceitos, relaciona idéias, estabelece relações lógicas, desenvolve a expressão oral e corporal, reforça habilidades sociais, reduz a agressividade, integra-se na sociedade e constrói seu próprio conhecimento.<sup>24</sup>

O fato de que o jogo que propomos seja online pode reduzir os estímulos citados por Santos no tocante ao desenvolvimento corporal, já que o aluno não precisará movimentar-se para executar as tarefas propostas nas fases do jogo. Porém, podemos apontar que vários estímulos serão alcançados através deste jogo, já que ele instiga reflexões acerca do conteúdo que estará sendo visitado, fugindo de uma lógica estática do conhecimento e percorrendo pelas análises do aluno em buscar as formas mais coerentes para que ele consiga construir um pequeno povoado missioneiro.

Sobre a importância do uso dos recursos lúdicos nas aulas de história, concordamos com a posição de Lopes, que diz

Nas aulas de História, a utilização do lúdico aproxima o educando do seu contexto histórico, dos fatos que estão ocorrendo e daquilo que se sucedeu até desencadear ao que hoje vivemos. O lúdico é necessário no ensino da História, pois

---

<sup>23</sup> BEAUCHAMP, A.; GRAVELINE, R.; QUIVIGUER, C. **Como animar um grupo**. São Paulo, SP: Ed. Loyola, 1980.

<sup>24</sup> SANTOS, S.M.P. dos (Org.). **O Lúdico na formação do Educador**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

além de dinamizar os momentos educacionais (onde o professor deixa de ser o disseminador da idéia para ser o mediador do encontro) proporciona ao educando um entendimento enquanto sujeito histórico que é, capaz de modificar seu meio. Através da educação lúdica transformadora e da utilização do jogo enquanto ferramenta para isso, a criança se tornará consciente e responsável sobre a situação a qual se encontra no mundo.<sup>25</sup>

Desta forma, queremos então deixar claro o quão válido é o uso do jogo que estamos pretendo, neste caso, nos valendo de uma ferramenta bastante disseminada e de fácil acesso, a internet. Já havíamos citado a importância dos jogos, mas vejo ser importante enfatizar esta questão antes de apresentar o nosso jogo. Quero também deixar claro que tenho plena consciência de que as escolas com menores recursos (tal qual os alunos de baixa renda) terão, de fato, dificuldades de acesso a internet dadas as suas condições. Porém, compreendo que, se este jogo fosse disponível no modelo de jogos de tabuleiros, o acesso destas escolas e educandos seria ainda mais difícil, pois iria requerer ou a compra de exemplares do jogo ou o fornecimento gratuito deste, o que leva a necessidade de um órgão financiador. Hoje já existem políticas públicas que visam a implantação de laboratórios de informática com acesso a internet nas escolas. Mesmo que isto ainda não seja uma realidade em todas as escolas, ainda é o caminho mais curto para que este jogo chegue aos mais diversos grupos escolares.

#### **4.2. O jogo: nossa ferramenta propondo uma forma de ensino crítica e humanizada das Missões Jesuíticas no Rio Grande do Sul.**

Apresentamos então o jogo que está disponível online que fora desenvolvido como produto deste mestrado. Levando-se em conta que damos credibilidade à internet e a lúdica como aliadas da educação, no ensino de história e na preservação do Patrimônio Cultural é que desenvolvemos este jogo. Queremos então, na história, as pessoas, dentro de sua humanidade. Pode parecer controverso que a palavra “humanizada” venha associada ao uso da internet, pois pode nos remeter a ideia de que a internet é um espaço frio

---

<sup>25</sup> LOPES, William Molinos. **Lucidade e história: uma proposta de jogo educacional que aborde a Guerra Guaranítica**. Trabalho de Conclusão de Graduação (Curso de História – Licenciatura Plena e Bacharelado). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2009.

onde as relações são mais artificiais. Mas a nossa ideia de trazer a “humanidade” dos povoados para dentro do ensino se dá através da criticidade que queremos desenvolver naqueles que acessarem a página, pois serão necessárias várias reflexões acerca do momento vivido pelos indígenas e pelos padres para que se consiga chegar até a última fase do jogo de forma vitoriosa. Sendo assim, a humanidade está na nossa proposta de que, ao refletir sobre a experiência missioneira para responder as questões, o jogador possa estimular seu senso crítico e oferecer à história das Missões um olhar mais voltado a vida dos indivíduos que as habitaram do que aos “fatos históricos”.

A partir de agora demonstramos todas as fases do jogo, com todas as questões e textos que estão na ferramenta. Junto à descrição de cada fase, você poderá acompanhar a nossa reflexão acerca de como o método utilizado satisfaz os nossos objetivos de humanizar e tornar reflexiva a experiência dos 7 Povos.

As ilustrações do jogo foram realizadas por Sibebe Righi Scaramussa e o responsável pelo desenvolvimento técnico do jogo e sua hospedagem online é Francisco Giraldi.

#### 4.2.1. Acesso e boas-vindas à página

O jogo está hospedado no seguinte site: [www.ufsm.br/dtg](http://www.ufsm.br/dtg). Ao acessar o site, a página inicial indicará claramente onde clicar para acessar o jogo: “JOGO HISTÓRICO: AS MISSÕES JESUÍTICAS NO RIO GRANDE DO SUL”. Abrirá então a página inicial com as informações técnicas sobre o site e os créditos. Enquanto isso, o jogo estará carregando para que possa ser acessado. Após alguns segundos, aparecerá o botão iniciar. Vejamos:

*Seja bem-vindo!*

*Você está acessando o jogo*

*“As Missões Jesuíticas no Rio Grande do Sul”*

*Aguarde enquanto o jogo carrega...*

*Este aplicativo foi desenvolvido como produto para a conclusão do Mestrado Profissionalizante em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria, sob responsabilidade da Mestre TAINÁ SEVERO VALENZUELA,*



*que defendeu a dissertação “Jogos e ensino de História: uma proposta de reconhecimento do patrimônio cultural através dos 7 Povos das Missões” sob a orientação de JÚLIO RICARDO QUEVEDO DOS SANTOS*

*Textos, pesquisa, fotos e vídeos: TAINÁ SEVERO VALENZUELA*

*Responsabilidade técnica do desenvolvimento do aplicativo: FRANCISCO GIRALDI*

*Ilustrações: SIBELE RIGHI SCARAMUSSA*

Este momento inicial tem a pretensão apenas de informar ao visitante sobre a página que ele está acessando e poderá se informar acerca dos profissionais que desenvolveram a página.

#### 4.2.2. Orientações

Após, o visitante o terá que assistir a um vídeo obrigatoriamente, o jogo só estará disponível após a visualização do vídeo. Ele apresentará um histórico bastante resumido sobre o contexto das Missões Jesuíticas (a partir do texto do 1º capítulo desta dissertação) e dará as orientações sobre como utilizar os recursos do site.

O objetivo da obrigatoriedade do vídeo é para que o jogador possa começar a compreender a forma como desenvolvemos a nossa compreensão acerca do conteúdo e, desde o início da participação do jogo, possa fazer reflexões críticas acerca do passado missioneiro e do que restou deles no presente.

O texto narrado no vídeo é o seguinte:

*“Foi sobre as pedras que se ergueu a história missioneira. Sobre elas, nasceram os povos das Missões. Na América foram 30. 30 Povos das Missões, a mescla do índio americano com o jesuíta espanhol. 7 deles se fizeram no solo onde veio se formar o Rio Grande do Sul. O último de todos: Santo Ângelo Custódio, selando a história espanhola em solo americano. / Sobre as pedras andaram os guaranis. Sobre as pedras andaram os jesuítas. Esta história foi feita do projeto europeu de dominar e conquistar os territórios no “Novo Mundo”, um continente então desconhecido por eles que fora encontrado com as grandes navegações, que pretendiam alimentar um novo cenário na Europa: longe da fome, das doenças, e em intensas trocas comerciais. A América,*

*recém descoberta, foi dividida por Portugal e Espanha, através de um Tratado chamado de Tordesilhas e assinado pelas duas coroas em 1494, com o aval da Igreja Católica. Conquistar o indígena e fazê-lo trabalhar para a Coroa fazia parte de todo este projeto, e esta era a missão dos padres jesuítas pra cá enviados. Onde futuramente se tornou o Rio Grande do Sul, 7 Povos se organizaram sob o comando dos padres jesuítas enviados a serviço da Coroa de Espanha. Uma história feita de uma impensável união nascida entre europeus e guaranis.”*

#### 4.2.3. 1ª fase – A chegada do Guarani no atual RS

Ao fechar a janela do vídeo, aparecerá a imagem inicial. Esta imagem será de um campo despovoado. Abrirá uma caixa de texto falando sobre a chegada dos índios Guarani neste campo, que será localizado como a atual região onde fica São Miguel das Missões. Importante situarmos o jogador no tempo neste momento. Para isso, abrirá uma caixa de texto com a primeira questão, questionando sobre a origem do povo guarani e sobre sua chegada ao território do atual RS. Acertando a resposta, a imagem do campo passará a ser preenchida por indígenas Guaranis. O espaço onde estará sendo feita a contagem de pontos para o aluno poderá ser acessado a qualquer momento. Ao longo do jogo em si, o jogador poderá somar um máximo de 100 pontos, porém, na última fase que trata sobre a Guerra Guaranítica, podem ser ganhos 5 pontos bônus, o que faz com que o jogador possa conquistar até 105 pontos gerais, se não errar nenhuma fase e ainda conseguir “vencer” a Guerra. A cada fase ultrapassada, ele recebe determinada quantia de pontos. Errando, receberá menos pontos. Questão:

*GUARANI é o nome de um grupo indígena que fora um dos primeiros grupos humanos que habitaram o atual Rio Grande do Sul, em uma época em que este estado não existia. Era uma região com vastos campos e povos de costumes muito diferentes dos nossos hoje em dia. Sobre os GUARANI, podemos afirmar que:*

- *É um povo originário da região sul da América. Não tinham o costume de realizar práticas de guerra, eram pacíficos e ordeiros. Para sua sobrevivência, praticavam a pesca, a coleta, a caça e o desenvolvimento*

do comércio. Organizavam-se em pequenos vilarejos onde cada família indígena tinha sua própria casa. Não tinham o domínio de técnica agrícolas, o que fazia com que muitos grupos de guaranis acabassem devastados em função da fome. Não tinham o domínio de nenhuma técnica de artesanato e lascavam algumas pedras para usarem como armas contra animais.

- *É um povo originário da região da Amazônia. Muito guerreiros, migraram em direção ao sul ao longo dos anos, conquistando territórios duelando com outros povos indígenas. Assim que vieram habitar a região onde hoje é o Rio Grande do Sul. Viviam em um sistema de reciprocidade igualitária, ou seja, não havia pessoas privilegiadas no grupo, tudo era dividido igualmente. Seu modo de viver se alojava nos “Tekohás”, um espaço que englobava as terras onde o grupo vivia, as pequenas moradias, as plantações. Praticavam a cerâmica de forma muito desenvolvida. (resposta correta).*
- *É um povo originário do próprio território onde hoje está o Rio Grande do Sul. Só realizam práticas de guerra em situações que exigiam a defesa de seu território, pois, em geral, eram considerados pacíficos. Para sua sobrevivência, construía grandes prédios onde fosse possível protegerem-se dos ataques de animais. Também construíram grandiosos templos de adoração aos seus deuses. Sua alimentação era baseada no plantio e na venda de produtos agrícolas como a soja, mas também consumiam carnes.*

Com esta questão, queremos que o aluno, além de adquirir conhecimentos básicos sobre os indígenas guarani, consiga fazer uma primeira análise crítica nos conhecimentos que ele já detém. Colocamos em questão a situação de que o indígena guarani não é natural da região sul, e o remetemos à ideia dos processos migratórios pelo qual vários indígenas passaram. É possível que o aluno detenha a informação de que os povos indígenas existem atualmente e que eles eram maioria na sua região “antigamente” (expressão comum utilizada popularmente quando se quer designar algo sobre acontecimentos do passado). Porém, o aluno poderá estranhar (e entendemos que este estranhamento é positivo para o ensino, já que o instiga o conhecimento) a origem do povo, e depois verá que isto está correto, vindo a

tomar conhecimento dos processos migratórios e desfazendo-se do estático conhecimento que remete a ideia de que “antigamente os índios viviam aqui”.

Queremos também que o aluno perceba que as atividades de guerra eram comuns entre os povos indígenas, e que consiga começar a perceber que esta era uma época em que os territórios eram ganhos através da força. Ao mesmo tempo, apresentamos ao aluno/jogador, a questão da reciprocidade igualitária, fazendo-o perceber que o modo de vida destes povos indígenas era bastante diferente da realidade contemporânea ao jogador. Falar sobre o Tekohá é oferecer um conhecimento que ainda passa bastante despercebido nos estudos sobre os povos indígenas. Os Tekohás eram o espaço de vida dos guaranis totalmente diferente do atual espaço urbano, mas pode ser que tenham o mesmo significado para seus habitantes. Nesta primeira questão, o jogador estará também informado acerca da produção ceramista bastante característica dos guaranis.

#### 4.2.4. Contextualização

Uma nova caixa de texto abrirá explicando o contexto sobre o qual a Europa passara ao mesmo tempo em que os Guaranis povoavam a região do atual Rio Grande do Sul. A caixa de texto chegará até o século XVI, quando a Coroa Espanhola envia padres Jesuítas para catequizarem indígenas no novo continente descoberto: a América. Vejamos:

*“Durante o século XV, as pessoas que moravam no continente europeu levavam uma vida muito difícil. Os séculos anteriores foram de anos custosos, onde o modo de vida dos campos havia dado lugar para o das cidades. Alguns países surgiam, como a Espanha, nascida justamente neste século. A população tentava superar uma fase onde uma doença chamada peste negra havia destruído grande parte de seu povo. Junto à ela, uma longa fase de fome também precisava ser ultrapassada. Navegar em busca de outras terras parecia uma boa solução para acalmar a população e encontrar aquilo que lhe faltava. Como novas terras estavam sendo encontradas, Portugal e Espanha fizeram um acordo em 1494, o Tratado de Tordesilhas, que dividia e organizava a posse dos possíveis territórios conquistados. Entre estas terras, está a América, que quando foi descoberta pelos europeus, era habitada por*

*muitos povos indígenas. Para dominar estes povos e assim, dominar as terras que entendia que eram suas, a Espanha enviou para a América, padres que eram da Companhia de Jesus (chamados de Jesuítas), uma sociedade que, entre outras coisas, tinha como objetivo preservar a fé católica. A Missão dos Padres Jesuítas aqui na América era catequizar os indígenas, ou seja, convencê-los a serem católicos.”*

Esta passagem tem um caráter informativo e busca inserir o aluno dentro de conceito básico do conhecimento histórico: a simultaneidade. O aluno começa a perceber que a Europa tinha um modo de vida ao mesmo tempo em que os indígenas americanos tinham outro. Além disso, compreende qual era a função dos padres jesuítas na América, e ele, o próprio aluno/jogador, passará a ser um no decorrer do jogo.

#### 4.2.5. Recebendo a missão

Ao fechar a caixa de texto, aparecerá um Padre Jesuíta. O jogador será o padre. Ele poderá inserir nome neste Padre, e o personagem, que é o próprio jogador, se chamará “Padre Fulano de Tal”. Após inserir o nome do personagem, ele obrigatoriamente terá que inserir seu nome verdadeiro e um endereço de e-mail, assim como assinalar sua escolaridade ou profissão. Após, abrirá uma nova caixa de texto que dirá:

*“Padre, você acaba de receber uma missão do senhor Rei da Espanha: Vá habitar as proximidades do Rio da Prata na América, catequize os índios de lá e construa um povoado. Esta é sua missão”.*

Neste momento, entendemos que, ao fazer com o que jogador assuma o papel de um padre jesuíta, ele possa se sentir próximo às sensações que foram desfrutadas pelos padres, sensações de medo, dúvida, ansiedade. É evidente que a distância entre o real e o fictício é imensa, porém, através do envolvimento com o jogo, o aluno poderá tentar captar estes sentimentos para compreender de uma forma um pouco mais próxima a experiência missioneira no Rio Grande do Sul. Fica claro aqui que os padres tinham uma missão: catequizar indígenas e então, erguer povoados. Cabe ao jogador agora desenvolver esta missão através dos recursos oferecidos no jogo.

Muito importante também é o jogador perceber que ele está a serviço do Rei da Espanha: a partir de então, ele sempre há de ter em mente que não trabalha isoladamente, e passará, posteriormente, a ter clareza na ideia de que o primeiro grupo europeu a conquistar o Rio Grande do Sul é espanhol, e não português, como fora grande parte do Brasil.

Acreditamos que o aluno também irá conseguir fazer conexões com a diferença da vida europeia e da vida americana, e do quanto elas acabaram se interligando através das ações feitas pelas coroas, principalmente através dos jesuítas.

#### 4.2.6. 2ª fase – Negociando com os indígenas

A missão começa. A primeira cena que será vista será o encontro do Padre com o grupo de indígenas Guarani. Assim que o contato acontece, aparecerá um pequeno diálogo entre o padre (imagem 54) e o indígena (imagem 55). Abrirá uma caixa de texto com a segunda pergunta. A questão será sobre a forma como os padres e os indígenas se relacionaram para construir o povoado. A pergunta e as alternativas são as seguintes:

*Você acabou de encontrar com um índio guarani! Chegou a hora de se organizar para poder cumprir sua missão! Qual a melhor forma de se aproximar deste indígena?*

- *Usar a força. Organizar um exército que combata todos os indígenas que não quiserem ir para o Povoado e prender todos os que sobreviverem.*
- *Submeter-me a ele. Direi que sou seu servo e ele saberá que farei todas as suas vontades. Em troca disto, ele apenas precisa ir habitar o Povoado.*
- *Negociar. Tentarei mostrar a eles que existem vantagens se eles forem morar no Povoado mas, em troca, eles terão que atender alguns dos meus comandos. (resposta correta)*

Esta fase nos traz uma questão que vemos ser de fundamental importância: a compreensão de que o indígena não foi simplesmente subjugado pelos jesuítas e que sua cultura não fora totalmente dizimada. Sabemos que muitos costumes dos guaranis foram abandonados para que pudessem viver nos povoados viveiros, como a poligamia, não aceita dentro dos dogmas católicos. Porém, a ideia de que o jesuíta promoveu a dominação plena e totalmente

forçosa do indígena guarani para o estabelecimento das Missões no Rio Grande do Sul é muito simplório.



Imagem 54 – O padre jesuíta. Ilustração: Sibeles Righi Scaramussa



Imagem 55 – O indígena. Ilustração: Sibeles Righi Scaramussa.

É fundamental que se passe a ter a compreensão de que os Guaranis eram um povo acostumado com situações de guerra. Se tivessem se sentido ameaçados pelos jesuítas, dificilmente teriam permitido a organização dos povoados e a migração de seu povo para eles. É necessário se considerar que os jesuítas eram em número infimamente menor do que o de guaranis, sendo assim, uma estratégia de ludibriação e/ou força poderia ter sido desastrosa para os padres. Inventários encontrados nas Missões Jesuíticas<sup>26</sup> do Rio Grande do Sul demonstram a existência de obras escritas na língua guarani, por exemplo, o que demonstra que elementos da cultura do indígena foram preservados. Dominar o índio através da forma ou de forma superficial não

---

<sup>26</sup> NASCIMENTO, Anna Olívia do. OLIVERA. Maria Ivone de Ávila. **Bens e Riquezas das Missões**. Martins Livreiro Editor. Porto Alegre, RS: 2008.



teria garantido aos padres a segurança necessária para a construção das Missões, era necessário oferecer vantagens ao indígena. O fato de o guarani ter se aproveitado destas vantagens (que vão desde a proteção mútua, um espaço adequado destinado às lavouras, uma estrutura física apropriada para a moradia das famílias) não quer dizer que ele tenha aberto mão de sua cultura. Ele a apropriou de forma que obtivesse mais prosperidade e segurança para seu povo, mesmo que, em nome disso, precisasse se converter à crença em um novo Deus e abandonar algumas práticas, como o caso da poligamia, já citada.

Entender que o indígena foi ingênuo ao deslocar seu tekohá para dentro das missões é subestimar a capacidade do indígena de negociação e de observar o que poderia ser melhor para si e para o seu povo. As Missões eram vantajosas para os guaranis independentemente de o objetivo dos padres ser a expansão da fé católica e o domínio das terras em nome da coroa de Espanha. Evidentemente que, no correr dos anos, o aumento dos atritos entre Portugal e Espanha deixaram como mazela aos indígenas o extermínio dos povoados, mas se estes resistiram por entenderem que aquelas terras lhes pertenciam, significa que tinham uma vida próspera e afortunada nos povos missioneiros.

Sendo assim, nosso entendimento recai sobre a ideia de que os povos missioneiros foram resultado de uma ampla negociação entre padres jesuítas e indígenas guaranis, em uma relação de trocas que beneficiava ambos grupos envolvidos, originando uma vida diferente do que todos conheciam até então, baseada na mescla da ideia de reciprocidade interna dos guaranis, porém vinculada ao abastecimento das necessidades da Coroa Espanhola.

#### 4.2.7. 3ª fase – Construção da Igreja

Respondendo corretamente na fase anterior, o cenário irá de adequando. Abrirá uma caixa de texto em formato de carta, como se fosse vinda do Rei da Espanha. A carta dirá:

*“Muito bem, você já aprendeu a lidar com os indígenas. Agora construa uma Igreja”.*

Assim, abrirá a próxima questão, onde as alternativas serão fotos de Igrejas. O jogador deve escolher qual o modelo correto de Igreja que fora

adotado pelos jesuítas nos povoados missioneiros. Respondendo errado, o jogador receberá uma informação sobre a Igreja que escolhera.

As imagens disponíveis serão de uma Igreja em estilo gótico (imagem 56), de uma mesquita muçulmana (imagem 57) e de uma igreja que se assemelhe às ruínas da catedral de São Miguel (imagem 58).

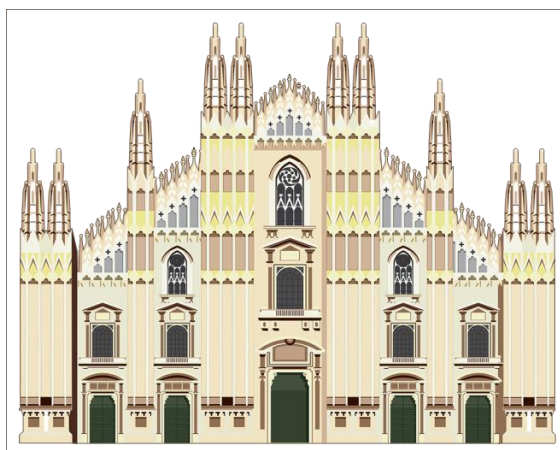


Imagem 56 – Igreja em estilo gótico. Ilustrações: Sibeles Righi Scaramussa.



Imagem 57 – Mesquita muçulmana. Ilustrações: Sibeles Righi Scaramussa.



Imagem 58 – Igreja católica coerente com o modelo adotado nas em São Miguel das Missões. Ilustrações: Sibeles Righi Scaramussa.

Escolhendo o modelo no estilo gótico, o jogador lerá a seguinte mensagem.

*“Você escolheu como modelo para seu povoado uma igreja católica no estilo gótico, mas o estilo gótico não fora adotado nas missões, pois durante o século XVII, o estilo gótico era considerado ultrapassado. Observe novamente as Igrejas e busque escolher o modelo que melhor se encaixa para o seu povoado”.*

Se o jogador escolher a mesquita muçulmana, lerá:

*“Você escolheu como modelo para seu povoado uma mesquita muçulmana, mas este estilo não fora adotado nas missões, era o modelo dos templos utilizados pela Igreja Islâmica, e não pela Igreja Católica. Observe novamente as Igrejas e busque escolher o modelo que melhor se encaixa para o seu povoado”.*

Escolhendo a imagem correta, a mensagem será a seguinte:

*“Parabéns, você escolheu a Igreja que melhor se encaixa com seu povoado. Este estilo foi adotado em São Miguel das Missões por ser inspirado na cultura europeia, conhecida pelos Padres, mas valendo-se também dos conhecimentos dos indígenas e aproveitando os recursos naturais da região”.*

O objetivo desta fase é situar o jogador dentro da produção arquitetônica missioneira, permitindo que observe que as construções dos povos missionários têm características próprias, baseadas nos recursos disponíveis na região e no estilo desenvolvido através das técnicas oriundas do conhecimento dos indígenas.

#### 4.2.8. 4ª fase – Implantação da lavoura

Tendo respondido corretamente, a Igreja aparecerá no cenário, já composto pelo campo, pelos padres e pelos indígenas. Abrirá uma nova caixa de texto com uma carta a mando do Rei de Espanha:

*“Estamos precisando de riquezas aqui na Espanha. Organize as lavouras”.*

Após dar o “ok”, o jogador será direcionado à uma parte do campo, na lateral da igreja, onde deverá plantar. Nesta fase, ele terá que escolher o que plantar frente diversas opções de sementes e mudas. Ele terá que escolher as corretas. Caso selecionar algum produto que não tenha sido produzido nos povoados, abrirá uma caixa explicativa dos motivos que aquele cultivo não fora

produzido nas missões. Estarão disponíveis, para serem selecionadas, as seguintes opções:

<i>Erva mate</i>	<i>Batatas</i>	<i>Feijão</i>
<i>Trigo</i>	<i>Mandioca</i>	<i>Arroz</i>
<i>Café</i>	<i>Guaraná</i>	<i>Abóbora</i>
<i>Algodão</i>	<i>Cacau</i>	<i>Milho</i>

Se o jogador selecionar café, algodão, guaraná e/ou cacau, abrirá a seguinte caixa de texto:

*Alguns produtos que você selecionou não poderão ser plantados, pois nesta região faz muito frio e eles não irão resistir. Faça como foi feito nas Missões, escolha aqueles cultivos que são capazes de resistirem ao inverno e serem rentáveis. Tente novamente.*

Acertando a resposta, o jogador vê esta mensagem:

*Parabéns! Você escolheu os cultivos ideais para o seu Povoado. Estes produtos são capazes de resistir ao frio da região e são muito rentáveis!*

Nesta fase, o jogador adquirirá conhecimento sobre os cultivos que eram produzidos nas Missões. Mesmo não tendo o conhecimento prévio acerca das produções nos povoados, se o jogador conseguir detectar os produtos que comumente são produzidos no Rio Grande do Sul, terá facilidade em responder a questão, porém isto necessitaria do pressuposto de que o aluno/jogador tenha um conhecimento prévio acerca do assunto ou que demonstre bastante capacidade crítica de observar o que tem maior mercado no atual Rio Grande do Sul. É importante que, sempre que assinalar algo equivocadamente, ele possa saber o motivo que faz com que determinado produto não seja de cultivo na região. As explicações são em torno das questões edafo-climáticas<sup>27</sup>, pois elas impossibilitariam o desenvolvimento de determinadas culturas agrícolas na região onde se estabeleceram os povoados missionários.

#### 4.2.9. 5ª fase – Colocação da cruz

A próxima etapa será a confecção e colocação da cruz. O Padre jogador aparecerá informando o indígena sobre o que irá fazer e na caixa de texto, eles

---

<sup>27</sup> Características edafo-climáticas são a soma das condições de solo, clima, água e vegetação de um local.

comentam que é hora de erguer a cruz missioneira. A etapa será uma pergunta: Será mostrado o formato da cruz missioneira e a pergunta questionará o porquê a cruz tem um formato diferente das cruzes católicas comuns. Respondendo corretamente, a cruz passa a ser inserida no cenário do povoado. Vejamos:

*“Chegou a hora de colocar aqui a nossa cruz, pois a cruz é o símbolo da nossa Igreja. Mas veja, aqui colocaremos uma cruz com um formato diferente!”*

*Questão: Porque a cruz missioneira tem este formato?*

- *A cruz tem dois braços pois representa a “fé dobrada”, ou seja, havia, nos povoados, o dobro de fé católica: aquela que viera acompanhada com os padres mais a fé que fora conquistada com os indígenas.*
- *O fato de a cruz missioneira ter dois braços não tem um significado especial, foi apenas a forma que os padres encontraram para colocar alguma característica especial em seus povoados.*
- *A cruz tem dois braços pois esta foi uma exigência dos indígenas, que queriam registrar que eles tinham uma outra religião antes de serem católicos, e acharam que seria correto se prestassem uma homenagem à ela, que seria o outro braço da cruz.*

Neste momento, o jogador irá enfatizar o conhecimento já adquirido, relacionado com a importância da Igreja católica nos povoados, e deverá finalmente perceber que o indígena abandona as suas práticas religiosas anteriores em função da cristianização.

#### 4.2.10. 6ª fase – Construção da casa dos indígenas

Em um diálogo, desta vez entre o Padre Fulano de Tal e um indígena líder dos Guarani, eles irão concluir que é hora de construir as casas para os indígenas.

*“Nosso povoado está cada vez mais rico. Acredito que é hora de oferecermos uma moradia melhor para os índios.”*

Abrirá um quebra-cabeça onde o jogador terá que montar uma imagem da casa dos indígenas (imagem 59). Após concluir a montagem do quebra-cabeça, a fase estará concluída. Aparecerão as casas dos indígenas no

cenário do povoado. Neste momento, o povoado estará em seu auge. Montando corretamente em, no máximo, 1 minuto, o jogador ganha os pontos.

O objetivo do quebra cabeça é deixar o aluno intrigado com o formato não convencional de casa que irá aparecer. Por ser uma casa coletiva, e não uma casa no modelo em que ele é acostumado a ver, ou ainda, no modelo de “oca” que geralmente é utilizado para designar a moradia indígena, o formato da casa provavelmente será estranho ao jogador. Assim que ele conclui a montagem do quebra-cabeça, a seguinte mensagem é visualizada:

*“Parabéns, você decifrou o formato de casa dos guaranis-missioneiros. As casas dos indígenas nas Missões eram coletivas, ou seja, mais de uma família dividia o mesmo espaço. As construções eram mais elaboradas do que aquelas que eles dispunham antes da vida no povoado.”*

Aqui será possível perceber que o indígena não adota moradias isoladas, mas sim coletivas, características que possuía desde antes da sua inserção nos povos missioneiros.



Imagem 59 – Casa dos Indígenas que será utilizada como quebra-cabeça a partir do modelo das casas de adobe. Ilustrações: Sibeles Righi Scaramussa.

#### 4.2.11. 7ª fase – O auge

Estando o povoado em seu auge, caberá ao jogador identificar todos os elementos que fazem com que o povoado esteja tão produtivo. Abrirá a seguinte questão:

*“Veja a lista abaixo e assinale todos os elementos que são importantes na vida do povoado missioneiro”. Alternativas (as corretas estão seguidas aqui de um asterisco, que, no jogo, não aparece):*

*Agricultura desenvolvida\**

*Reciprocidade entre os índios\**

*Organização religiosa católica\**

*Exportação de café*

*Exportação de erva mate\**

*Dependência da pesca*

*Aproveitamento do gado\**

*Ensino de português*

*Livros escritos em latim e em guarani\**

Se o jogador marcar alguma alternativa incorreta, lerá a seguinte mensagem:

*“Observe novamente as alternativas. Algo que você assinalou não parece fazer parte de seu povoado. Tente novamente”.*

Ao acertar a resposta com todas as alternativas corretas, o jogador poderá finalmente dar um nome ao seu povoado. Abrirá uma caixa de texto onde o jogador pode inserir o nome desejado, e este nome será seguido de “das Missões” (exemplo: se o aluno colocou o nome de “Povoado do João”, será acrescido ao nome “Povoado do João das Missões”).

*“Parabéns! Você conseguiu observar o seu povoado e entender o que é importante para a vida de vocês! Seu povoado está pronto, sua missão foi cumprida! Que tal comemorar sua vitória escolhendo o nome de seu povoado?”*

Esta é uma fase onde se busca organizar o pensamento do aluno/jogador acerca de tudo o que vira até o momento. É uma forma de sistematizar todo o conhecimento que ele veio absorvendo ao longo do jogo e apresentá-lo de forma clara. É uma fase que não apresenta novidades acerca do contexto histórico.

#### 4.2.12. 8ª fase – Contexto Histórico

A fase será uma nova questão. Caberá ao jogador relacionar o seu povoado criado no game com o contexto histórico dos povos das Missões. Vejamos:

*“Seu povoado alcançou o auge! Parabéns! Reflita agora... De que forma seu povoado pode ser comparado com a história missioneira no Rio Grande do Sul?”.*

- *Meu povoado se compara com a história missioneira no Rio Grande do Sul pois temos índios de diversos grupos vivendo nele. No meu povoado, assim como nas Missões, os indígenas aprenderam tudo com os padres, desde as técnicas de plantio e colheita até as formas de rezar.*
- *Meu povoado se compara com a história missioneira no Rio Grande do Sul pois aqui vivem, em maioria, indígenas guaranis, e eles, juntamente com os padres, deram o aspecto do povoado, pois muitos conhecimentos dos indígenas foram aproveitados e muitos elementos da sua cultura, como a língua, foram preservados. Apesar disso, a cultura dos padres também se fez presente no povoado, principalmente através da religião católica e tudo que a envolvia. (Resposta correta).*
- *Meu povoado não pode ser comparado com a história missioneira no Rio Grande do Sul pois nos verdadeiros povos habitaram vários grupos de índios, e aqui apenas os guaranis participaram. O estilo de casas que utilizei no meu povoado também é muito diferente daquele que existia nas Missões, tipos de ocas onde os índios viviam apenas com suas famílias. Ainda, sei que nas Missões do RS, a cultura do indígena foi totalmente preservada, enquanto aqui no meu povoado a influência dos padres foi muito grande.*

Pretendemos aqui, mais uma vez, que o aluno sistematize o conhecimento que já adquiriu ao longo do jogo, relacionando as atividades do jogo com a realidade vivida nos povos missioneiros. Mesmo que todo o jogo se dê baseado na realidade dos povoados, entendemos, mais uma vez, que organizar o pensamento do aluno/jogador seja de fundamental importância.

#### 4.2.13. 9ª fase – O Tratado de Madrid

Nesta fase, o jogador deverá entender e saber sobre o Tratado de Madrid. Abrirá uma caixa de texto explicando a criação da Colônia do Sacramento pelos portugueses e as tentativas da Coroa de Portugal de aumentar suas posses na América. Após, caberá ao jogador responder corretamente uma



questão sobre qual o Tratado que interferiu no desenvolvimento dos povoados, quando foi assinado e em qual contexto se insere. Vejamos a sequência:

*“Problemas... Parece que os portugueses nunca ficaram felizes com o domínio de espanhóis, como você, nestas terras. Antes mesmo do primeiro povoado ser fundado, eles fundaram, em terras que eram da Espanha segundo o Tratado de Tordesilhas, a Colônia do Santíssimo Sacramento. Isso foi em 1680, enquanto São Borja, o primeiro povoado das Missões, foi fundado apenas em 1682. Ao ver a sua prosperidade, os portugueses resolveram dizer que querem as suas terras. Um acordo foi assinado sobre isso em 1750. De que acordo estamos falando?”*

- *Do Tratado de Madrid, assinado por Portugal e Espanha, determinando que a Espanha trocava os 7 Povos pela Colônia do Sacramento, e os portugueses, assim, teriam o domínio dos Povoados. Além disso, interessava aos portugueses a região norte do Brasil, incluindo a atual Amazônia, que havia sido conquistada por jesuítas a mando da Coroa de Portugal. (resposta correta)*
- *Do Tratado de Badajós, assinado por Portugal e Espanha, determinando que a área missioneira seria, de fato, portuguesa. Desta forma, o formato das fronteiras tais quais as que hoje o Rio Grande do Sul tem, estariam definidas e o estado passaria a ser português.*
- *Do Tratado de Utrecht, assinado por Portugal e Espanha, determinando que a Colônia do Sacramento era portuguesa, apesar de estar localizada em terras que, segundo o Tratado de Tordesilhas, eram espanholas, e obrigava os espanhóis que haviam dominado a Colônia a deixarem-na.*

Assim que o jogador acertar a resposta lerá o seguinte:

*“Você acertou, o Tratado de Madrid diz que, agora, você e todos os indígenas de seu povoado devem abandoná-lo. Vocês devem se mudar para a Colônia do Sacramento.”*

*“Mas espere... Parece que os indígenas não estão aceitando as imposições do Tratado de Madrid. Eles estão dizendo que vão ficar, nem que para isso, tenham que lutar. Eles estão dizendo que as terras são deles, e não de Portugal e nem da Espanha!”*

Esta é uma fase que dá sequência aos acontecimentos relacionados aos povoados missioneiros. Além de saber identificar as questões que se relacionam ao Tratado de Madrid, o aluno irá mais uma vez entrar em contato com a situação de que a colonização do atual RS não foi efetivada por portugueses como grande parte do Brasil. Mais uma vez, desejamos aproximar o aluno/jogador dos sentimentos que de possam ter desfrutados os padres e os indígenas durante a experiência missioneira. O aluno/jogador passará, a partir de agora, a tentar proteger o que ele mesmo construiu a partir dos desafios que encontrou ao longo do jogo.

#### 4.2.14. 10ª fase – A Guerra Guaranítica

Esta é a última fase do jogo. É o único momento em que o jogador terá a possibilidade de mudar o curso da história dos povoados missioneiros. Ele tem a chance de salvar seu povoado. Será aberta uma caixa de texto em alerta:

*“ATENÇÃO. As Coroas de Portugal e Espanha não admitem que os indígenas se recusem a abandonar suas terras. CUIDADO, você será atacado por um Exército Luso-espanhol”.*

A partir de então, o jogador será alertado que ele terá apenas 10 segundos para se preparar para este confronto. Alternativas irão aparecer na tela e o aluno deverá escolher uma estratégia de guerrilha, com a frase:

*“TENTE SALVAR SEU POVOADO – O QUE VOCÊ PRECISA FAZER?”.* O aluno deverá então selecionar os itens que ele poderia utilizar em caso de guerra. Esta fase será por tempo, ou seja, o jogador terá apenas 10 segundos para fazer a sua seleção e dar o ok. O motivo do uso do tempo é tentar mostrar ao jogador que, se os Povos Missioneiros tivessem tido mais tempo e condições de se preparar para uma guerra tal qual a que enfrentaram, o curso de sua história poderia ter sido diferente. Se o aluno conseguir formar sua estratégia em tempo ele poderá vencer o Exército Luso-Espanhol. Caso contrário não conseguirá a vitória. Vejamos as alternativas (as corretas estão seguidas aqui de um asterisco, que, no jogo, não aparece):

*Usar técnicas de caça de animais*

*Usar técnicas de guerrilha\**

*Escolher um líder\**

*Formar um exército livre, sem lideranças*

*Usar armamentos\**

*Usar apenas da força física*

*Mandar a população ir embora para que não seja atacada*

*Preparar a população para o combate\**

*Organizar apenas o sistema de defesa*

*Organizar os sistemas de defesa e de ataque\**

Se o jogador tiver vencido, abrirá uma caixa de texto dizendo:

*“Você acabou de enfrentar um momento conhecido como Guerra Guaranítica, que ocorreu entre os anos de 1754 e 1756. E... Parabéns! Você conseguiu se organizar em tempo e derrotou o exército Luso-Espanhol! A sua agilidade para organizar seu exército foi decisiva para sua vitória! Seu povoado seguirá próspero, seguro e feliz! Por isso, você ganhou 5 pontos extras! E a história dos povos missioneiros, como foi? (assinale a alternativa correta)”*

Se ele não conseguir vencer a guerra, teremos o seguinte:

*“Você acabou de enfrentar um momento conhecido como Guerra Guaranítica, que ocorreu entre os anos de 1754 e 1756. Mas... Infelizmente, você não conseguiu se organizar e derrotar o exército Luso-Espanhol... Você precisaria ter armado sua tática de guerra mais rapidamente. Seu povoado foi destruído... E a história dos povos missioneiros, como foi? (assinale a alternativa correta).”*

- *Os povos missioneiros foram vitoriosos, pois os indígenas conseguiram derrotar o exército luso-espanhol e puderam seguir vivendo em suas terras. A grande importância da Guerra Guaranítica foi que os indígenas conseguiram aprender a se organizar militarmente, transformando as Missões em um ambiente próspero e bastante seguro. Sabemos que os Povos Missioneiros ainda hoje são muito prósperos, e isso se deve em grande parte à vitória alcançada na Guerra Guaranítica.*
- *Não podemos dizer que os povos missioneiros foram derrotados, mas também não foram vitoriosos. A Guerra Guaranítica foi bem equilibrada, os indígenas conseguiram lutar de igual para igual contra o exército luso-espanhol. O problema foi que, ao término da guerra, os missioneiros perceberam que tinham gasto muito dos seus recursos em função da guerra, o que empobreceu as Missões. Sendo assim, ao longo dos anos,*

*os indígenas acabaram abandonando seus povoados em busca de lugares com melhores condições de vidas. Assim, os povoados foram lentamente ruindo, justamente por terem sido abandonados.*

- *Os povos missioneiros foram derrotados na Guerra Guaranítica. Como o exército luso-espanhol era muito mais bem armado e equipado, a derrota dos indígenas acabou acontecendo. Suas armas eram muito simples e eles não tinham um exército preparado e treinado para um confronto como este. Os povoados foram destruídos e, grande parte dos indígenas e dos padres que viviam nas Missões, foi dizimada. Muitos dos descendentes dos índios que habitaram as Missões acabaram ao longo dos anos, tendo que se misturar com a população das cidades que foram surgindo, vivendo em situação de marginalidade e pobreza. (resposta correta).*

Se acertar todas as questões e se tiver “vencido” a Guerra Guaranítica, o jogador terá alcançado, na verdade, 105 pontos. Assim, ele poderá inserir seu nome e haverá uma listagem na própria página com o nome de todos aqueles que alcançarem esta pontuação (será o “prêmio” por ter passado a pontuação máxima).

Nesta última fase, o jogador então tomará conhecimento do desfecho da história dos povoados das Missões. Na ideia de poder salvar seu povoado, queremos mais uma vez mexer com as emoções do jogador (mesmo que ainda profundamente distantes do que fora vivido realmente pelos indígenas e pelos padres), baseados na ideia de que, ao construir algo, o aluno/jogador desejará preservá-lo. E preservar é uma das palavras fundamentais para a valorização do Patrimônio.

É válido explicarmos aqui que a figura de Sepé Tiarajú não recebe destaque ao longo do jogo, assim como nenhum padre jesuíta. Sepé Tiarajú fora um indígena que liderou os guaranis nas lutas contra o exército luso-espanhol durante a Guerra Guaranítica, inúmeras vezes apontado como “herói” missioneiro. A nossa pretensão em não destacar nenhuma figura histórica específica se dá amparada na ideia de que a história foi feita por um conjunto de pessoas, independentemente de seu nome estar a salvo na historiografia ou não. Vários indígenas lutaram de forma aguerrida na tentativa de salvar o seu povo, mas não temos fontes que registrem seus nomes. Entendemos que é válida a situação de não citarmos nomes justamente para não estimularmos o

conceito de heroificação de personagens isolados, mas sim de um grupo de pessoas dispostas a salvar o seu lugar. É a conclusão da ideia apresentada no início deste trabalho, de que a história não é feita de fatos, é feita de pessoas, onde os eventos que são abordados são sempre amparados nas ações humanas.

#### 4.2.15. Reflexão – O indígena hoje

Ao término do jogo, iniciará um novo vídeo, com áudio e imagens, produzido pela mestrandia. Nele, algumas questões referentes aos indígenas serão tratadas, como suas condições de vida após a destruição dos povos e as condições atuais. Ao longo do vídeo, o aluno/jogador será instigado a refletir sobre como se sentiria se fossem os descendentes dos indígenas do seu povo que estivessem na situação de miséria hoje. Ficará uma mensagem de alerta para a sociedade quanto à forma como vê os povos indígenas. No final do vídeo, será tratada a questão da produção missioneira atual, conforme abordado no primeiro capítulo desta dissertação. O jogador será avisado que, se tiver interesse em conhecer um pouco mais sobre a cultura dos missionários, ele tem a sua disposição alguns links na página que redirecionam para outros sites e também para músicas no you tube, etc.

O texto que é narrado no vídeo é o seguinte:

*“Destruição... Ruína... Abandono. Foi este o desfecho da linda história Missioneira no Rio Grande do Sul. Ao não resistirem aos ataques sofridos na Guerra Guaranítica, os habitantes das Missões que sobreviveram, abandonaram seus modos e partiram em busca de outras formas de vida e sobrevivência. Como você se sentiria que o povo que você lutou tanto pra erguer tivesse acabado assim? Aquilo que, outrora, fora um cenário de vida, hoje são espaços destinados à visitação, em um cenário de abandono e de saudade. Porém, os resquícios das Missões não estão apenas nas paredes de pedras que ainda estão de pé. Existem tantos descendentes de Guaranis no Brasil que são filhos desta história. Eles tiveram que se adaptar à todas as transformações da sociedade para conseguirem sobreviver. Hoje, a grande maioria deles vive em condição de pobreza e miséria, à margem da sociedade. Muitas vezes são vistos e tratados como se fossem um problema para as*

*idades. Mas será que não é a cidade um problema para os índios? E se fossem os índios do seu povo, como você se sentiria? Está na hora de todos termos consciência de que os índios que vivem nas cidades não estão roubando nenhum espaço, estão apenas tentando se inserir em uma sociedade que não lhe dá espaço. Mude sua atitude, faça sua parte. Aqui você construiu um povoado missioneiro... E o que você pode fazer pelos verdadeiros descendentes desta história?"*

Ao término do vídeo, sem áudio, aparecerão as informações acerca dos recursos ainda disponíveis na página, como os links. A indicação de links evita, para este projeto, as questões relacionadas à direitos autorais (pagamento de ECAD, por exemplo). O vídeo encerra, ainda sem áudio (apenas com textos) agradecendo a visita do jogador e sugerindo que ele indique a página à outras pessoas, para que todos conheçam mais sobre a história das missões:

*Agradecemos a sua visita!*

*Muito obrigado por ter tentado erguer seu povoado!*

*Juntos, estamos salvando a história das Missões no Rio Grande do Sul!*

*Envie a página para seus amigos, colegas e professores.*

*Convide eles para saberem mais sobre os 7 Povos!*

Será importante avisar e destacar o link que redirecione à dissertação final (ou ainda, disponibilizá-la em pdf para download), assim como o e-mail para contato com a Mestranda, com o responsável pelo desenvolvimento do aplicativo e com a responsável pelas ilustrações.

## 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tamanhos foram os desafios que se apresentaram para o desenvolvimento deste trabalho. Tudo partiu de minha própria história e do meu amadurecimento enquanto professora e historiadora. Propor uma ferramenta que auxilie no ensino de história é parte da consciência que tomei das condições precárias da educação do país em que vivo e também pelas formas tão distorcidas e estáticas sobre as quais vi a história se passar diante de mim desde que passei a me interessar por ela.

Eu sabia que havia algo de errado (ou algo faltando) na história que eu estudava antes de entrar para o Curso de História. Foram necessários muitos estudos, muita compreensão sobre a Teoria da História pra que eu pudesse compreender o que eu pensava, mas não conseguia verbalizar. Foi assim que percebi que, as minhas leituras, eram totalmente fundamentas na corrente positivista, e eu me identificava muito mais com a História Cultural, cheia de pessoas e das nuances das suas vidas.

Foi assim que chegamos à conclusão deste trabalho. Já consciente de que a história estava sendo mal trabalhada nos espaços escolares e nos meios que eu frequentava, é que parti a investigar de que forma este “ensino mal feito” se dava. O eixo temático destas investigações foi um dos assuntos que sempre me fascinou: A história das Missões Jesuíticas no RS, também conhecida como a história dos 7 Povos das Missões. Mas não bastava me abancar em autores reconhecidos e criticar suas obras quando elas não se encaixassem com o nosso entendimento da história das Missões. Era necessário ver onde e como estas obras tomavam forma, onde as suas concepções estavam aparecendo e sendo repetidas, onde se dava esta difusão que consideramos ser equivocada sobre a história Missioneira. Foi assim que chegamos aos nossos objetos: os livros didáticos que circulam no Brasil nas escolas de educação básica e as provas que são aplicadas em concursos de Prendas e Peões promovidos pelo MTG.

Nos livros, notamos que o conteúdo é, comumente, tratado de forma secundária, deslocado em seu contexto e com grandes equívocos. Pudemos ver não ser prioridade dos autores dos livros didáticos que investigamos tratar



de questões referentes às Missões Jesuíticas. Parece-nos, até mesmo, que muitos autores não dominam este “conteúdo”, ao ponto de não conseguirem sequer o situar no tempo (como os casos em que vimos onde as Missões aparecem antecedendo o conteúdo que trata da ação dos bandeirantes ou o caso da Guerra Guaranítica como um evento de 17 anos de duração). Nossas investigações nos livros didáticos nos mostraram que muitos autores desconhecem ou não priorizam a história das Missões, e raríssimos momentos colocam em questão a situação humana tanto dos indígenas quanto dos padres jesuítas.

O caso das provas do MTG também segue a linha de desvalorização da condição humana da história das Missões. Nelas, se mostra um domínio mais pleno do assunto enquanto “conteúdo”, porém totalmente imerso em um conhecimento estático que segue a lógica positivista da História. Ao longo dos últimos 10 anos, as provas mudaram em seu estilo, sendo, as mais antigas, com textos mais extensos e que, em certos momentos, estimulavam certa criticidade, e as mais atuais, mais curtas e diretas. Apesar destas diferenças, a exigência segue sendo a mesma: conhecer datas, nomes de pessoas, nomes de lugares, nome de “fatos”, as suas causas e consequências, como se estas pudessem ser enumeradas sistematicamente, como forma de concluir o “conteúdo”. Foram questões como estas que fizeram com que muitas “gurias” como eu não conseguissem vencer um concurso de Prendas do Rio Grande do Sul, e este é um sonho que se alimenta e toma forma em muitas de nós. Costumamos ouvir que “nós pensamos demais”. Por isso a dedicatória deste trabalho, a tantas e tantas prenda e conheço que são verdadeiros ícones no tocante ao entendimento da história e da cultura em suas regiões e cidades, ícones do querer saber mais, mas cujos espaços de atuação na instituição que deveria prezar por isso por ter se feito porta-voz da cultura do Rio Grande do Sul (o MTG) são escassos e limitados, caso não estejamos dispostas a reproduzir o entendimento que a diretoria vigente desejar.

Entendemos que o MTG, que busca atuar como porta-voz das mais diversas manifestações culturais rio-grandenses, deveria ter mais zelo no tocante à história do Rio Grande do Sul, pois esta instituição vale-se de um amplo espaço conquistado para poder difundir a história do RS, e deveria então aproveitá-lo para fazê-lo de forma responsável, atualizando-se às correntes

historiográficas e buscando sempre a questão humana nos conteúdos históricos.

Após todas estas conclusões, nos preocupamos em pensar em um produto que pudesse apresentar a história das Missões de uma forma mais coerente e, claro, mais elaborada no tocante à condição humana. Poderíamos ter optado por um livro ou uma exposição, mas sabemos que seu alcance seria limitado. O livro depende da tiragem, da distribuição, das condições do leitor de adquiri-lo ou do escritor de conseguir recursos para distribuí-lo gratuitamente. Ainda sim, fica restrito à sua tiragem. A exposição se limita ao lugar e às pessoas com disponibilidade e interesse de visitá-la, tem tempo de início e fim, não é algo cujas impressões perdurem por muito tempo. Optamos então pela internet, uma ferramenta popular e de fácil acesso. Mais uma vez, sabemos que não são todas as pessoas do Brasil com condições de acesso, mas defendemos ser a ferramenta que pode atingir mais pessoas.

Definida a escolha da internet como nosso meio de divulgação, pensamos em algo que fosse atrativo e interessante para o público em idade escolar (apesar que, mesmo os que estiverem em idade mais avançada, creio que terão interesse em visitar e conhecer o nosso jogo se o assunto lhes for interessante. Sempre que levo jogos aos meus alunos em sala de aula, confesso que me entretenho bastante quando estou os analisando/estudando/jogando!). Optamos por um jogo, que estimulasse o senso crítico do aluno, que o colocasse no lugar das pessoas que fizeram as Missões acontecerem.

Assim, elaboramos este jogo onde o jogador assume a função de um padre jesuíta, e recebe a missão de construir uma Missão. Ele deve negociar com os indígenas, escolher o melhor lugar para seu povoado, observar o modelo arquitetônico, observar o tipo de cultivo agrícola que podem vingar na região, até que se chegue ao derradeiro momento da Guerra Guaranítica. O jogador pode salvar seu povoado se escolher, em alguns segundos, a melhor técnica de guerra. Foi a forma que encontramos de demonstrar que os Povos das Missões não estavam preparados para lidar com uma guerra tal qual a que eles enfrentaram. O jogo se encerra com uma análise crítica acerca das condições atuais do indígena, da sua situação tantas vezes marginalizada na sociedade, tentando posicionar o jogador de forma a compreender a sociedade

em que ele mesmo está inserido, levando-se em conta que estes indígenas são descendentes da população que, pioneiramente, ocupou a América e o local onde o jogador vive.

Evidentemente que, para que tudo isto fosse pensado e organizado, muitas leituras e estudos foram feitos. Era necessário ter muita consciência e conhecimento acerca do assunto que iria ser tratado no jogo. Estudar as Missões, sua história e sua gente, era primordial. Conhecer os caminhos que fizeram com a história das Missões acontecesse é um dos pontos cruciais que permitiram que este trabalho se desenvolvesse. Como poderia eu falar sobre as Missões que se organizaram no Rio Grande do Sul se eu não compreendesse plenamente a situação que trouxe os jesuítas até aqui? Como eu poderia falar dos indígenas missioneiros sem refletir na vida que eles tinham antes da organização das Missões? Era preciso compreender a história como um todo, para poder explicar a forma como a entendemos. Era preciso saber claramente a importância da figura humana nos trâmites da história (que, mesmo parecendo óbvio, muitas vezes não o é), colocarmos uma base sólida capaz de estruturar, teoricamente, aquilo que viemos apresentar na prática.

Além disso, era necessário compreender a identidade destes Missioneiros. A identidade das Missões ainda é muito viva e muito forte. É muito delicado pensarmos em oferecer um produto que fala da história de um povo sem levarmos em consideração o que este povo pensa sobre si, sobre o seu passado, sobre a sua gênese, sobre as formas que fizeram com esta identidade sobrevivesse (ou não, como é o caso de São Borja) ao longo dos anos.

Outro ponto fundamental para que este trabalho se concluísse foi conhecer o que existe hoje destes 7 Povos. Como poderia eu falar com tanta propriedade sobre algo cujos resquícios estão a poucos quilômetros de mim e eu não conhecia? Falo aqui, dos resquícios dos lugares, da arquitetura, dos espaços, do ambiente. O maior resquício desta história eu encontro pelas ruas de Santa Maria quase todos os dias, a vender artesanato, a serem tratados como um problema da cidade, a serem vistos como um estorvo. Ainda não fiz nada (e me condeno por isso) que viesse a ser realmente eficaz na vida destes indígenas cujos espaços foram surrupiadados pelos ancestrais da minha etnia branca, mas, por enquanto, me conforta a ideia (me conforta, não me

acomoda) de que posso falar sobre respeito ao outro, tanto através deste jogo que foi produzido quanto nos inúmeros momentos em sala de aula que posso alimentar, nos meus alunos, agentes da sociedade brasileira de daqui poucos anos, a preocupação com as questões que envolvem o indígena, enquanto ser humano e enquanto integrante de um grupo social que tem todo o direito de querer preservar seus valores e sua cultura.

E assim concluímos este trabalho, fruto de muitos anos de estudos, aprendizado, amadurecimento. Nunca eu teria imaginado que aqueles passos de ballet teriam me trazido até aqui. Na busca de lugares para dançar, encontrei lugares que tinham muito a dizer sobre si mesmos. E assim, fiz esta trajetória.

Como eu disse antes, a tela está aqui. O pé de bailarina no pano de fundo, a moldura feita do gosto pelas coisas do Rio Grande do Sul, a abrigar uma tela sem nomes, mas cheia de gente. De tudo que falei sobre ela, apenas não citei um elemento fundamental: sua tinta. Vejo nesta obra de arte as cores de uma tinta chamada cultura, pois ela permite que as cores se fundam, se misturem, e se tornem chamativas. Dizem que uma existência vazia é uma vida sem cor. O que seria da história sem as cores da cultura?

## 6 – LITERATURA CITADA – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A MÚSICA nas Missões Jesuíticas. **Rainha dos Apóstolos**, p. 38, nov. 1928. Arquivo Provincial Palotino.

ALBECHE, Daysi Lange. **Imagens do Gaúcho. História e Mitificação**. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 1996.

AZEDEVO, Gislaíne. SERIACOPI, Reinaldo. **Projeto Têlaris**. São Paulo; Editora Ática, 2012.

BEAUCHAMP, A.; GRAVELINE, R.; QUIVIGUER, C. **Como animar um grupo**. São Paulo, SP: Ed. Loyola, 1980.

BRUM, Ceres Karan. **“Esta terra tem dono.” Representações do passado missioneiro no Rio Grande do Sul**. Santa Maria, RS: Editora UFSM, 2006.

BRUM, Ceres Karan. MACIEL, Maria Eunice. OLIVEN, Ruben George. (orgs.) **Expressões da Cultura Gaúcha**. Santa Maria, RS: Editora UFSM, 2010.

CANCLINI, Nestor Garcia. O Patrimônio Cultural e a construção imaginária do nacional. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Rio de Janeiro, RJ: 1994.

COLEÇÃO ARARIBÁ. São Paulo: Editora Moderna, 2012.

CUCHÊ, Denys. **A noção de Cultura nas Ciências Sociais**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

CUSTÓDIO, Luiz Antônio Bolcato. Missões Jesuíticas: Arquitetura e Urbanismo. In Memorial do Rio Grande do Sul – Caderno de História nº 21. Disponível em <[www.memorial.rs.gov.br/cadernos\\_missoes.pdf](http://www.memorial.rs.gov.br/cadernos_missoes.pdf)> Acesso em 23 jan. 2013.

DUARTE, Thiago Scott. **Lanças erguidas, espadas no ar: como a música regionalista da Califórnia da Canção Nativa escreve a história do Rio Grande do Sul**. Trabalho de Conclusão de Graduação (Curso de História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

EAGLETON, Terry, **A idéia de Cultura**. Tradução de Sandra Castello Branco. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

FERREIRA, Cyro Dutra. **“35 CTG” O pioneiro do Movimento Tradicionalista Gaúcho**. Porto Alegre, RS: Editora 35 CTG, n/d.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 1997.

GADOTTI, Moacir. **História das idéias pedagógicas**. 6ª ed. São Paulo: Ática, 1990.

GOMES, Carla Renata Antunes de Souza. **De Rio-Grandense a Gaúcho: o triunfo do avesso. Um processo de representação regional na literatura do século XIX (1847 – 1877)**. Porto Alegre, RS: Editoras Associadas, 2009.

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. **Nação e Civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de História Nacional**. São Paulo: Associação de Pesquisa e Documentação Histórica, 1988.

GUTFREIND, Ieda. A historiografia sul-rio-grandense e seus fundamentos. In **Historiografia Rio-Grandense**. Porto Alegre, RS: Ed. da UFRGS, 1992.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HUNT, Lynn (org.). In. *A Nova História Cultural*. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1992.

JÚNIOR, Alfredo Boulos. **História – Sociedade e Cidadania**. São Paulo: Editora FDT, 2012.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto Editora; Editora PUC Rio, 2006.

LAJOLO, Marisa. **LIVRO DIDÁTICO: um (quase) manual do usuário**. Brasília, 1996. Disponível em <<http://www.emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/1033/935>> Acesso em 10 jul. 2013.

LESSA, Barbosa. **O sentido e o valor do Tradicionalismo**. Disponível em <<http://www.mtg.org.br/valor.html>>. Acesso em 4 out. 2011.

LIBÂNEO, José C. Tendências pedagógicas na prática escolar. In LIBÂNEO, José C. **Democratização na escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. 15ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

LOPES, William Molinos. **Lucidade e história: uma proposta de jogo educacional que aborde a Guerra Guaranítica**. Trabalho de Conclusão de Graduação (Curso de História – Licenciatura Plena e Bacharelado). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2009.

MARQUES, Lílian Argentina Braga. RIBEIRO, Paula Simon. SANCHOTENE, Rogério Fossari. CAMPOS, Sonia Siqueira. **Rio Grande do Sul – Aspectos do Folclore**. Porto Alegre, RS: Martins Livreiro Editor, 1989.

NAPOLITANO, Marcos. Cultura. In PINSKY, Carla Bassanezi (org). **Novos temas nas aulas de história**. São Paulo: Contexto, 2009.

NAPOLITANO, Marcos. Fontes audiovisuais: A história depois do papel. In PINSKY, Carla Bassanezi (org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

NEMI, Ana Lúcia Lana. BARBOSA. Muryatan. **Coleção Para Viver Juntos**. São Paulo: Editora SM, 2011.

NEUMANN, Eduardo Santos. Vale o escrito – Os Guaranis se manifestaram contra a demarcação de limites na América do Sul usando cartas e bilhetes como armas. In **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro, 2012.

ORDOÑEZ, Marlene. MACHADO, Lizete. **Eu gosto m@is**. São Paulo: IBEP, 2012.

PERANZONI, Vaneza Cauduro. BASSO, Berenice Geschwind. RODRIGUES,

Márcia Cristina Gomes. COSTA, Leandra Costa da. Reflexões sobre jogos e brinquedos na infância. In CAMARGO, Maria Aparecida Santana [et.al.] (Orgs.) **Pesquisa na Universidade: mosaico de vivências acadêmicas**. Cruz Alta: UNICRUZ, 2012.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **A Invenção da Sociedade Gaúcha**. Porto Alegre, RS: Ensaio FEE, 1993.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. SANTOS, Nádia Maria Weber. ROSSINI, Miriam de Souza (orgs.). **Narrativas, Imagens e Práticas Sociais – Discursos em História Cultural**. Porto Alegre: Ed. Asterisco, 2008.

POMMER, Roselene Moreira Gomes. **Missioneirismo. História da Produção de uma Identidade Regional**. Porto Alegre, RS: Martins Livreiro Editor, 2009.

PRATS, Llorenç. El concepto de patrimonio cultural. In **Política y Sociedad**. 27. Madrid: Universidade de Barcelona, 1998.

QUEVEDO. Júlio. A regulamentação do trabalho indígena nas Missões Jesuíticas. In **Revista Latino-Americana de História**. Vol. 1, nº 3. Março de 2012. p.24-44.

QUEVEDO, Júlio. As origens missioneiras de Santa Maria. In WEBER, Beatriz. RIBEIRO, José Iran. (Orgs.). **Nova História de Santa Maria. Contribuições Recentes**. Santa Maria, RS: Ed. Palotti, 2010.

QUEVEDO, Júlio. **História Compacta do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 2003.

RATTO, Sílvia. Rompecabezas para armar: el estudio de La vida cotidiana em um âmbito fronteirizo. In **Memoria Americana**, n. 13, 2005, PP. 197-207.

SANTOS, Joel Abílio Pinto dos. **Polígrafo de Teoria da História I**. Santa Maria, RS: UFSM, 2006.



SANTOS, S.M.P. dos (Org.). **O Lúdico na formação do Educador**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

SANTI, Álvaro. **Do Partenon à Califórnia. O Nativismo Gaúcho e suas origens**. Porto Alegre, RS: Ed. Da UFRGS, 2004.

SARAIVA, Glaucus. **Carta de Princípios do Movimento Tradicionalista Gaúcho**. Disponível em <<http://www.mtg.org.br/principios.html>>. Acesso em 4 out. 2011.

SOARES, André Luis Ramos (org.). **Educação Patrimonial: relatos e experiências**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2003.

SWAIN, Tânia. Você disse imaginário? In: SWAIN, Tânia N. (Org.). **História no Plural**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1994.

TRANCOS MISSIONEIROS. LP de Noel Guarany, Jayme Caetano Braun, Cenair Maicá e Pedro Ortaça. CBS/Discoteca Produções, 1987.

VALENZUELA, Tainá Severo. **Personagens anônimos da história Rio-Grandense e seu reflexo no contexto musical nativista do Rio Grande do Sul**. Trabalho de Conclusão de Graduação (Curso de História – Licenciatura Plena e Bacharelado). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.

VICENTINO, Cláudio. Projeto Radix – Raiz do Conhecimento. São Paulo: Editora Scipione, 2011.

ZIENTARA. Beditk. Fronteira. In **Enciclopédia Einaudi**, vol. 14, Estado-Guerra. Lisboa: IN – Casa da Moeda, 1989, PP 306-317.